



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS**

EMILIANO TORQUATO JÚNIOR

**“E LÁ VEM ELE”: UMA ETNOGRAFIA DA PROCISSÃO DO SENHOR BOM
JESUS DOS NAVEGANTES EM PENEDO/AL**

**MACEIÓ/AL
2018**

EMILIANO TORQUATO JÚNIOR

**“E LÁ VEM ELE”: UMA ETNOGRAFIA DA PROCISSÃO DO SENHOR BOM
JESUS DOS NAVEGANTES EM PENEDO/AL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Prof. Dr. Wagner Neves Diniz Chaves
(Orientador)

MACEIÓ/AL
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante

T687e Torquato Júnior, Emiliano.
“E lá vem ele”: uma etnografia da procissão do Senhor Bom Jesus dos navegantes
Em Penedo – AL / Emiliano Torquato Júnior. – 2018.
154 f. : il. Color.

Orientador: Wagner Neves Diniz Chaves.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 144-148.
Anexo: f. 149-154.

1. Antropologia social. 2. Etnologia. 3. Procissão – Bom Jesus dos Navegantes
Penedo (AL). 4. Religião – Católica. I. Título.

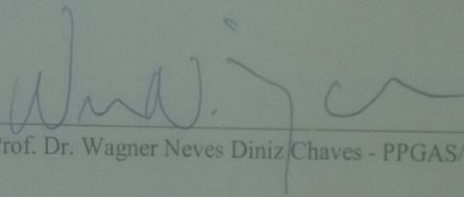
CDU: 398.33

FOLHA DE APROVAÇÃO

EMILIANO TORQUATO JÚNIOR

“E LÁ VEM ELE”: UMA ETNOGRAFIA DA PROCISSÃO DO SENHOR BOM
JESUS DOS NAVEGANTES EM PENEDO/AL

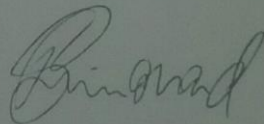
Dissertação submetida ao corpo
docente do Programa de Pós-
Graduação em Antropologia
Social/ PPGAS da Universidade
Federal de Alagoas e aprovada em
02 de março de 2018.



Prof. Dr. Wagner Neves Diniz Chaves - PPGAS/ UFAL (Orientador)

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Fernanda Rechenberg - PPGAS/ UFAL (Examinadora Interna)



Prof. Dr. Pedro Simonard - PPG Pleno II/ UNIT-AL (Examinador Externo)

Coordenador (a) do PPGAS

Ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, por ter me dado
força e sabedoria e não ter deixado a minha *barca*
naufragar nesse mar tumultuoso chamado Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me dar a disposição e a coragem para finalizar este trabalho.

Aos meus pais, que sempre acreditaram que a Educação é o melhor caminho para o desenvolvimento de uma pessoa, não poupando esforços para o investimento nos meus estudos.

A todos os meus irmãos, especialmente a Suely, pela guarita em Maceió, nos vários dias pernoitados frente à luta pela realização de um sonho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wagner Neves Diniz Chaves, por ter acreditado na minha proposta de pesquisa e, mesmo à distância, ter me dado toda a atenção e suporte para a construção deste trabalho.

Aos professores do Curso de Mestrado, por terem compartilhado conosco o conhecimento e disponibilizado com dedicação o seu tempo em prol do nosso crescimento.

À turma do Mestrado, especialmente Regina, Claudiene, Jéssika e Levy. Foi muito bom compartilhar os momentos de alegria e felicidade com vocês, bem como as incertezas e angústias dessa jornada. Saibam que tenho grande apreço e estima por vocês.

À turma do estágio em Antropologia Urbana e à Professora Fernanda Rechenberg, por ter me dado a oportunidade de discutir a minha pesquisa na graduação e aprender com os discentes do bacharelado em Sociologia.

À Raniella da Secretaria do PPGAS, sempre prestativa e disposta a ajudar com um sorriso no rosto.

Aos meus amigos de ontem e de sempre, por terem entendido que nem sempre estaria disponível para as nossas reuniões e bate-papos, especialmente Girley, Valdisbel, Genivaldo, Aldemir, Elessandra, Arlete e Renivaldo.

Aos amigos Joyce, Josenildo e Rodolfo, apesar de termos seguido caminhos opostos, lembro com carinho e saudade das nossas viagens para Maceió, em busca da realização de um sonho.

Ao meu sobrinho João Victor, pelas conversas e trocas de ideias que tivemos sobre Antropologia e pela admiração e respeito que tem por mim. Saiba que é recíproco.

Ao professor e amigo, companheiro de trabalho, Felipe Thiago, por sempre ter demonstrado atenção e cuidado durante a minha trajetória no Mestrado. Saiba que cada vez

que você perguntava como eu estava no Mestrado servia como um incentivo para seguir em frente.

A todos os meus interlocutores, que em muito contribuíram para as reflexões acerca do campo e construção do meu trabalho. Agradeço imensamente ao *Seu* Manuel, o nosso encontro fortuito rendeu várias digressões em Penedo, que me fizeram repensar posturas, atitudes e decisões. Também à *Dona* Terezinha, com a senhora aprendi muito do que é ser devoto do *Bom Jesus*. Não poderia esquecer a *Dona* Mariza, que me recepcionou muito bem em Penedo e abriu as portas do campo para mim.

Ao Instituto Federal de Alagoas/IFAL, por me conceder horário reduzido de trabalho para realizar a minha pesquisa e frequentar as aulas do Mestrado.

À Universidade Federal de Alagoas/UFAL, pela oportunidade de fazer um Curso de Mestrado de qualidade, contribuindo, assim, para o meu engrandecimento intelectual e profissional.

Finalmente, à minha esposa Ângela e filhos Arthur e Emilly, pela (im)paciência durante todo esse tempo. Sei que foram difíceis os “nãos” ao shopping, ao clube, às viagens, aos passeios, aos jogos, aos filmes, às festas, ou, simplesmente, ficarmos juntinhos, deixando o tempo passar. Sem vocês nada disso teria sido possível, afinal de contas vocês são a razão de eu existir.

Muito obrigado!

[...] como aplicada maussiana que sou, sigo o mestre que sempre dizia que a questão fundamental das ciências sociais era entender a sociedade, e a sociedade é aquilo que faz corpo. Sociedade é corpo constituído por regras e práticas. Falo em fazer corpo também porque uma procissão é um cortejo de corpos, marchando corpo a corpo. Corpos em desfile, constituindo um corpo processional. Um corpo constituído a partir de vários corpos, que se ligam por sentimentos. Um corpo emocional, comunidade emocional em termos weberianos. Uma corporação: corpo/coração em ação. Corpo-r-ação/Cor-p-ação.

(PEREZ, 2010, p. 9)

RESUMO

As procissões são manifestações culturais da religiosidade popular muito comuns em cidades do interior. No catolicismo, elas normalmente acontecem em devoção a um santo (ou santos) ou à Santíssima Trindade, onde se faz transportar as imagens de Jesus Cristo, da Virgem Maria ou de santos pelas ruas da localidade em festa. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo lançar um olhar antropológico sobre a interação entre os devotos e o santo na Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo/AL. Esse acontecimento constitui-se no maior evento religioso do interior do Estado reunindo devotos das mais variadas regiões do país que se encontram na segunda semana do mês de janeiro para homenagear o *Bom Jesus*, sendo o ápice da Festa dos Navegantes na cidade. Ao longo dos seus 133 anos, a festa é um marco na história da população penedense, que se organiza todos os anos para dar as boas-vindas aos visitantes, que participam da Procissão nos seus percursos terrestre e fluvial nas águas do Rio São Francisco. Do ponto de vista metodológico, participei dos festejos de 2016 e 2017, quando foram realizadas entrevistas com os frequentadores da festa, sendo que 50 deles responderam a um questionário que serviu de base para os primeiros questionamentos da pesquisa. Através do registro fotográfico, de vídeos e áudios, e de anotações no diário de campo, foi possível refletir sobre a relação dos devotos com o santo. Para a discussão teórica foram utilizados os trabalhos de autores, tais quais: Menezes (2004); Mauss (2003a; 2003b); Turner (1974; 2005); Hannerz (1997); Van Gennep (1977); Durkheim (1996), entre outros.

Palavras-chave: Antropologia; Procissão; Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

ABSTRACT

Processions are very common cultural manifestations of popular religiosity in inner cities. In the Catholicism, they normally happen in devotion to a saint (or saints) or to the Holy Trinity, where is carried the images of Jesus Christ, of the Virgin Mary or of saints by the streets of the locality in celebration. In this way, this work aims to cast an anthropological glance on the interaction between the devotees and the saint in the Procession of the Lord Bom Jesus dos Navegantes in Penedo/AL. This is the biggest religious event inside the State bringing together devotees from the most varied regions of the country, who meet in the second week of January to honor the *Bom Jesus*, being the summit of the Navegantes Festivity in the city. Throughout its 133 years, the festivity has been a mark in the history of the penedian population, which is organized every year to welcome visitors, who participate in the Procession on its terrestrial and fluvial routes, in the waters of the São Francisco River. From the methodological point of view, I took part in the 2016 and 2017 celebrations, when interviews with the frequenters were carried out, with 50 of them responding to a questionnaire, which served as the basis for the first questions of the research. Through the photographic record, videos and audios, and notes in the field diary, it was possible to reflect on the relationship of the devotees with the saint. For the theoretical discussion we used the works of authors, such as: Menezes (2004); Mauss (2003a; 2003b); Turner (1974, 2005); Hannerz (1997); Van Gennep (1977); Durkheim (1996), among others.

Keywords: Anthropology; Procession; Lord Bom Jesus dos Navegantes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Convento e Igreja de Santa Maria dos Anjos, em festa (s/d)	33
Figura 02: Colégio Diocesano de Penedo, época atual	33
Figura 03: Museu do Paço Imperial em Penedo/AL, época atual	34
Figura 04: Hotel São Francisco (s/d)	35
Figura 05: Antigo Cine Penedo (s/d)	35
Figura 06: Panfleto de divulgação do 1º Festival de Cinema Universitário de Alagoas, Penedo/2011	37
Figura 07: Teatro Sete de Setembro de Penedo, época atual	39
Figura 08: Cerimônia Águas de Oxalá em Penedo em 2017.....	42
Figura 09: Lavagem do adro da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos em Penedo/ 2017	43
Figura 10: Baile de máscaras no Chalé dos Peixotos, 1916	44
Figura 11: Local de Locução – Parque de Vaquejada 2K – Penedo/AL	46
Figura 12: 1ª Cavalgada de Santa Cecília de Penedo, em 2017	48
Figura 13: Bacamarteiros em celebração – Caruaru/PE – 2016	52
Figura 14: Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Penedo	53
Figura 15: Procissão terrestre (s/d)	56
Figura 16: Procissão fluvial (s/d).....	56
Figura 17: Fotografia dos negros muçulmanos em Alagoas (Malês) tirada pelo Dr. Carvalho Sobrinho em 24 de agosto de 1887: prova concreta da existência do culto negro-maometano aos mortos	58
Figura 18: Imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, da lavra do Mestre Cesário Procópio dos Mártires, usada até hoje nas Procissões	61
Figura 19: Nota Oficial anunciando a não realização dos festejos ao Senhor Bom Jesus em Penedo em 2017	63
Figura 20: Notícia sobre confusão na Festa do Senhor Bom Jesus de 2016 em Penedo	64
Figura 21: Notícia em Site da internet sobre a realização da Festa do Senhor Bom Jesus de 2017	64

Figura 22: Senhor Bom Jesus de Tremembé/SP	67
Figura 23: Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL	68
Figura 24: Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Salvador/BA	68
Figura 25: Atributos do <i>Bom Jesus</i> de acordo com devotos	70
Figura 26: Romeiros chegando para a festa em Penedo	80
Figura 27: Romeiros aguardando a hora da Procissão no entorno da Igreja Santa Cruz	82
Figura 28: Bandeirinhas enfeitando as ruas de cidade	86
Figura 29: Postes das ruas enfeitados	87
Figura 30: Tapete vermelho na rua e plantas na frente das casas dos moradores	88
Figura 31: Darlan e Lucas arrumando a barca do <i>Bom Jesus</i>	91
Figura 32: Exposição do Projeto Barcos à Vela em Penedo	92
Figura 33: Projeto Narrativas em Movimento em Penedo, 2017	93
Figura 34: Arena Sinimbu montada para a festa.....	93
Figura 35: Igreja Santa Cruz do Cortume, época atual.....	97
Figura 36: Composição do corpo do <i>Bom Jesus</i> segundo fiéis	101
Figuras 37 e 38: Devotos em interação com o santo no interior da Igreja Santa Cruz	102
Figura 39: Missa em celebração ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes	106
Figura 40: <i>Dona</i> Terezinha, devota do Senhor Bom Jesus dos Navegantes	109
Figura 41: Retirada do santo da igreja para arrumação	110
Figura 42: Banda de Pífanos Santo Antônio	113
Figura 43: Filha de Maria das Graças pagando a promessa na Procissão	115
Figura 44: O santo no carro dos bombeiros	119
Figuras 45 e 46: Peixamento no Rio São Francisco na Festa dos Navegantes de 2012	126
Figuras 47 e 48: Protestos na Procissão de 2012 em defesa do Rio São Francisco	127
Figura 49: Embarque do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em 2017	129
Figura 50: Balsa na Procissão de 1988	130
Figura 51: Balsa na Procissão de 2016	130

Figura 52: Fogos para o Senhor Bom Jesus em Carrapicho/SE132

Figura 53: Missa campal de encerramento da Festa do Senhor Bom Jesus de 2016134

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização de Penedo no Estado de Alagoas	28
Mapa 02: Programa Monumenta em Penedo/AL	31
Mapa 03: Espacialidade da festa em Penedo	84
Mapa 04: Percursos terrestre e fluvial da Procissão em Penedo	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Calendário festivo de Penedo	40
Quadro 02: Temporalidade, atividades e responsáveis pela Festa em Penedo	79

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01: Questionário	149
Anexo 02: Programação da Festa dos Navegantes de Penedo em 2016	151
Anexo 03: Programação da Festa dos Navegantes de Penedo em 2017	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – PENEDO, A FESTA E A PROCISSÃO	28
1.1 Representação e construção de Penedo como cidade histórica e turística	29
1.2 A Penedo dos brancos, negros, indígenas e outros povos mais	49
1.3 Situando a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo	55
1.4 A Procissão dos Navegantes ontem e hoje	59
CAPÍTULO 2 – A CIDADE EM FESTA	66
2.1 Quem é o Senhor Bom Jesus dos Navegantes para os devotos?	66
2.2 O encontro com o Seu Manuel: choro na beira do rio	72
2.3 O espaço da Festa	78
2.4 Bastidores e preparativos	84
2.4.1. Das ruas, casas e praças	86
2.4.2. Dos barcos e embarcações	89
2.4.3. Das atividades artísticas	92
2.4.4. Do santo	93
2.5. Imagem e personificação	97
CAPÍTULO 3 – NOS PASSOS DA PROCISSÃO	104
3.1 A espera	106
3.1.1 A arrumação do santo	109
3.1.2 E enquanto isso	112
3.2 <i>E lá vem Ele!</i>	116
3.3 Percorrendo caminhos	119
3.4 A chegada ao rio	124
3.5 O retorno	133
3.6 A Procissão como uma <i>communitas</i>	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

Foi na Fundação Casa do Penedo, museu particular instituído em 26 de setembro de 1992, que guarda grande acervo histórico e cultural da cidade, que fiz a primeira sondagem em busca de documentação prévia que me situasse no campo e me auxiliasse na construção dos primeiros dados da pesquisa.

Passei o dia “ciscando” aqui e ali dentro do museu, buscando informações sobre a Procissão, com o intuito de criar uma espécie de bibliografia pessoal, algo que pudesse usar ativamente em termos de leitura. Essas leituras iniciais, somadas ao que já conhecia sobre a Procissão dos Navegantes, ajudaram-me a trazer à tona as primeiras questões de investigação.

Logo, decidi que os meus interlocutores seriam os frequentadores da Procissão e que iria tratar, especificamente, da interação destes com o santo. Comecei a traçar os meus objetivos de pesquisa que adiante serão mostrados.

O próximo passo foi agendar algumas entrevistas. A primeira delas foi com a *Dona Mariza*, coordenadora da Igreja Santa Cruz, cuidadora do santo e uma das pessoas responsáveis pela organização da Festa. Achei importante começar com ela por causa das funções que ela desempenhava: abrir e fechar a igreja, arrumar o altar e o santo, agendar horários de batizados, casamentos, missas e encontros com o padre, entre outras.

Ela me recebeu na sua casa, onde conversamos durante algumas horas. Ela demonstrou ter um grande conhecimento não só a respeito do santo, mas também da Festa dos Navegantes. Foi importante também conversar com o Padre Jackson Ribeiro do Nascimento, da Paróquia de Penedo, celebrante das missas na Igreja Santa Cruz, que gentilmente me cedeu algumas fotos da Procissão; com o secretário de cultura do município, Hugo Menezes, que me forneceu dados sobre a organização da Festa e também de aspectos turísticos da cidade; e, finalmente, abordei frequentadores da Procissão, para alguns dos quais elaborei um questionário (Anexo 01).

Com o intuito de lançar um olhar antropológico sobre a relação entre os devotos e o santo, não tardou para perceber que no campo havia atores e espectadores com interesses não devocionais e sim econômicos, políticos, estéticos ou que queriam apenas se divertir. Sendo assim, investi mais na conversa com personagens que tinham pouco ou nenhum arremetimento com a realização da Procissão, o que fez com que a minha pesquisa ficasse mais direcionada, pois trabalhava com pessoas desconhecidas e que, à primeira vista, não estavam manifestamente evidenciadas.

Homens e mulheres, jovens e idosos – de variadas profissões, idades e classes sociais. As Informações advindas de boa parte dos interlocutores que não sabiam ler ou escrever, ou que eram mais idosos, foram mais ricas em detalhes e constituíram a maior parte dos relatos com os quais trabalhei.

Frequentadores da Procissão, oriundos da região periférica de Penedo, de bairros como Raimundo Marinho (792 habitantes), Santa Izabel (2.500 habitantes), Santo Antônio (4.005 habitantes), Senhor do Bonfim (8.031 habitantes) e Dom Constantino (14.265 habitantes)¹, por exemplo, mostraram-se mais acessíveis e receptivos às entrevistas. Além desses, é importante mencionar os participantes com os quais conversei vindos de outras cidades e regiões do Brasil, mais adiante abordados.

Foi de fundamental relevância o primeiro contato com essas pessoas porque, além de elas terem contribuído positivamente para o pontapé inicial da pesquisa, elas ajudaram a preencher um vazio que eu trazia em virtude da insegurança por estar pela primeira vez no campo e em fase preliminar do meu trabalho. Mais ainda, elas me ajudaram a romper com algumas pré-noções a respeito do campo, tal qual a dificuldade de me comunicar com as pessoas – Será que elas iriam querer me ouvir?

E dificuldades nesse percurso foram o que não me faltaram!

Acredito que pesquisar em um campo que se forma apenas uma vez no ano tenha sido um grande desafio. Ao contrário de outros focos de estudo, eu tinha apenas algumas horas para “me virar nos trinta” e observar, anotar, entrevistar e refletir sobre tudo o que me cercava na Procissão, conforme deixo claro no Capítulo 3 deste trabalho.

O fato de morar em Arapiraca, fazer o mestrado em Maceió e pesquisar em Penedo foi outra coisa que contribuiu muito para momentos de dificuldade, pois o cansaço, a angústia e a apreensão foram constantes nesse período.

Quando escolhi como tema de estudo a Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes realizada em Penedo, fui motivado, basicamente, pela minha própria história de vida. Nasci com um problema sério de catarata congênita, praticamente cego dos dois olhos e nos anos de 1970 a medicina oftalmológica não estava tão avançada quanto hoje.

Sou de uma família católica e, dessa forma, fui criado acompanhando procissões durante toda a minha infância. Minha mãe, como de costume e, tradicionalmente, acontecia, e hoje ainda acontece, fez promessa para Santa Luzia – protetora dos olhos. Caso eu

¹ Censo 2015 - IBGE

melhorasse, deveria pedir dinheiro de porta em porta para ajudar nas comemorações do dia de Santa Luzia – 13 de dezembro.

Lembro claramente a forma como a minha mãe enfatizava a força das promessas: “*Olhe, se alguém precisar de alguma benfeitoria na vida, faça uma promessa que com certeza Deus vai atender*”. Mas lembro, não porque eu a visse falando, mas eu a escutava dizendo isso, pois o meu problema de vista era tão sério que não tenho nenhuma recordação dos rostos das pessoas ou das ambientações dos lugares quando era criança, tendo visto, pela primeira vez, uma caneta azul *Bic* aos dez anos de idade.

Isso atrasou muito a minha alfabetização, quando vim aprender a ler, já tinha 13 anos!

E foi aos treze que paguei a minha promessa. Meu pai, homem de poucas posses, fez suas economias e com muita dificuldade conseguiu me levar para Campinas em São Paulo para operar dos olhos. A cirurgia foi muito bem sucedida e hoje, já depois de outras cirurgias, consegui recuperar 90% da minha visão.

Não sou cético, a ponto de atribuir toda essa graça apenas à medicina. Acredito muito no poder de Santa Luzia, que me concedeu tamanha benção. Minha mãe que o diga ao ver, segundo ela, o milagre acontecer.

Paguei a minha promessa. No dia 13 de dezembro de 1986, com 13 anos de idade (particularmente, eu não acredito em coincidências, acho que esse número “13” não está aí por acaso) estava eu de porta em porta, com uma imagem de Santa Luzia toda enfeitada com fitas vermelhas e azuis – inclusive, as cores das fitas permanecem muito vivas na minha memória até hoje.

Atrás de mim, uma banda de pífanos que o meu pai fizera questão de colocar. Aquela música da banda é outra coisa que não me sai da cabeça. Com o dinheiro arrecadado, meu pai comprou vários fogos de artifício que foram queimados em celebração à Santa Luzia e também contribuiu para a arrumação da igreja.

Ver toda a beleza da queimação de fogos, com nitidez, algo que antes eu apenas ouvia e não tinha noção de como realmente era, foi algo extremamente emocionante para mim. Aquele também foi outro momento que jamais vou esquecer.

Hoje, compreendo que quando se faz uma promessa não se está pedindo ao santo para mudar o mundo, ou, como diz Rubem César Fernandes (1982), “acabar com a morte ou fazer o rio correr para cima”. Nas relações com os santos, o que se deseja é o atendimento imediato de uma situação específica. A promessa é vista como solução para uma certa crise (doença, acidente, perigo, etc.), muitas vezes originada pelo próprio convívio social permeado

por várias incertezas, e essa crise faz com que até mesmo aquele entendedor de ciência diga “deu sorte!” ou “deu azar!”, sendo a promessa, pois, como que uma “alternativa à loteria” (p. 46).

Ainda outro dia fui surpreendido, enquanto aguava as plantas no meu jardim, quando uma jovem senhora bateu em minha porta e ao atendê-la, ela me perguntou: “*O senhor poderia contribuir com uma ajuda para a Festa de Santa Luzia?*” Achei estranho que esse tipo de coisa ainda acontecesse na cidade grande.

Ela era franzina, de baixa estatura, de expressão calejada pelo tempo e segurava uma sacolinha de plástico onde pude perceber algumas moedinhas. Devolvi a pergunta: “*Festa de Santa Luzia? Onde?*” E ela: “*No Baixão², no dia 13 de dezembro*”.

Fiquei interessado e, então, puxei conversa: “*Não sabia que lá no Baixão havia festa pra Santa Luzia...*” Ela sorriu e continuou: “*Tem sim, tá com uns três anos que a gente comemora. Essa ajuda é pra comprar fogos pra soltar no dia da festa*”.

Naquele instante, um filme passou em minha cabeça. Lembrei-me da minha promessa e de tudo que havia acontecido comigo. Ficamos conversando por um tempo. Dei-lhe uma contribuição – lembrei como eu ficava feliz quando as pessoas me davam algum dinheiro quando batia de porta em porta ou pedia no meio da feira livre no dia em que paguei a minha promessa. Aquele foi o ano em que o governo Sarney cortou os três zeros do cruzeiro e criou o cruzado. Diante de toda uma instabilidade econômica, as notas de Cruzeiro inicialmente foram carimbadas valendo, então, como Cruzado. E que alegria foi a minha ao receber uma nota de Cz\$ 50,00!

Portanto, não foi fácil abster-me de um mundo já conhecido e vestir a “capa do etnólogo” (DaMatta, 1978, p. 28), procurando transformar o familiar em exótico. Nesse processo, DaMatta afirma que é preciso “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação” (pp. 28-29).

Essa (des)construção interior foi importante para que eu pudesse enxergar o outro como meu “espelho” e meu “guia”, vendo em cada interlocutor a possibilidade de conhecer dados importantes sobre o “seu ambiente e a sua cultura” (DaMatta, 1978, p. 29). De forma imparcial, mergulhei numa realidade há muito conhecida evitando envolvimento que pudessem “obscurecer ou deformar” meus entendimentos e deduções (VELHO, 1980, p. 123).

² Um dos bairros mais antigos de Arapiraca/AL.

Evidentemente que esse distanciamento me revelou novas regras de interação entre os agentes que aconteciam naquele local aparentemente conhecido.

E, assim, aos poucos, fui sentindo a necessidade de sair cada vez mais da minha condição de participante da Procissão e assumir a posição de pesquisador. Uma vez no campo, como pesquisador, tudo caminha muito rápido e é preciso estar preparado para decodificar no momento e quase no instante uma série de situações que ocorrem à nossa volta – eu que o diga ao acompanhar a Procissão dos Navegantes de Penedo! -, e isso só será possível se estivermos atentos e, sobretudo, alheios a crenças pessoais. Pelo menos, no meu caso, foi assim que consegui ir me adaptando à condição de pesquisador.

Sempre ouvi falar da Procissão dos Navegantes de Penedo e também da quantidade de seguidores que dela participavam, mas quero deixar claro que até 1998 nunca havia participado dessa Procissão. Mal sabia eu que aquele evento serviria de palco para a minha pesquisa no Mestrado. Aliás, mal sabia que um dia fosse fazer um Mestrado! Digo isso em virtude das dificuldades encontradas, como, por exemplo, na minha cidade, Arapiraca, não ter um curso de Mestrado³.

Uma das coisas que sempre chamaram minha atenção nas procissões foi justamente o comportamento dos frequentadores, como eles se portavam frente ao santo, mantendo com ele uma relação permeada por ações que em muito me pareciam interessantes, por serem típicas do cenário processional.

Andar de joelhos, carregar cruces, vestir-se de branco, andar de pés descalços, entre outras ações que incluem tocar no santo, beijá-lo, pedir sua proteção, agradecer pelas bênçãos alcançadas, enfim, existe uma série de ações performativas, atos rituais, entre o devoto e o santo que merecem uma reflexão de cunho antropológico, e este é o meu objetivo geral com este trabalho: fazer uma descrição etnográfica das interações entre os devotos e o santo na Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo.

Para tratar da devoção ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo, com base no recorte empírico escolhido, obedeci aos seguintes objetivos específicos: analisar o comportamento das pessoas na presença do santo; discutir as formas e modalidades de pedidos e agradecimentos ao santo; discutir o dar, o receber e o retribuir entre as pessoas e o santo; pensar acerca da centralidade que a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes

³ Hoje, a Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL oferece, em Arapiraca/AL, o Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC), que já conta com a sua segunda turma, tendo sido ofertada a primeira turma em 2016.

assume na religiosidade popular em Penedo; e discutir a construção de Penedo como cidade histórica e turística, lugar onde acontece a Procissão.

Do ponto de vista metodológico, no cumprimento desses objetivos, segui os três mandamentos malinowskianos: (1) mapear as leis e costumes que regem a vida do grupo, processo no qual se observa o maior número possível de manifestações concretas que definem a constituição social – “esqueleto”; (2) observar e registrar os comportamentos cotidianos do grupo, tanto aqueles habituais quanto os considerados novos – “carne e sangue”; (3) registrar as opiniões, comentários, palavras dos nativos – “espírito” (MALINOWSKI, 1978, p. 36).

Dessa forma, elaborei um questionário (Anexo 01), que foi respondido, aleatoriamente, por 50 pessoas; conversei com devotos do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, fiz entrevistas, tirei fotografias, registrei minhas observações no diário de campo, mas nada foi mais produtivo do que *estar lá*, no dia da Procissão, e ver os símbolos em ação, podendo, assim, analisar a *performance* dos participantes ao desempenhar atos rituais.

Penso que, em se tratando da Procissão em Penedo, a busca pela demonstração da devoção dos participantes, num processo de interação com o santo, foi radical e uma constante durante todo o meu trabalho. Radical no sentido de eu sempre achar que poderia avançar mais, pois ainda havia algo a ser explorado numa constância incansável. Até porque, diferentemente de outros campos de pesquisa, como a romaria ou a folia, por exemplo, eu tive apenas um dia para observar o máximo possível os símbolos postos em circulação e aproveitar laboriosamente as cinco ou seis horas de percurso da Procissão em terra e água.

Por isso que foi bastante proveitoso me antecipar e agendar visitas e entrevistas bem antes do dia da Procissão acontecer. Por meio, principalmente, da observação participante e de uma abordagem comunicativa, procurei me aproximar das diversas realidades que a mim foram apresentadas, ao tempo em que apresentarei neste trabalho os resultados da minha pesquisa.

Assim, para a discussão de Penedo, a partir de sua evolução desde vila à cidade, utilizei-me dos trabalhos de Moreno Brandão (1936), Abelardo Duarte (1958) e Luana Teixeira (2016), que tratam do estabelecimento dos negros na *grande rocheira*, dos conflitos ocasionados, principalmente, por questões religiosas e da forma como eles tornaram-se peças importantes para a constituição dos ideais de liberdade dentro da comunidade penedense. Também os indígenas tiveram papel relevante nesse processo, como aponta John Monteiro (1995), a respeito dos Caetés que ocupavam o sul da costa brasileira e que, junto com os franceses, foram os primeiros povos a travarem conflitos na região de Penedo.

Os escritos da Turismóloga Daniella Pereira de Souza Silva (2016) e de Maria Cecília Fonseca (2005) foram importantes para pensar sobre a patrimonialização em Penedo e em como ela toca importante papel para o turismo na cidade. Nesse sentido, este trabalho abriu espaço para uma discussão sobre o Projeto Monumenta e sua importância para a cidade de Penedo.

Para pensar sobre o catolicismo popular, utilizo os trabalhos de Carlos Alberto Steil (2001; 1996), uma vez que a Procissão dos Navegantes é uma *démarche*⁴ que requer participação individual e coletiva no percorrer de caminhos, onde vidas são entrecruzadas em suas ambições e ideologias, Steil demonstra isso com muita sutileza, delicadeza e capricho ao tratar das paisagens, atores e rituais, tendo sido do meu interesse aproveitar-me da forma como ele desenvolve a ideia de romaria como um meio pelo qual se torna possível entrar em contato com os sentidos e símbolos fundamentais da cultura em que se inscreve a experiência humana. A ideia da *repetição* da romaria presente no trabalho de Steil também me levou a refletir sobre o processo de interação entre devoto e santo na Procissão em Penedo, já que ela acontece ano após ano, reunindo antigos e novos frequentadores.

Também Pierre Sanchis (1983), que me ajudou a buscar o significado sociológico da Procissão dos Navegantes em Penedo, contribuindo para a reflexão sobre as procissões como lugares onde há uma pluralidade de características relativas ao comportamento humano e, nessa dimensão, Sanchis colabora para o entendimento de que a procissão representa um ajustamento, um encontro e um momento de vida em comum, onde há celebração, promessa, num ambiente inter-relacional, de reciprocidade com o santo, que é a festa.

Para refletir sobre a peregrinação enquanto sacrifício e processo de renovação/transformação dos romeiros, trago à luz a obra de Rubem César Fernandes (1982), a qual foi muito importante para entender o comportamento na Procissão de interlocutores como Jorge, citado no Capítulo 3, que através do sacrifício em seguir a Procissão de joelhos procurou manter-se ainda mais aproximado do Senhor Bom Jesus dos Navegantes pagando a sua promessa.

Para a discussão sobre festas, foram importantes os trabalhos de Léa Freitas Perez (2010) e Alba Zaluar (1983), tendo o primeiro me ajudado a refletir sobre a procissão como ápice da festa de santo e o segundo sobre a centralidade do santo no cenário processional e como o desenvolvimento das festas religiosas ao longo dos anos, e com a urbanização,

⁴ Passo; percurso; diligência; movimento que requer empenho corporal.

contribuiu para dar maior visibilidade ao santo, muito embora essas festas ainda sejam predominantemente realizadas em cidades interioranas, a exemplo de Penedo.

Recorri à obra de Renata de Castro Menezes (2004), que muito contribuiu para entender as formas como o Senhor Bom Jesus dos Navegantes é acionado pelos devotos que, através de Seus atributos, “experimentam” as Suas potencialidades.

Considerando a cidade de Penedo como o lugar da Festa e da Procissão, servi-me dos ensinamentos do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (2008a; 2008b; 1991a; 1991b; 1976) ao considerar que a Festa em Penedo constitui-se num meio de dar direito às pessoas de uso da cidade, sendo a Festa, de acordo com esse autor, o próprio uso da cidade.

A Procissão dos Navegantes de Penedo abrange uma quantidade variada de frequentadores, vindos, inclusive, de regiões distintas. Essa capacidade de reunião de um público tão diversificado, ocasionando um fluxo contínuo de visitantes na cidade a cada ano, que rompe fronteiras étnico-espaciais, é discutida através das ideias de Ulf Hannerz (1997), para quem a cultura é um processo. Assim, o autor contribuiu para a minha compreensão da Festa de Penedo a partir dos que vêm “de fora”.

Considero também a tradição bibliográfica de Marcel Mauss (2003a; 2003b), pois a Festa em Penedo revelou-se como um “fato social total” abrangendo várias esferas da sociedade penedense, como a política, a jurídica, a educacional, a artística, tendo sido mais evidentes as expressões nas áreas econômica, turística e, principalmente, religiosa. Mauss também foi trazido à tona nas discussões sobre o corpo no cortejo processional e da promessa enquanto uma prestação que se renova, ano após ano, na Procissão, gerando a obrigação da retribuição dos devotos, quando atendidos pelo Senhor Bom Jesus.

Por fim, para não fazer aqui uma longa exposição teórica, não poderia deixar de considerar as produções do antropólogo britânico Victor Turner (2005; 1974) ao considerar a Procissão como um processo ritual, no qual analisei a manipulação dos símbolos através das várias ações performáticas que puderam ser observadas, tendo ficado sempre atento aos conceitos de liminaridade e *communitas* desse autor.

Turner apropria-se dos conceitos dos ritos de passagem de Arnold Van Gennep (1977), considerando o ritual como um processo com momentos “preliminares”, “liminares” e “pós-liminares”. Van Gennep, por sua vez, associa a liminaridade ao conceito de “margem”, termo que emprega para se referir a indivíduos “transitantes” ou de “passagem” de uma condição, ou posição de *status*, para outra, ou de um lugar para outro, considerando-se, respectivamente, a posição na estrutura social e o espaço-ritual. Logo, foi no sentido de compreender a passagem dos frequentadores da Festa em Penedo por diferentes estágios desse

evento, o que possivelmente contribuiu para uma mudança na condição de vida desses atores, que me apropriei das ideias do referido autor.

Por último, mas não menos importante, também trabalhei com o conceito de “efervescência social” de Durkheim (1996), pois o estado de *communitas* descrito por Victor Turner provoca nas pessoas a euforia e a agitação no sentido de produzir ações relacionadas com os seus sentimentos e emoções durante a Procissão, quais sejam: gritar, pular, aplaudir, dançar, assoviar, cantar, entre outros. Logo, é muito importante que se considerem essas ações num trabalho que tenha como foco a interação entre os devotos e o santo na Procissão.

Portanto, a minha Dissertação ficou assim estruturada: no primeiro capítulo, abordo a construção de Penedo como patrimônio histórico nacional e lugar da Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Sua cultura, sua gente, sua projeção enquanto cidade turística e sua representatividade no Estado de Alagoas. Esse capítulo apresenta a cidade de Penedo, situando a Procissão histórica e temporalmente.

No segundo capítulo, a preocupação foi demonstrar quem é o Senhor Bom Jesus dos Navegantes e o que Ele representa para os devotos. trazendo uma reflexão sobre a construção da Sua santidade. É nesse capítulo que trago o relato do *Seu* Manuel Pereira da Silva, muito importante para o meu desenvolvimento no campo, enquanto pesquisador, pois foi um divisor de águas no meu estudo, fazendo-me entender, também, que seria no processo de interação entre os devotos e o santo na Procissão que eu poderia compreender o que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes representava na vida dos meus interlocutores e dos Seus devotos como um todo.

Também no segundo capítulo, descrevo como os penedenses se preparam para realizar a Festa e como essa Festa ocupa o espaço da cidade. Nele, ainda é dada atenção à imagem do santo, apontando suas particularidades/curiosidades, bem como aspectos de sua construção como santo *protetor dos pescadores*, a quem se atribui o poder de prover o sustento de várias famílias através da atividade pesqueira no Rio São Francisco.

No terceiro capítulo, último da Dissertação, apresento a Procissão em ação, onde faço o relato descritivo dos momentos que antecedem o acontecimento, dos momentos que permeiam a sua execução e, finalmente, dos momentos posteriores a sua realização. Na minha imersão no campo no dia da Procissão, observando e participando dos ritos, que me foram possíveis presenciar, foi de fundamental importância acompanhar esses momentos liminares, passando pela espera pelo santo, sua arrumação, seu desfile pelas ruas principais da cidade e pelo rio e seu retorno para a Igreja Santa Cruz, os quais foram suficientes para a construção do terceiro capítulo da Dissertação.

Chamo a atenção, finalmente, para o fato de que, neste trabalho, os termos e categorias nativas são escritos em *itálico*, estando os termos analíticos entre aspas. A maioria das fotografias foi produzida por mim, estando na fonte a informação “Arquivo do pesquisador-ETJ”. Toda vez que me referir ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes os determinantes (pronomes) estarão com inicial maiúscula. A maioria dos entrevistados nesta pesquisa se referiu ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes como *Bom Jesus* ou *Senhor Glorioso*. Maiores descrições/informações estarão em notas de rodapé, ou mesmo no corpo do texto.



CAPÍTULO 1 – PENEDO, A FESTA E A PROCISSÃO

Penedo, palco de várias revoluções, situada ao sul do Estado de Alagoas, fundada em cima de uma rocheira às margens do Rio São Francisco, figura como uma das cidades mais antigas e bonitas do Brasil, sendo uma verdadeira vitrine da história alagoana. Seus prédios que foram a base do primeiro povoamento, quando ainda Capitania de Pernambuco, permanecem os mesmos sustentáculos sólidos resistindo há quase cinco séculos, resguardando o passado de portugueses, holandeses, franceses, caetés, malês, franciscanos, pescadores, pintores, escultores, poetas, entre outros.

Com população estimada em 64.292 habitantes⁵ e área territorial equivalente a 689.875 km², ficando a 171 km da Capital Maceió, é na arquitetura barroca de seus conventos e igrejas que podemos observar a influência dos colonizadores e missionários franciscanos, que fizeram de Penedo um Patrimônio Histórico Nacional, atraindo a atenção de visitantes das mais variadas regiões do país e também do exterior, tornando-se um destino turístico. Não à toa recebeu o título de “Mui Nobre, Leal e Valorosa”, quando da sua elevação à categoria de Vila do Penedo do São Francisco, em 12 de abril de 1636, em virtude de seu estilo de vida moldado pelos padrões europeus.



Mapa 01: Localização de Penedo no Estado de Alagoas
Fonte: Atlas IBGE 2016

Detentora de um parque histórico de inestimável valor, Penedo surge no cenário nacional não apenas pelas fortes batalhas travadas naquela região entre batavos e portugueses,

⁵ Censo IBGE 2016. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=270670>. Acessado em 13/11/2016.

ou por sua importância no desenvolvimento do comércio local, mas também pelas suas raízes religiosas marcadas, sobretudo, pela influência dos colonizadores e manifestações das culturas negra e indígena no Estado de Alagoas, através de suas festividades e expressões populares.

Silva Jr. (2013, p. 11) afirma que, se Penedo se destaca pela presença de portugueses, holandeses e missionários da Igreja Católica, visivelmente perceptível pela estrutura de seus casarões, sobrados e construções coloniais, é importante que se diga que o seu desenvolvimento também se deu pela formação de pequenos quilombos durante o período escravista no Brasil.

Mas, quais fatos fizeram de Penedo uma referência para o turismo cultural e religioso? Quais momentos históricos contribuíram para a sua patrimonialização? Isso é o que veremos a partir de agora.

1.1 Representação e construção de Penedo como cidade histórica e turística

Conforme Pereira (2015, p. 79), Penedo é uma cidade que teve suas origens ligadas à cultura europeia. A partir de suas características como vila, conseguiu lograr-se como patrimônio histórico e teve suas raízes étnicas dispostas de maneira a beneficiar a exploração turística local. Nesse sentido, sua asserção e exposição panorâmica foram fundamentais para atrair a atenção de visitantes de diferentes partes do Brasil.

No entanto, Penedo não foi idealizada para ser um patrimônio cultural ou uma cidade turística, ela se transformou numa. O turismo surgiu como alternativa ao fracasso econômico pelo qual passou a região em virtude da construção de rodovias e ferrovias, que vieram a enfraquecer o Porto do Penedo, sua principal rota de comercialização na época.

Dados da nossa pesquisa apontam que, até o começo da década de 70, Penedo ainda lograva êxito como centro comercial, com suas balsas transportando mercadorias que vinham do sul para o norte do Brasil, como consta em matéria do Jornal de Alagoas de 1º de dezembro de 1978: “[...] o comércio de Penedo tinha todo o suporte no porto, as casas comerciais, principalmente de secos e molhados, se instalaram na mediação do porto [...]”, e o porto gerava riqueza, pois “[...] o dinheiro de Penedo realmente circulava, na região portuária, nas mãos dos marinheiros, gringos, e de outras nacionalidades, inclusive brasileira [...]”.

Porém, o desenvolvimento no ramo da infraestrutura marcou a decadência do porto, principalmente a partir da “construção e inauguração, em 1970, da ponte rodoferroviária que liga as cidades de Propriá (SE) e Colégio (AL)” (ARAÚJO & GRAÇA, 2013, p. 8), que veio

a enfraquecer a intensa movimentação de veículos na cidade, “a interligação Norte-Sul será, agora, feita pela ponte sobre o rio São Francisco, entre os municípios de Propriá e Colégio” (REVISTA REFESA, 1972, jul./ago., p. 6).

Citamos também outro momento que foi relevante para a derrocada econômica de Penedo: a construção da estrada que liga a cidade à Barra de São Miguel, passando por Coruripe, Feliz Deserto e Piaçabuçu. Ainda de acordo com o Jornal de Alagoas:

Passado algum tempo, veio o declínio do comércio propriamente dito, tendo em vista o surgimento de novas vias de acesso e a irradiação de novos meios de transporte, o que prejudicou acentuadamente o movimento do porto e conseqüentemente a queda do comércio até então rentável e promissor. (Edição de 1º de dezembro de 1978, p. 13).

Aos poucos, Penedo foi perdendo seu prestígio como um centro de negócios e despertou para a exploração turística do seu complexo arquitetônico, investindo no turismo cultural (DIEGUES JR, 2006, p. 50), seja com ênfase no seu passado histórico ou festas populares, a exemplo da Procissão em honra ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, ou resgatando atividades do passado, como o Festival de Cinema Brasileiro de Penedo realizado pela Universidade Federal de Alagoas, ou, ainda, idealizando novos eventos, como o Festival Gastronômico de Penedo. Tudo na tentativa de revigorar a economia local, que era fomentada através do porto, “[...] vivendo do brilho do passado, preservado no seu rico patrimônio edificado [...]” (ARAÚJO & GRAÇA, 2013, p. 9).

Com uma grande parcela de suas edificações antigas em um ótimo estado de conservação, Penedo é o mais rico dos centros urbanos ribeirinhos do São Francisco em patrimônio histórico e artístico⁶. Quatro, dos cinco bens tombados pela União ao longo do São Francisco, pertencem a Penedo: o Convento e a Igreja de Santa Maria dos Anjos, a Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos e a Igreja de Nossa Senhora da Corrente.

Assim, nós diríamos que, com o declínio econômico de Penedo, a sua alavancada passou a ser pensada a partir da catalisação das formas de conceber os usos do patrimônio cultural, incitando a recuperação de seu Centro Histórico. O Programa Monumenta⁷ de 2002 veio, pois, a contribuir nesse sentido.

⁶ Penedo obteve tombamento em nível estadual de seu “Patrimônio Histórico, Artístico e Natural”, por meio do decreto nº 25595 de 08/03/1986. O tombamento municipal pela lei 939 de 09/11/1989 que veio homologar o mesmo conteúdo do decreto de tombamento estadual, mantendo os limites da mesma área. O tombamento envolve três zonas: Zona de Preservação ambiental (ZPA), áreas de entorno que asseguram a proteção ambiental; zona de preservação rigorosa (ZPR), onde se situa o centro histórico propriamente dito, zona de preservação Paisagística (ZPP) área de mangue alagados, matas e demais formas de vegetação de encostas e trechos de acentuada declividade. O tombamento Federal do Conjunto Histórico e Paisagístico da Cidade de Penedo só ocorreu em 1995 pela Portaria do Ministério da Cultura nº169 de 18/12 (Fontes: Arquivo Noronha Santos/Iphan e IBGE).

⁷ “Com recursos financeiros do Banco Interamericano de Desenvolvimento-BID e com apoio técnico da UNESCO, o Programa Monumenta foi instituído pelo Ministério da Cultura, no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) orientando-se pelos princípios das políticas neoliberais. (POZZER, 2011). A partir de 1997, o BID configurou-se

A Turismóloga Daniella Pereira de Souza Silva (2016, p. 171), em sua tese de doutorado, que trata da patrimonialização do Sítio Histórico de Penedo, alega que o Monumenta transformou-se em um modelo difundido internacionalmente de reabilitação de núcleos históricos, experimentado primeiramente na capital equatoriana Quito, após um forte terremoto em 1987 que motivou a tomada de empréstimo junto ao BID para fins de reconstrução do seu sítio histórico tombado.

Em Penedo, o Monumenta foi implantado após o município ter atendido a determinados critérios, tais quais: o valor imobiliário deveria estar agregado ao valor histórico e simbólico do imóvel; a recuperação do patrimônio histórico deveria se justificar pela sua decadência de uso e marginalidade no desenvolvimento econômico local; seriam restaurados imóveis que realmente necessitassem de valorização em virtude de abandono ou, no caso da Santa Casa de Misericórdia de Penedo, que estivessem sob os cuidados de instituições de caridade.

A Prefeitura municipal disponibilizou um mapa de localização do Programa Monumenta em Penedo, cuja área abrange todo o Centro Histórico, com obras nos monumentos das Igrejas de Nossa Senhora da Corrente e de São Gonçalo Garcia, mercado público, Pavilhão da Farinha e Casa de Aposentadoria, como demonstrado abaixo:



Mapa 02: Programa Monumenta em Penedo/AL
Fonte: Programa Monumenta/ IPHAN, 2009

como uma agência parceira do Brasil nos programas relacionados ao patrimônio cultural junto ao Ministério da Cultura e formou-se uma equipe técnica em cooperação com os técnicos da UNESCO, definindo-se locais e ações prioritárias. O Programa Monumenta é considerado o mais significativo programa do país, com maior volume de recursos, na área de recuperação de sítios históricos. Seus objetivos consistem em preservar áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano; estimular ações que aumentem a consciência da população sobre a importância de se preservar o acervo existente; estabelecer critérios de conservação e aperfeiçoar a gestão do patrimônio, estimular projetos que viabilizem as utilizações econômicas, culturais e sociais das áreas em recuperação no âmbito do projeto e aumentar a consciência da população com relação a importância da preservação do patrimônio” (RAMOS, 2014, p. 04).

Nos espaços públicos, as obras compreenderam a Orla do Rio São Francisco, o adro da Igreja de Nossa Senhora da Corrente e prolongamento da Rua 7 de Setembro, as Praças Barão de Penedo, Padre Veríssimo, Rui Barbosa e Costa e Silva, as Ruas Dâmaso do Monte, Dom Jonas Batinga, São Miguel e a Avenida Floriano Peixoto.

Decerto o que falte em Penedo, como colocado por Maria Cecília Fonseca em seu trabalho *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil* (2005), seja mais “cidadania cultural”, mais conscientização social e política no trato com o bem público para preservar-lhe características fundamentais ao registro de histórias passadas da humanidade. “O que falta na relação entre preservação moderna e cidadania cultural no Brasil é um comprometimento nítido com a presença da sociedade civil na construção do complexo patrimonial nacional” (p. 177).

Não iremos nos ater às minudências que norteiam a formação de Penedo e, nesse sentido, queremos pedir desculpas aos cidadãos penedenses e aos amantes da *Joia do Velho Chico*, pois, certamente, não constitui tarefa das mais fáceis sintetizar 379 anos de história em poucas páginas, mas não poderíamos ignorar os tempos nostálgicos de sua evolução, afinal de contas, foi a partir deles que se começou a pensar em sua patrimonialização.

Inicialmente, é oportuno acentuar a chegada dos Franciscanos em Penedo, na segunda metade do século XVII, como um primeiro grande passo rumo à mudança do comportamento e da mentalidade do penedense. O catolicismo na *Vila do Penedo* foi importante para o desenvolvimento de uma nova concepção sobre cultura, principalmente com a construção do Convento de Santa Maria dos Anjos, que trouxe para a comunidade um estilo de vida mais urbanizado, introduzindo “[...] práticas coletivas religiosas, como procissões, cerimônias de sepultamento entre outras que ocorrem balizadas pelas edificações cristãs”, inclusive cuidando de questões de cunho mais administrativo, pois o convento “oferecia à cidade préstimos na doença e na pobreza, difundia as letras, acudia peregrinos e visitantes, guardava bens, promovia os enterramentos, servia de refúgio nas guerras” (SILVA & ALBUQUERQUE, 2011, p. 3), enfim, “intensas práticas da vida urbana gravitavam ao redor deste convento” (SILVA, 2016, p. 110).



Figura 01: Convento e Igreja de Santa Maria dos Anjos, em festa (s/d).
Fonte: Arquivo Fundação Casa do Penedo

Os Franciscanos foram os responsáveis pela inserção das primeiras aulas para alfabetizar os penedenses, sendo somente quando Alagoas se separou de Pernambuco, que apareceram na vila dois professores de Latim e Francês, o que denotava prestígio e contribuiu para a sua elevação à categoria de cidade, surgindo com isso o ensino secundário. Valente (1957, p. 157) comenta que existiam vinte e duas escolas em Penedo em 1931, sendo que destas sete eram privadas.

Em 12 de março de 1944, é inaugurado o Colégio Diocesano de Penedo, sob a regência do bispo Dom Fernando Gomes dos Santos. Protegido por São José, seu patrono, o Colégio Diocesano representava o novo educandário da elite penedense, sendo mantido pela Diocese de Penedo. As crianças e jovens da época eram, então, evangelizados segundo os dogmas da Igreja Católica, pautados por valores cristãos como a paz, a harmonia e o amor ao próximo.



Figura 02: Colégio Diocesano de Penedo, época atual.
Fonte: Site Oficial do Colégio Diocesano – Acesso 17/07/2017

No dia 14 de outubro de 1859, Penedo viveu um grande momento que não pode ser ofuscado de sua história: a passagem de D. Pedro II com sua comitiva, que vinha da Bahia com destino a Paulo Afonso.

D. Pedro II desembarcou e hospedou-se em Penedo, permanecendo ali por um curto período de tempo, onde participou de missa na Igreja de Nossa Senhora da Corrente e fez percurso fluvial sobre o Rio São Francisco a bordo do Vapor Pirajara. O sobrado, em estilo colonial, pertencente à família Lemos Araújo, construído no final do século XVIII, transformou-se em Paço Imperial para acolher o Imperador do Brasil.

Culturalmente, a visita de D. Pedro II foi um acontecimento emblemático e enriquecedor para Penedo. Hoje, os Caminhos do Imperador, o Museu do Paço Imperial, o Imperial Rua da Corrente e o Imperial Filarmônica Sete de Setembro, são pontos obrigatórios para quem visita Penedo.



Figura 03: Museu do Paço Imperial em Penedo/AL, época atual.
Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo – Acesso: 15/07/2017

Seguindo adiante, em nosso desafio de recontar Penedo, destacamos o progresso econômico e, principalmente, cultural que Penedo alcançou durante a administração do Dr. Raimundo Marinho.

Enquanto prefeito, Raimundo Marinho trabalhou pelo desenvolvimento urbano de Penedo, com vistas às camadas mais desfavorecidas da população, e foi um grande incentivador da cultura, fomentando os Festivais de Cinema⁸, que ocorreram em Penedo de 1975 a 1982. Silva (2016, p. 113) afirma que “[...] Há registros da existência das primeiras salas de projeção em Penedo ainda em 1912 com o Cinema Ideal. Entretanto, foi a partir da segunda metade do século XX que a ‘sétima arte’ se consolidou no município e impulsionou os festivais [...]”.

É impossível nos referir ao Festival de Cinema de Penedo sem fazer menção ao Hotel São Francisco. Edificado pela Companhia Melhoramentos Penedo, o Hotel São

⁸ Sobre os Festivais de Cinema de Penedo, recomendamos a leitura do trabalho de Sérgio Onofre Seixas de Araújo e Andrélli D’amara Santos da Graça “**Os Festivais de Cinema de Penedo (1975-1982): impactos para o turismo local**”, disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org>.

Francisco foi sede, durante muito tempo, do tradicional Cinema São Francisco, constituindo, assim, um itinerário cultural para a vida da classe média penedense.

Aliados ao Cinema São Francisco, o Cine Penedo e o Cinema Ideal – localizado dentro do Teatro Sete de Setembro -, situados no sítio cultural, hoje tombado de Penedo, compunham um convite ao lazer, que, de certa forma, veio a romper com o conservadorismo e conceitos moralistas arraigados no seio da sociedade. Com seus filmes de prestígio vindos de Pernambuco, o cinema em Penedo trouxe uma nova linguagem e forma de expressão para os habitantes de Penedo que, até então, tinham um comportamento reprimido. Como aponta Silva (2016):

Podemos afirmar que frequentar o cinema, além de opção de lazer, significava também confrontar e subverter os códigos da moralidade conservadora. O cinema transformou-se no lugar dos casais. Era o refúgio das pequenas aventuras amorosas no próprio bairro. A intimidade praticada longe da fiscalização da família e longe do decoro recomendado no espaço público, principalmente nas praças, se exprimia nas salas dos cinemas (p. 113).

De acordo com a antiga revista da Philips “Phili Cidade”, em matéria veiculada em 1959:

O Cine São Francisco não apenas humilhou Maceió às portas dos anos 60, mas deu um banho em todas as demais capitais nordestinas, passando a disputar o título de melhor (maior, mais luxuoso e mais moderno) cinema da Região com Recife, Salvador e Fortaleza. Suas instalações vieram a estabelecer um novo padrão de conforto em matéria de espetáculos cinematográficos, para as populações da progressista região.



Figura 04: Hotel São Francisco (s/d)

Fonte: <https://culturaeviajem.wordpress.com/2015/11/01/os-festivais-de-cinema-em-penedo-e-a-homenagem-ao-ator-jofre-soares/>
Acesso: 10/07/2017



Figura 05: Antigo Cine Penedo (s/d)

Mas não foi fácil para Penedo sediar o Festival de Cinema. Várias críticas foram direcionadas à cidade por ser do interior e não ter estrutura para comportar tamanho evento, cabendo a Maceió protagonizar uma quebra de braços que rendeu durante os anos de sua

duração. Sempre ameaçada de perder o posto de guardiã do Festival, Penedo resistiu às tentativas de remoção do evento, que, inclusive, eram bastante frequentes.

Em parte, os comentários velados e, às vezes, explícitos da Capital, justificavam-se pelo fato de o Festival de Cinema acontecer no mesmo final de semana da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, embora essa tenha sido uma estratégia dos organizadores para atrair mais turistas ao local, esse artifício em certo momento pareceu meio problemático, pois como relata Silva (2016):

Tanto o Festival de Cinema quanto a tradicional Festa do Bom Jesus dos Navegantes, que em janeiro de 2016 realizou a sua 132ª edição, passaram a ocorrer no mesmo final de semana definindo uma estratégia de ampliação do fluxo turístico que se mostrou insuportável para a infraestrutura básica e turística ainda insuficiente no município para atender a uma população flutuante tão vasta. As críticas dos jornais da época atestam problemas como queda de energia, falta de abastecimento d'água, pane nos telefones e insuficiência da rede hoteleira (p. 115).

Por outro lado, a EMATUR sempre enfatizava a importância de Penedo como centro turístico e cultural, contrariando as intenções da capital alagoana, como demonstrado em nota publicada no Jornal de Alagoas de 30 de novembro de 1975:

Estamos nos ressentindo de equipamentos turísticos, notadamente no setor de hotelaria e da indústria turística complementar, tanto em Maceió como nas cidades pólo de desenvolvimento. A rigor apenas Penedo, em todo o interior do Estado, oferece condições adequadas para alojar relativos contingentes de visitantes. Fenômeno [SIC] que em maior ou menor proporção, é registrado nas demais unidades federativas do Nordeste (Grifo nosso).

Ao longo de suas oito edições, o Festival de Cinema de Penedo sofreu várias modificações para se adaptar às necessidades da cidade e interesses de seus patrocinadores, mas sempre conseguiu lotar de visitantes os hotéis, cumprindo com o seu objetivo maior, que era o de movimentar a cidade, levando o seu nome para além-fronteiras.

O que fez, então, com que esse acontecimento histórico em Penedo perdesse forças e se dissipasse no tempo?

Nada mais comum do que uma cidade pequena como Penedo conduzir o Festival a tal ponto que ela mesma não pudesse mais suportar o contingente de pessoas que o frequentavam, além da demanda de obras de infraestrutura que tinham urgência em ser realizadas para a sua continuidade.

A rede hoteleira passou a se precarizar, tornando-se pouco acolhedora e não tendo espaço para todos os turistas, o que fez com que várias empresas de turismo retirassem o Festival de Cinema de Penedo de suas agendas, e também as reivindicações dos próprios organizadores, que clamavam por apoio e incentivos do governo e condições de trabalho mais dignas para os cineastas.

Apesar de tudo, as oito edições do Festival ocorreram de forma vitoriosa, uma sempre superando a outra, até que, em 02 de dezembro de 1982, veio a decisão de não mais realizar a 9ª edição do evento, o que caiu como uma bomba no cenário cultural de Penedo.

Os motivos? Os já conhecidos de todos: falta de estrutura e incompatibilidade da cidade para comportar a grandiosidade do Festival, como esclarecido por Araújo e Graça (2013):

Assim, com a realização dos sucessivos festivais, em eventos que cresciam e se complexificavam a cada edição, o setor é tomado de surpresa ao final de 1982, ano de sua oitava edição. Em dois de dezembro daquele mesmo ano, foi realizada uma reunião com a Comissão Executiva do Festival, que decidiu pela não realização do IX Festival de Cinema Brasileiro de Penedo, a ocorrer em janeiro de 1983. Como principal justificativa, apresentada em nota pública pela Comissão, através da EMATUR, estava a falta de infraestrutura da cidade para realizar um evento que só evoluía a cada edição, sendo observado o esgotamento da estrutura da cidade para comportá-lo. A realização de outros festivais na mesma época e a distância de Penedo a Maceió foram outros fatores que contribuíram, segundo a Nota, para o fim do festival de cinema (p. 19).

A chegada da Universidade Federal de Alagoas/Ufal em Penedo deu margem a resgatar a tradição cinematográfica da cidade. Idealizado em 2011, o Festival de Cinema Universitário de Alagoas nasceu de um projeto de extensão da Ufal em parceria com outras instituições. O evento foi se consolidando no cenário alagoano, sendo uma importante iniciativa para Penedo.



Figura 06: Panfleto de divulgação do 1º Festival de Cinema Universitário de Alagoas, Penedo/2011.
 Fonte: <https://culturaevigem.wordpress.com/2015/11/01/os-festivais-de-cinema-em-penedo-e-a-homenagem-ao-ator-jofre-soares/>
 Acesso: 10/07/2017

A Ufal trouxe de volta, numa ousada tentativa, o Festival de Cinema Brasileiro de Penedo, dando continuidade em 2016 ao prestigiado evento do passado, que acabara em 1982.

Dessa forma, foi criado o Circuito Penedo de Cinema⁹, que, segundo o coordenador do evento e professor da Ufal, Sérgio Onofre, gerou grande expectativa e atraiu um número expressivo de inscritos nas duas mostras.

Em 2017, esperava-se um número maior de filmes inscritos, como salientou o Professor Sérgio Onofre: “Em 2016, tivemos em torno de 180 inscrições em duas mostras competitivas. Neste ano, temos uma terceira, que é a [Mostra] Velho Chico de Cinema Ambiental, por isso esperamos um alcance maior”, seguiu dizendo o professor: “Mais do que um estímulo à participação, a premiação em dinheiro é sempre bem-vinda entre os realizadores. Via de regra, o valor é investido na construção de novos projetos e isso retroalimenta a produção de realizadores que têm poucos recursos”.

Para a edição de 2017, que aconteceu no Centro Histórico de 7 a 11 de novembro, o Circuito Penedo de Cinema recebeu inscrições de filmes em três mostras: 10º Festival de Cinema Brasileiro de Penedo, 7º Festival de Cinema Universitário de Alagoas e 4ª Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental. Percebe-se que esse acontecimento em Penedo tende a crescer cada vez mais, pois é grande o interesse dos envolvidos e a procura para a inscrição de filmes, tendo em vista que a premiação em dinheiro é um bom atrativo para os concorrentes.

Retornando à nossa leitura de Penedo, citamos o surgimento da União Teatral dos Amadores de Penedo em 1959, que ensejou a criação, em 1990, da Companhia Penedense de Teatro. Esta última promoveu o Festival de Teatro de Penedo, que, em 2010, chegou a sua 8ª edição, interagindo com artistas de Sergipe, Bahia e Pernambuco.

A Companhia Penedense de Teatro trouxe o público de volta ao Teatro Sete de Setembro, considerado o mais antigo do Estado. O Teatro serviu de sede para a Filarmônica Sete de Setembro e também abrigava a biblioteca local. Embora pouco frequentado, em virtude da falta de incentivo por parte dos gestores do município para a sua manutenção, o Teatro Sete de Setembro possui grande importância para a vida do penedense que vê na sua antiga estrutura marcas de um passado glorioso. A própria localização do teatro, na Avenida Floriano Peixoto, principal trecho de comércio de Penedo, favorece uma reflexão acerca de sua importância para a comunidade.

⁹ O evento é realizado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) numa parceria com o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (Secult), e pelo Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo (IECPS), com patrocínio do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF).



Figura 07: Teatro Sete de Setembro de Penedo, época atual.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/16030928057/in/photostream/> Acesso em 14/07/2017

Os fatos até aqui apresentados, embora de forma sucinta, ajudam-nos a ter uma visão, mesmo que simplificada, de alguns dos acontecimentos que contribuíram para que Penedo fosse de uma simples “feitoria” a renomado polo de destaque cultural em Alagoas.

Mas o que dizer da Penedo de hoje?

Primeiro há que se dizer que não existe uma agenda cultural que incentive o turismo na região, o que demonstra falta de empenho da gestão que não apresenta de forma detalhada os pontos altos e fortes do município, bem como uma descrição numa espécie de inventário turístico¹⁰ que pudesse captar a atenção de quem está fora. Prova disso é que na própria cidade não existe nenhuma empresa de turismo. Silva (2016) afirma que a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes continua sendo o único evento capaz de atrair um público considerável à cidade:

O fluxo turístico permanece significativo somente na Festa do Bom Jesus dos Navegantes e inexistente um calendário de eventos que fomente o incremento da demanda turística para Penedo. O município conta apenas com as festas cívicas e religiosas de alcance apenas local, e alguns eventos ainda bastante pontuais decorrentes da presença de instituições como a UFAL, o IFAL e a CODEVASF. Ao longo do ano, apenas os ônibus repletos de estudantes, desde o ensino fundamental ao universitário, é que aportam sem regularidade no município. Poucos turistas são vistos caminhando pelas ladeiras e por entre os casarios e os monumentos de Penedo (p. 109).

Existe a Secretaria Municipal de Turismo que, paradoxalmente, não funciona no sentido de orientar os turistas acerca do que fazer na cidade. A impressão que tivemos, ao longo dessa pesquisa, é que há muita vontade por parte dos comerciantes e população de uma forma geral para que Penedo se erga e volte a trilhar os rumos do progresso, especialmente

¹⁰ O inventário da oferta turística “compreende o levantamento, identificação e registro dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infraestrutura de apoio ao turismo como instrumento base de informações para fins de planejamento e gestão da atividade turística” (MTUr, 2006, p. 07).

falando dos aspectos econômico e cultural, mas, contrariamente, parece que ainda há muito pouca coragem de fazer por parte de quem tem administrando, de fato, o município.

Uma sensível demonstração nesse sentido partiu do Secretário de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Turismo, Pedro Soares, que, através do Contur¹¹ (Conselho Municipal de Turismo) estabeleceu um calendário de eventos do município para os próximos anos. Os eventos do calendário, segundo Soares, são de médio porte e movimentam a economia da cidade e o fluxo de pessoas. *“Quando se faz um evento muito próximo, fica difícil a captação de recursos, principalmente nos momentos atuais, por isso estamos lançando o calendário de 2017, para que possamos realizar o acompanhamento dessas ações”*. Eis o calendário:

– Janeiro: Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes;
– Fevereiro/Março: Prévias carnavalescas – Águas de Oxalá, Blocos Ovo da Madrugada, Sulamita, Tadeu e Seus Bonecos, Molinho e Boneca Raquel;
– Data Móvel: Paixão de Cristo;
– Abril: Aniversário da cidade;
– Maior: Penedo Moto Fest;
– Junho: São João;
– Julho: Festival de Teatro, Vaquejada;
– Agosto: Festival Gastronômico;
– Setembro: Festival de Música, Desfile cívico-militar;
– Outubro: Padroeira de Penedo, Dia do Evangélico;
– Novembro: Festival Universitário de Cinema (Parceria com UFAL e Governo de Alagoas);
– Dezembro: Natal de Luz (Festival de Coros, Concurso de Lapinhas – IPHAN, apresentação de escolas particulares – ICAMAP, ornamentação de ruas e prédios públicos do Centro Histórico-Município e comunidade).

Quadro 01: Calendário Festivo de Penedo

Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo – Acesso: 05/06/2017

Pelo calendário acima exposto e conforme levantamentos dessa pesquisa, os eventos que potencializam Penedo como cidade turística são mesmo a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, o Carnaval e a Paixão de Cristo (Semana Santa). Cada qual repercutindo à sua maneira, mas ambos imbuídos de festejar elementos da diversidade cultural de Penedo.

Esses eventos são momentos nos quais não se reproduzem valores de nenhum grupo étnico-racial ou social específico. A cidade é um todo que se prepara para receber quem vem de fora, acionando, assim, várias atividades que se complementam (missas, procissões, shows de bandas, desfiles etc.) relacionadas com a cultura penedense.

¹¹ Composto por 10 membros, sendo dois do município e oito da comunidade, fazendo parte representantes de hotéis, restaurantes, SENAC, comércio varejista, Ufal (Universidade federal de Alagoas) e Ifal (Instituto Federal de Alagoas).

No entanto, o Carnaval penedense é aberto pelo evento Águas de Oxalá¹², originado pelo surgimento do candomblé na região repercutindo em outro movimento festivo, qual seja a Festa da Lavagem do Beco da Preguiça e do adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos¹³, evento bem mais recente que acontece desde 2000, marcando o início do Carnaval em Penedo.

Nos anos 90, chegaram a Penedo os babalorixás Pai Bobô e Pai Fernando, estabelecendo-se no antigo Loteamento Vitória. Esses líderes religiosos fundaram a casa de culto *Ylé Axé Sessu Omim Odé Akuerã*, de origem *Jêge-Ketu*, a qual ficou mais conhecida como *roça de santo* (SILVA JR., 2013, p. 38).

Segundo Silva Jr. (2013, p. 39), interessado em “valorizar a presença do negro na história de Penedo” e motivado pelo que já acontecia em Salvador, Bahia, na Lavagem do Bonfim, o secretário de cultura municipal daquela época, visitou a casa de Pai Bobô e Pai Fernando com o objetivo de realizar em Penedo a Lavagem do Beco da Preguiça e do adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Em entrevista concedida a Silva Jr. (2013, p. 39), para a sua dissertação de mestrado, Pai Fernando narra o acontecimento:

Em 1999 alguns terreiros da região foram procurados, sabe? Como eu era conhecido por aqui, o secretário de cultura na época me chamou pra conversar sobre a festa. Aqui o terreiro sempre fez toque pra Oxalá, e como ele queria uma festa que abrisse o carnaval, pensou na lavagem, uma festa como a de Salvador, mas numa data diferente. Tivemos o apoio da Prefeitura Municipal no começo, que organizava o espaço, como ainda faz, mas hoje tudo quem corre atrás é a gente.

Dessa forma, como ponto inicial do Carnaval penedense, surgiu a Festa da Lavagem, que, mesmo com sua acepção religiosa, não conseguiu desvincular-se dos festejos carnavalescos da cidade. Sobre a origem da Festa da Lavagem em Penedo, Silva Jr. tem a nos dizer que:

[...] começou como uma brincadeira dos moradores, residentes no município, especialmente nos arredores do beco, que durante as festividades era ornamentado e lavado devido o mau cheiro no local provocado pelos excrementos depositados pelos foliões que usavam o beco como banheiro. Diante de tais circunstâncias a prática dos moradores foi se tornando um atrativo para a população em tempos de festa [...] (2013, p. 40).

¹² A cerimônia Águas de Oxalá é uma procissão que representa a viagem de Oxalá, que foi atacado por injustiças durante todo o percurso de sua jornada ao Reino de seu filho. O ritual afro simboliza uma homenagem a esse orixá (divindade), com rezas, cantos e oferendas. Em localidade escolhida, e com muita água de cheiro, vão lavando e varrendo todo o ódio, inveja, fome, doenças e injustiças, pedindo misericórdia e perdão pelos atos cometidos. Disponível em: <https://boainformacao.com.br/2017/02/sexta-tem-carnaval-de-penedo-com-a-lavagem-do-beco/> Acesso: 12/07/2017

¹³ Festejo penedense que mantém intrínseca relação com a Lavagem do Bonfim de Salvador/BA.

Tradicionalmente realizada na abertura dos festejos carnavalescos, a cerimônia Águas de Oxalá atrai anualmente centenas de participantes até o Rosário Estreito e a Igreja do Rosário dos Pretos, no Centro Histórico de Penedo, fortalecendo o turismo na cidade. O ritual é realizado pelos adeptos das religiões de matriz africana e nasceu com o objetivo de agradecer às divindades pelas conquistas e também pedir que o Carnaval transcorra com tranquilidade e paz. A comemoração tem início com a saída do corteja das baianas da Praça Clementino do Monte, percorrendo a Avenida Getúlio Vargas e encerrando no adro da Igreja do Rosário dos Pretos.



Figura 08: Cerimônia Águas de Oxalá em Penedo em 2017
Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo/AL – Acesso: 12/04/2017

Essa Festa tem se mostrado muito importante para a cultura afro em Penedo, pois ela reforça os ideais dos negros que lutaram no passado pelo direito à liberdade religiosa, além de ter-se demonstrado cheia de ritos que têm significados que rememoram períodos históricos. As lavagens do Beco da Preguiça e do adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos compõem uma grande festa onde se misturam o candomblé e as festividades do carnaval, fazendo deste evento um acontecimento único e peculiar em Penedo.

Ressalte-se que o que torna a Festa da Lavagem em Penedo ainda mais grandiosa, afora as lutas dos negros pelos idos de 1815, é a demarcação de seu espaço, acontecendo numa ambientação de predominância católica, que é sede de um dos três seminários escola para a formação de Padres que compõe a Diocese da Igreja Católica no Estado de Alagoas¹⁴, e pela maior parte da população se definir praticante do catolicismo (SILVA JR., 2013, p. 12).

¹⁴ Nas circunscrições eclesiásticas católicas do Brasil, Alagoas é composta pela Arquidiocese de Maceió e Dioceses de Penedo e Palmeira dos Índios. A Diocese de Penedo (Dioecesis Penedensis) é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica no Brasil, pertencente à Província Eclesiástica de Maceió e ao Conselho Episcopal Regional Nordeste II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sendo sufragânea da Arquidiocese de Maceió. A Sé episcopal está na Catedral de Nossa Senhora das Vitórias do Santo Rosário, na cidade de Penedo, no Estado de Alagoas. É também a entidade mantenedora do Colégio Diocesano de Penedo.



Figura 09: Lavagem do adro da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos em Penedo/ 2017
Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo/AL – Acesso: 12/04/2017

De qualquer forma, seja pelas práticas religiosas trazidas pela colônia portuguesa, seja pelos cultos africanos realizados de forma mais encalistrada na *Vila do Penedo*, é evidente que Penedo possui fortes tradições de veneração e rituais de devoção às divindades.

Já o Carnaval penedense teve origem lá pelos anos de 1920. Penedo comemorava o Carnaval com suas batucadas, blocos de caretas, palhaços, tudo regado pelos bailes de máscaras dos clubes sociais. No entanto, encontramos registros, disponíveis na Fundação Casa do Penedo, do primeiro baile de máscaras realizado em Penedo em 1916, no Chalé dos Peixotos¹⁵, antes chamado de Chalé dos Loureiros.

Construído no final do século XIX e início do século XX pelo Engenheiro Joaquim Loureiro, o Chalé dos Peixotos, assim denominado na época, com estilo eclético e influência francesa, pertenceu a Fernando da Silva Peixoto, empreendedor audaz do setor têxtil e da navegação fluvial, de 1914 a 1933, local em que residiu com sua família, tendo saído de Penedo depois da Revolução de 30, em virtude de perseguição política.

Com grande influência social e política em Penedo e amante do estilo de vida noturna parisiense, Fernando da Silva Peixoto inspirou-se nas festas europeias marcadas pelo luxo e sofisticação para realizar um baile de máscaras no seu chalé, convidando a elite penedense da época. Os primeiros bailes carnavalescos brasileiros tiveram lugar no Rio de

¹⁵ Um símbolo do apogeu econômico da cidade e palco de festas da sociedade penedense nos anos 1910/1920, considerado “o esplendor da Belle Époque”, o Chalé dos Peixotos recebeu hóspedes ilustres, como Getúlio Vargas (por intermédio de Amarílio Sales, organizador da recepção presidencial em Penedo), que se dirigia em campanha a Sergipe, em 1931/32. Um prédio de vanguarda então, que se encontra abandonado pela incuria de quem o comprou em 1992 com a pretensão de transformá-lo em um museu-memorial de preservação da tradição cultural da região do Baixo São Francisco. E ainda tentou apagar da história os que nele viveram e lhe deram notoriedade e fama, trocando-lhe o nome com que era tradicionalmente conhecido. Disponível em: <http://www.jornaldepenedo-al.com.br/2015/06/10935/> - Acesso: 01/07/2017.

Janeiro, já no final da década de 1830. Só era permitida a entrada de duques, rainhas, princesas, príncipes, condes, condensas e duquesas (FERREIRA, 2005, p. 32).



Figura 10: Baile de máscaras no Chalé dos Peixotos, 1916
Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo

Cristina Sanchez, pesquisadora e profunda conhecedora da cultura penedense, conta-nos, em sua crônica *O Carnaval de Penedo*, de 4 de fevereiro de 2016, que o Rei Momo era trazido num hidroavião que pousava nas águas do Rio São Francisco diante do olhar apreensivo de milhares de pessoas e, durante quatro dias, comandava as folias carnavalescas na cidade.

Existia até um discurso¹⁶ que Sua Majestade, o Rei Momo, fazia para decretar abertos os festejos: “*Cidadãos! Quando a pátria dá um berro, todo cidadão é soldado. Talqualmente, camaradas, quando Momo solta um espirro, toda gente perde a cabeça e cai no frevo, qual vitalinas arrenegadas, avançando pra riba de eu...*”. Finalizado o discurso, as pessoas aplaudiam e davam passagem ao *Cortejo Real*, que era recebido com muita serpentina, purpurina e confetes.

De acordo com Cristina Sanchez:

A tradição também aponta o famoso ‘Boneco de Frevo’ como sendo de origem penedense. Depois é que passou a ser fabricado na cidade de Olinda (ainda pesquiso a veracidade deste curioso fato). Os nossos bonecos mais antigos são: a Boneca do Vá, a Raquel, e a Sulamita. Atualmente temos os Bonecos do Jucilmar, do Xinho, e os Bonecos do Tadeu.

Com o tempo, o Carnaval penedense passou a ocupar a Avenida Floriano Peixoto, tão grande era a quantidade de foliões que festejavam na cidade. Com o bloco dos casados, o

¹⁶ Extraído da crônica *O Carnaval de Penedo* de Cristina Sanchez, disponível em: <http://aquiacontece.com.br/index.php/noticia/cultura/22/01/2016/historia-do-carnaval-em-penedo-sob-o-olhar-de-cristina-sanchez/101559>.

Bola Preta, e o bloco dos solteiros, o *Bola Branca*, em meio à algazarra e muita descontração, esses blocos saíam pelas ruas, em suas paradas nas residências da cidade para os comes e bebes.

Era o tempo dos desfiles em carros abertos, nas carrocerias dos caminhões, como nos fala Cristina Sanchez, nos automóveis de marca da época: “o *Ford Bigode*, o *Cabriolet Sport*, o *Cupê*, o *Sedan*, o *Chevrolet* modelo *Baratinha*, e o inesquecível *Coche*”, todos enfeitados, percorrendo as ruas de Penedo ao som de muito frevo.

E aí vinha o entrudo¹⁷: chuvas de serpentina, talco nos olhos, lança-perfume, banhos de mangueira, baldes d’água, como bem descreve Cristina Sanchez:

Saiam também o arrastão do Zé Pintinha e do Zé Mulher, uma espécie de “Zé Pereira”, onde se dançava pelas ruas jogando talco, maizena, e agitando nas mãos galinhos das árvores que iam colhendo pelo caminho. Ainda fazia parte deste cortejo, a Cabeça de Mula, a alegoria de um grande Jacaré (que abria e fechava a enorme boca), e também o conhecido Boi que corria atrás e dava marrada em quem aparecia, fazendo assim a festa da criançada que o instigava e escondia-se em meio aos foliões. Durante os dias de carnaval, apareciam pelas ruas da cidade, os famosos Bobos, que se vestiam cobertos da cabeça aos pés, e carregavam um chicote ou cipó, para se defenderem dos que buscavam descobrir a sua identidade secreta. Nos dias de hoje, ainda aparece um ou outro perdido, para a alegria e medo da garotada.

Até 2004, a Avenida Floriano Peixoto foi palco do Carnaval em Penedo. Com os trios elétricos ganhando mais espaço nas festas carnavalescas, o IPHAN achou por bem transferir o Carnaval para outro local temendo abalos nas estruturas antigas do Sítio Histórico, o que fez com que o frevo de rua fosse sendo esquecido na cidade.

O poder público vem demandando grandes esforços para resgatar o Carnaval de outrora em Penedo, embora ainda muito distante da diversidade de fantasias, máscaras, plumas e paetês que, embalados pelos bailes, desfiles e marchinhas, contagiavam os foliões em décadas passadas, percebe-se uma participação não muito tímida de visitantes curiosos querendo redescobrir o Carnaval penedense.

Outro evento que também tem atraído visitantes a Penedo, embora de forma mais tênue, e o qual não vamos nos resguardar em citar, é a vaquejada.

A vaquejada sempre foi um atrativo potencial em Penedo. Ainda no governo de Raimundo Marinho, foi criado o Parque de Vaquejada Adail Freyre Pereira, com iluminação a vapor de mercúrio, que, nos anos 60, era um ponto de encontro da população penedense, onde também se encontravam as autoridades de Estados vizinhos, que se divertiam com a

¹⁷ Brincadeira popular que se realizava nos dias de carnaval, em que os brincantes lançavam uns nos outros farinha, baldes d’água, limões de cheiro, luvas cheias de areia etc. Entrou em declínio no Brasil em 1854, por repressão policial.

derrubada do boi. Esse espaço também servia para o conchavo político, onde eram formadas alianças para as eleições.

Na região, existiu também o Parque de Vaquejada Ouro Verde, que durante os anos 80, gerou muita renda para os comerciantes e donos de gado, através da exposição e negociação de novilhas e garrotes, além da comercialização das admiráveis “vacas de leite”, que chamavam atenção dos grandes produtores e fazendeiros de então. O Parque de Vaquejada Ouro Verde tinha em seu interior o excelente restaurante O Vaqueiro, muito procurado pelos visitantes.

Mais recentemente, e com o fim dos Parques Adail Freyre Pereira e Ouro Verde, surgiu em 2007, no Povoado da Cestinha da Laranja, na Fazenda Piauí, em Penedo, o Parque de Vaquejada Moacir Andrade, com uma programação de espetáculos mais diversificada, incluindo rodeios, desfiles e a escolha da Rainha do Boiadeiro.

Atualmente, a arena do Parque de Vaquejada 2K, fundado em 2013, é que domina e mantém viva a tradição da Vaquejada em Penedo, sendo visitada anualmente, em julho, pelos amantes do rodeio e feiras de gado.



Figura 11: Local de Locução – Parque de Vaquejada 2K – Penedo/AL
 Fonte: <https://sipealpenedo.wordpress.com/folclore/a-vaquejada/> - Acesso: 15/07/2017.

Ligada ao período do Ciclo do Boi no século XVIII (BRANDÃO, 1973, p. 117), a vaquejada iniciou-se no Estado do Rio Grande do Norte tornando-se uma atração originalmente brasileira e de repercussão em toda a região Nordeste. É oriunda das “Pegadas de Boi”, ação que se desenvolvia devido à ausência de cercas nas fazendas no Sertão Nordestino, onde alguns gados afastavam-se do rebanho e resistiam ao chamado do vaqueiro, o qual valente e hábil, usando muitas vezes gibão de couro, montava em seu cavalo ligeiro, e com malabarismos para escapar dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos na caatinga, perseguia e derrubava os animais pela cauda, o que lhe conferia respeito e fama.

Ao tornar-se um ritual festivo, com premiação, geralmente em dinheiro, e, em alguns casos, o animal vencido, essa prática foi se popularizando e chamando a atenção de vaqueiros e curiosos de várias localidades.

O animal bravo selvagem, o “barbatão” que logo ganhava fama, atraindo os vaqueiros mais em sua perseguição. Para a sua captura convocavam-se vaqueiros das várias ribeiras que em verdadeira festa iam perseguir o animal bravo. O que o derrubava, além de grande fama recebia como prêmio, ou o animal vencido, ou uma importância em dinheiro (ANDRADE, 1986, p. 122).

Algumas das grandes fazendas que existiam na *Vila do Penedo* tinham parte do seu terreno dedicado à prática da vaquejada, não como atividade esportiva, mas para mero divertimento das famílias dos arredores. Esse espaço de diversão, assim como as ruas de Penedo, que acolhem os devotos na Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, ou os foliões no Carnaval, representa uma dimensão simbólica do sentido que os homens dão àquilo que lhes cerca.

As ruas e as arenas da vaquejada “são territórios culturais portadores de significados e relações simbólicas resultantes da apropriação do espaço” (ALMEIDA, 2005, p. 332). Dessa forma, percebe-se que a cultura inscreve-se nesses territórios, lugar em que ela vai deixando marcas ao longo da história com a participação do homem, que, no caso da vaquejada, decorre da história de vida do sertanejo (ALMEIDA, 2005, p. 109).

Por fim, cumpre frisar que 2017 foi um ano de esperanças e esforços no sentido de resgatar e renovar as tradições em Penedo. A 1ª edição da Cavalgada de Santa Cecília é um bom exemplo disso. O evento arrastou centenas de cavaleiros e amazonas pelas ruas da cidade, no dia 23 de julho, num clima de festa e muita alegria.

Saindo do Bairro de Santa Cecília, mais conhecido como Matadouro, o grupo seguiu pelas ruas mais importantes de Penedo, retornando, já no período da tarde, para o ponto de partida, onde aconteceram apresentações artísticas. Os organizadores da festa já apostam no evento como mais uma tradição em Penedo e avisaram que a 2ª edição, no ano que vem, será mais grandiosa, com uma programação mais diversificada.



Figura 12: 1ª Cavalgada de Santa Cecília de Penedo, em 2017.

Fonte: Site de Notícias Aqui Acontece de Penedo/AL – Acesso: 24/07/2017

A exposição desses eventos é importante, pois ajuda-nos a pensar a cidade de Penedo como palco de festas diversificadas, ou seja, é o mesmo espaço sendo utilizado para diferentes comemorações. Assim, as ruas que são do carnaval, são também das procissões, da cavalgada, tais acontecimentos rompem com o cotidiano dos moradores de Penedo, cabendo observar que há uma tendência dos penedenses a deixarem a cidade no Carnaval e se concentrarem nela na Festa dos Navegantes, como comentado pelo jovem Leandro da Silva Gomes, estudante universitário, 24 anos, penedense:

O carnaval de Penedo é bom, mas muita gente sai da cidade e vai pra outro lugar. Muita gente vai pras praias. O Miaí ou o Peba, por exemplo, bem pertinho daqui. Já na Festa de Bom Jesus a cidade fica cheia de gente a semana toda.

Isso demonstra a tradição da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo, os vínculos que ela estabelece com a cidade e seus moradores e também com os que vêm de outros lugares para participar dos festejos ao *Bom Jesus*, o que justifica a iniciativa de tornar a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes um patrimônio imaterial do Brasil.

A ideia partiu do penedense Francisco Alberto Salles, fundador e presidente da Fundação Casa do Penedo, que elaborou projeto que será encaminhado à UNESCO, baseado no fato de ser a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes “a maior festa religiosa e festiva de Penedo e da região do Baixo São Francisco”. Para isso, na Procissão de 2016, várias lideranças políticas do Estado e também de outras regiões se fizeram presentes para, além de prestigiar o evento, discutir as possibilidades para a viabilidade do projeto de Francisco Alberto Salles.

Ao concluirmos essa pesquisa, obtivemos a informação de que o referido projeto encontra-se atualmente sob a apreciação da Câmara de Vereadores Municipal.

Procuramos fazer um desenho da Penedo antiga que converge com os desafios da contemporaneidade. Levando em consideração os seus costumes e valores, trouxemos à tona os propósitos e expectativas daqueles que estão diretamente envolvidos no processo de recuperação e desenvolvimento da identidade cultural do município.

1.2 A Penedo dos brancos, negros, indígenas e outros povos mais

Moreno Brandão, em sua “Monographia do Município de Penedo” (1936), menciona o movimento quilombola do Oiteiro, atual Bairro Senhor do Bonfim em Penedo, onde os negros se abrigavam no conhecido Engenho do Saco do Damaso. Hoje, quem chega ao antigo Oiteiro percebe que há mais negros do que brancos no local. O Bairro foi reconhecido como Comunidade Quilombola através de um estudo realizado pela Petrobrás sobre o Gasoduto Carmópolis-Pilar¹⁸.

A historiadora Luana Teixeira (2016) aponta a participação dos negros africanos na construção histórica de Penedo, que, na condição de escravos, ali eram comercializados nos anos de 1850, quando essa região, além de comercializar produtos como a cana-de-açúcar, o fumo e a mandioca, também era uma rota para o comércio interprovincial de escravos.

Em busca do pau-brasil, os franceses, antes mesmo da chegada de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, já exploravam a região da rocheira desde 1522, e ali se travavam conflitos com os Caetés, avessos à presença dos colonizadores. “Eram os caetés, grandes músicos e amigos de bailar, pescadores e nadadores exímios que se destacavam ainda pela originalidade de suas embarcações – jangadas feitas com periperi [...]” (DUARTE, 1978, p. 46). Os caetés sacrificaram figuras ilustres que percorreram a costa alagoana, tais como o primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha, o que lhes rendeu represálias por serem “comedores de gente”. “Uma linha extensa de recifes acidentavam a costa alagoana e tornava perigosa a navegação: dos freqüentes naufrágios aproveitavam-se os caetés, matando e comendo os sobreviventes [...]” (Ibid). Duarte ainda acrescenta que:

¹⁸ O Bairro Senhor do Bonfim em Penedo/AL recebe recursos provenientes da Petrobrás que são utilizados nas áreas da saúde, educação e lazer, conforme o que determina o EIA-RIMA (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental), como forma de compensação pela exploração da região.

Palco destacado da “pequena guerra do pau-brasil”, Alagoas despertou para a história contemplando o domínio inicial dos franceses que, por dilatado período, dominaram o escambo com o indígena. Embora não tenham deixado aqui memória de fortaleza ou feitoria, como em Pernambuco, ainda continuam lembrados na toponímia pelo *porto do Francês* que até hoje conserva seu nome de origem (1978, p. 48).

A carne humana não era apenas um simples tira-gosto para os Caetés. Antropofágicos¹⁹ por natureza, eles “acreditavam que o indivíduo ganha força pela assimilação de outros, poderosos e perigosos, sejam guerreiros inimigos, sejam parentes mortos”, segundo John Monteiro²⁰, historiador da Unicamp, que também nos conta que o naufrágio português ocorrido em 16 de junho de 1556 nas águas brasileiras, do qual resultou o sacrifício dos 90 tripulantes e do bispo, não pode ser confirmado com certeza, uma vez que “os relatos são todos marcados pela intenção de condenar os caetés e torná-los sujeitos à escravização”. A verdade é que os Caetés foram considerados “inimigos da civilização” pelos portugueses e europeus de uma forma geral, a ponto de, em 1562, Mem de Sá determinar “a escravização de todos, sem exceção”, provocando o seu extermínio em menos de cinco anos (MONTEIRO, 1995, p. 225).

A narrativa desses fatos é importante para que também possamos pensar a formação de Penedo a partir do envolvimento dos negros e indígenas nesse processo, como observado por Luana Teixeira, ao tratar do comércio de escravos na *Vila do Penedo*. Uma vez recebendo o Brasil, através do tráfico negreiro, os mais diversos povos daquele continente (África), não poderia deixar de receber também a sua contribuição cultural. (Duarte, 1958, p. 18).

Se somarmos às influências lusitana, negra e indígena, que tanto contribuíram para o desenvolvimento de Penedo, a presença forte do mestiço sertanejo, teremos a ampliação de uma comensalidade de povos misturados formando uma comunidade única, porém distinta, possuidora de novas identidades, apoiada em diferentes crenças, costumes e rituais, que, em determinado momento, confundem-se com aqueles que contribuíram para a sua formação.

¹⁹ Para uma descrição detalhada sobre o ritual canibalístico dos indígenas, ler STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Oficina Industrial Graphica. Rio de Janeiro-RJ, 1930.

²⁰ No Brasil, as primeiras iniciativas para se pensar os índios como sujeitos históricos partiram de antropólogos, ao quais se somavam alguns historiadores, dentre os quais John Manuel Monteiro. Já então renomado historiador, ele participou intensamente de vários projetos coletivos que, na década de 90, em linha interdisciplinar, apresentavam novas compreensões sobre os povos indígenas em situações de contato. Em 1994, sua tese de doutorado publicada no Brasil com o título de *Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* tornou-se um marco na historiografia brasileira. Ao dar visibilidade ao protagonismo dos índios na construção da sociedade colonial da capitania de São Paulo, Monteiro evidenciou que as dinâmicas da conquista e da colonização dependiam, em grande parte, das populações indígenas, cuja atuação se dava a partir da dinâmica de suas próprias sociedades. No mesmo ano, publicou o *Guia de fontes para a História Indígena e do Indigenismo em arquivos brasileiros*, valioso instrumento de pesquisa para os estudos históricos sobre os índios (ALMEIDA, 2015, p.3).

Mas como compreender essa junção de identidades, se temos em Penedo negros que vieram da África e mestiços nativos da região?

Seria necessário perguntarmos sobre como esses grupos étnicos, dotados da capacidade de reconstruir as suas identidades, conseguem converter a seu favor determinadas regras de convivência. Fredrik Barth (2000), por exemplo, nos diz que há sistemas sociais abrangentes em que indivíduos pertencentes a diferentes grupos étnicos interagem entre si. Lovejoy (2000) apoia essa vertente teórica ao afirmar que “como resultado da migração forçada da escravidão, as identificações étnicas podem se tornar mais inclusivas, fazendo emergir uma esfera de solidariedade entre diferentes grupos étnicos, mesmo quando não existem condições previamente determinadas para isso” (p. 60).

Por assim dizer, de origem e tradição sertaneja, os Bacamarteiros²¹ de Penedo, folguedo famoso na década de 80, hoje extinto na cidade, em apresentação simbólica, evocavam e representavam as guerras acontecidas no passado. Os grupos eram formados por atiradores de bacamarte²² e divididos em “tropas” sob o comando do “Sargento” e, acompanhados por zabumbas e bandas de pífano, realizavam coreografias, detonando grandes cargas de pólvora seca em homenagem aos santos padroeiros.

Os Bacamarteiros usavam trajes típicos, roupas de zuarte, chapéus de couro, alpercargas e cartucheiras de flandre e fabricavam suas próprias armas e a pólvora usada nas apresentações. Nos efeitos maravilhosos dos estampidos dos bacamartes reafirmavam os seus grandes feitos heroicos em refregas e escaramuças de antigas guerras. Hoje, essa celebração é mais comum em Pernambuco e, mais especificamente, em Caruaru.

Entendemos que essa encenação folclórica constitui-se num lugar de produção de identidades não obrigatoriamente étnicas, mas que trazem em seu bojo valores permeados pela variabilidade dos costumes ao longo do tempo que foram definindo não só os indivíduos, como também a coletividade da qual eles faziam parte. É, portanto, através do intercâmbio e da modificação que tais formulações acontecem no processo de construção das identidades.

²¹ A forma como os bacamarteiros se agrupam é bastante primitiva. Não há formalidades ou regulamentos. Só é necessário possuir um bacamarte, obedecer ao sargento e saber manejar a arma. A sanfona de 8 baixos, o triângulo, o zabumba de couro curtido e a banda de pífanos, acompanham os bacamarteiros, ao som de uma melodia de xaxado, que é acelerada nos desfiles ou lenta nas evoluções, na apresentação das armas, na frente das Igrejas e antes do início das salvas. O vestuário compõe-se de roupa de *zuarte* (algodão azul), lenço no pescoço, chapéu de couro, alpargatas e cartucheiras de flandre. Os bacamarteiros oriundos dos brejos, usam chapéus de abas largas, quebrado na frente, enfeitados com flores silvestres. Eles também colocam flores nos canos das armas (http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=481)

²² Antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula.



Figura 13: Bacamarteiros em celebração – Caruaru/PE - 2016
Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Caruaru – Acessado em 02/07/2017

A construção, no século XVII, da Capela de Santa Efigênia²³, primeira santa negra, na *Vila do Penedo*, constitui um marco na adaptação da cultura negra à religiosidade branca dominante na época. Os negros, escravos e libertos, veneravam Santa Efigênia, a quem atribuíam as graças da proteção contra todos os males. Possivelmente, essa foi a primeira devoção dos negros em Penedo a um santo da Igreja Católica.

Mais tarde, criou-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cujo objetivo maior era resguardar as tradições afro-religiosas e atenuar os maus-tratos dos brancos sobre os negros. Não se sabe ao certo quando foi criada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Penedo, mas dados de nossa pesquisa apontam que em 1634 ela já existia e foi um dos demarcadores, quiçá o mais importante, para a propagação da cultura afro em Penedo.

É interessante observar que, no Brasil, Nossa Senhora do Rosário é a padroeira das Irmandades dos Pretos, ao tempo em que ela é também a padroeira da cidade de Penedo. No interior de sua Igreja em Penedo, podemos encontrar santos pretos e brancos, o que comprova que as penitências ali realizadas procuravam adaptar a cultura negra à religiosidade branca.

²³ Atualmente, a imagem de Santa Efigênia, de origem nobre, filha do rei da Etiópia, encontra-se ao lado direito do altar-mor da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Penedo e traz em suas mãos uma casa, simbolizando o Mosteiro que a mesma fundou e salvou das chamas, invocando o nome de Jesus. A heroica santa tornou-se símbolo de proteção a todos contra incêndio, tornando-se também defensora dos que buscam a salvação do lar e lutam para ter uma casa própria. <http://aquiacontece.com.br/index.php/noticia/cultura/04/02/2016/cristina-sanchez-e-os-misterios-da-tradicional-lavagem-do-rosario-em-penedo/102099> - Acesso: 10/07/2017.



Figura 14: Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Penedo
 Fonte: SIPEAL – Acessado em 09/07/2017

Percebe-se que a arquitetura da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Penedo, que, por aspectos observados em documentos coletados, foi construída por homens de pele escura, com imagens de santos negros – Santa Efigênia e Santo Antônio de Catijeró – é uma homenagem aos escravos do Penedo, demonstrando a luta pela integração social dos negros que buscavam a tutela da igreja para ter um sepultamento digno.

No contexto [SIC] da história religiosa do Brasil, Penedo não escapou de uma regra muito comum na fase Colonial, a rivalidade entre Irmandades e Ordens terceiras, onde existiam as de: brancos, pardos e negros. Isso só motivou essa pluralidade de Templos belos, suntuosos e importantes em nosso Brasil. Eram organizações associativas de caráter complexo, principalmente as Irmandades, que apesar do contexto [SIC] religioso, juntava o cooperativo, recreativo, o associativo cultural e artístico, etc. (MÉRO, 1991, p. 28).

Chama atenção o fato de também existir naquela época em Penedo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, atual Catedral de Nossa Senhora do Rosário (Matriz), com cruz de pedra extraída da rocheira que deu nome a cidade e quatro sinos, sendo que o menor já existe desde o século XVII e o maior foi confeccionado em Lisboa em 1805. Possui duas altas Torres - campanário e simétricas -, separadas por um bonito *Frontão* e decoradas por três vitrais franceses, obras que foram concluídas juntamente com os corredores, em 1850.

Riquíssima em detalhes, a Catedral de Nossa Senhora do Rosário comprova o poder eminente dos brancos sobre os negros em Penedo, fazendo-nos refletir sobre as possíveis guerras religiosas e repressões ocorridas naquela época, sendo, no mínimo, curioso, considerar a existência de duas igrejas em honra à Nossa Senhora do Rosário na cidade. Sobre isso, Soares e Mello (2006) tecem o seguinte comentário:

A Penedo de hoje guarda a sete chaves muitas das respostas às nossas perguntas. Sabemos através de Abelardo Lobo que os muçulmanos de Penedo viveram nos bairros da Roqueira e do Barro Vermelho, onde se pode chegar a pé, descendo a ladeira da Igreja do Rosário dos Pretos. Essa Igreja, pertencente à irmandade no mesmo nome, tinha como principal orago a Virgem do Rosário. Era e ainda é hoje, a Igreja do Rosário dos Pretos que assim se distingue da outra, a do Rosário dos brancos, sede da matriz, Além do orago principal outros santos e variedades da Virgem eram também cultuados na igreja, mas muito provavelmente aí devem ter existido outras devoções, entre ele Nossa Senhora da Boa Morte, cuja festa do ano de 1875 foi anunciada no Jornal de Penedo, 27.08.1875 (p. 9, grifos nossos).

Foi justamente em 1815, ano em que se deu uma grande reforma da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, que os negros do Penedo, movidos pelo inconformismo, motivaram um levante contra os brancos, do qual resultaram várias mortes. Muitos foram feitos prisioneiros, outros, no entanto, permaneceram louvando a Deus e participando das comemorações que aconteciam no lugar, como os folguedos natalinos (Brandão, 2003).

Os ensinamentos de Abelardo Duarte (1958) dão conta de que os negros planejaram o levante para o dia do Natal e o orquestraram de forma muito bem organizada e planejada dentro da comunidade. Contudo, a ação foi frustrada em virtude de denúncias que chegaram ao conhecimento do ouvidor da Comarca das Alagoas, Antônio José Ferreira Batalha, que desbaratou o ato sigiloso dos escravos.

Mas quem foram esses negros revoltosos, que, insatisfeitos com tamanha intolerância branca, resolveram se rebelar num cenário que muito pouco, ou quase não, lhes favorecia?

Nossas deduções partem de documento achado por Abelardo Duarte endereçado à Capitania Geral de Pernambuco, com data de 4 de agosto de 1815. Fala-se de um ofício, onde é narrado o desmonte do arquitetado levante. Abelardo Duarte faz referência aos Malês das Alagoas, negros fugidos das bandas da Bahia, que aqui aportaram em virtude de perseguições sofridas desde 1807, ano em que tiveram início as rebeliões no Recôncavo Baiano²⁴. Em Alagoas, os Malês se dividiram em dois grupos: um em Marechal Deodoro e o outro em Penedo.

Abelardo levanta três hipóteses para a chegada desse grupo a Alagoas. Uns teriam sido traficados diretamente para a região para trabalhar como escravos nos engenhos e fazendas; outros teriam sido para lá transferidos através do tráfico interno; outros por fim, seriam fugitivos da Bahia. Não foi aventada pelo autor a possibilidade dos senhores baianos terem deliberadamente se desfeito desses revoltosos indesejáveis vendendo-os, quem sabe a baixo preço, nas barrancas do São Francisco. Por fim, resta ainda a possibilidade de terem vindo por conta própria, fugidos ou libertos. De um modo ou de outro, seguiram a importante rota comercial que conectava Penedo -

²⁴ As insurreições haussás da Bahia ocorreram em 1807, 1809, 1813, 1816. Daí em diante não há registro de outros levantes até 1826, quando iniciam-se as rebeliões reconhecidas como nagôs (1826, 1827, 1828, 1830, 1835). Datando a planejada rebelião de Penedo de 1815 só poderia ter contado com escravos locais ou com egressos dos movimentos de 1807, 1809 e 1913-14, o que reforça, sobretudo, a tese da presença de haussás entre os malês de Penedo (SOARES & MELLO, 2006, p.7).

pertencente à Comarca de Alagoas, vinculada a Pernambuco - a Salvador, na Bahia (SOARES & MELLO, 2006, p.7).

Abelardo Duarte (1958) atesta que os Malês “professavam o Maometismo, tinham absoluta persuasão dos dogmas pregados nos versículos e suratas do Corão, jamais se afastando dos ensinamentos recebidos. Eram ortodoxos, apesar da sua situação social” (p.21). Os afro-muçulmanos eram bastante rígidos a respeito do seu ponto de vista religioso, sendo, tais convicções, de acordo com Abelardo Duarte, o motivo para os levantes ocorridos em vários pontos do território brasileiro e, em Penedo, especialmente. Mas foi na Bahia que o movimento ganhou maior expressividade com a “Revolta dos Malês”.

1.3 Situando a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo

Penedo abriga o maior evento religioso do interior do Estado: a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Em sua grandiosidade, a Festa reúne frequentadores vindos de diferentes partes do Brasil, sendo a região Nordeste a que mais possuiromeiros e devotos do Senhor Bom Jesus, vindos da Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe e Ceará. Adelina Lubambo de Britto (2010), em seu trabalho sobre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Propriá/SE, conta que “as Festas introduziram doutrinas, costumes e comportamentos que resultaram em um hibridismo religioso-cultural, formatando uma religiosidade católica popular” (p.11).

A participação dos frequentadores da festa em Penedo denota o “hibridismo religioso-cultural”, assim mencionado por Adelina Lubambo, pois, como visto, eles vêm de diferentes regiões e, quando em interação com o lugar, dão origem a sociabilidades distintas que vão acontecendo no espaço urbano da cidade, e isso faz com que a Festa transcenda limites a partir do fluxo de pessoas que a cidade recebe. “[...] para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la” (HANNERZ, 1997, p. 12).

Logo, a partir da compreensão de Hannerz da cultura enquanto um processo, temos que a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo corresponde a um conjunto complexo de assimetrias, em virtude da variabilidade de pessoas que dela participam a cada ano e também da diversificação de seus propósitos. Dentro de um calendário festivo, a Festa em Penedo celebra os dias santificados, nos quais as manifestações populares podem diluir,

cristalizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos envolvidos (AMARAL, 1998, p. 08),

A Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo tem sido realizada desde janeiro de 1884, quando a imagem do Cristo Agonizante, pertencente à Ordem Terceira de São Francisco, da Igreja Conventual de Santa Maria dos Anjos, era utilizada no evento. Essa prática religiosa decorreu do fato da vinda para a *Vila do Penedo* de missionários Franciscanos. De fato, desde a chegada dos Franciscanos à vila, a festa já correspondia à maior movimentação católica da região, atraindo a atenção da circunvizinhança.

Ernani Méro relata, conforme registro no *Livro do Tombo da Venerável Ordem Terceira Franciscana*, que já era possível encontrar um pequeno altar em homenagem ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes no século XVII.

[...] a parede do frontispício que estava no alinhamento da terra foi erguida mais em busca do adro sobre as arcadas (galilés) que formava airoso vestíbulo, onde se mostram os altares do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e de São Vicente Ferrer... [SIC] (1991, p.188).



Figura 15: Procissão terrestre (s/d)
Fonte: Arquivo Fundação Casa do Penedo



Figura 16: Procissão fluvial (s/d)
Fonte: Arquivo Fundação Casa do Penedo

Talvez, não de forma conclusiva, pois nossos estudos estão alicerçados por documentos²⁵ (ofícios, listas e tabelas existentes na Fundação Casa do Penedo) que pouco registram a vida cotidiana dos escravos em solo penedense, baseando-se mais em números e datas, a exemplo do que descreve o engenheiro Henrique Halfeld²⁶, salvo algumas incursões

²⁵ Incluem pagamento da taxa dos escravos da *Vila do Penedo* e de outras cidades; escravos embarcados em Penedo; exportação de escravos por agências de fiscalização etc. A esse respeito ver Teixeira (2016).

²⁶ "Em 1854 o engenheiro Henrique Halfeld esteve em Penedo e calculou que a população total da freguesia chegava a 17.874 almas, sendo que 2.213 delas era escrava (12,82%). No entanto a freguesia era ampla e ao se deter apenas aos limites da cidade, Halfeld contou haver 1.014 casas e estimou que nelas viviam de 8.500 a 9.000 habitantes. [...] percebe-se que a população escrava na área central do Penedo não chegaria a 5% do total. O que não é de se estranhar, visto que o próprio administrador da Mesa de Rendas afirmou que a cobrança da taxa era bastante restritiva, recaía apenas sobre aqueles escravos que efetivamente residissem na área central da cidade. Muitos outros viviam nos arrabaldes e costumavam frequentá-la. De qualquer forma, se cogitarmos que

que revelam o seu estabelecimento no centro da vila, onde desempenhavam seu trabalho no casario da elite branca e estabelecimentos comerciais, arriscar-nos-íamos a dizer que dois foram os grandes momentos que propiciaram o desenvolvimento de discursos mais engajados acerca da religiosidade em Penedo: a chegada dos Franciscanos e consequente realização da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e o tráfico negreiro nessa região, que veio a proporcionar o desenvolvimento de ideais religiosos pautados pela cultura africana, a exemplo da Festa dos Mortos dos Malês²⁷.

Por ocasião do tráfico de escravos negociados pelos Portos do Penedo e Maceió em 1850 (TEIXEIRA, 2016, p.136), registravam-se indícios, naquela época, de cultos dos negros islamizados – Malês – que reverenciavam seus mortos de forma bastante organizada, realizando a sua Festa dos Mortos.

Escravos que conservaram, pelos tempos afóra, seus hábitos e costumes, sua religião e práticas negro-muçulmanas, até mesmo observando o ritual Malê no enterramento dos seus mortos, e cujas sobrevivências místico-religiosas, chegaram, muitas delas, como a Festa dos Mortos, até os fins da escravidão (DUARTE, 1958, p.35).

Neste momento do nosso trabalho, cabe atentar para alguns números. Já foi dito que Penedo possui cerca de 64.292 habitantes, de acordo com o Censo IBGE/2016, sendo destes, aproximadamente, 47.507 declarados católicos, que frequentam alguma(mas) das 12 Igrejas Católicas da cidade, o que representa bem a herança deixada pelos missionários franciscanos à época da colonização portuguesa.

No entanto, mesmo diante de uma maioria expressiva, as religiões de matriz africana estabilizaram-se na cidade por meio de conflitos travados pelos negros, que queriam firmar-se como cidadãos de fato e de direito no rochedo.

Todos esses detalhes são importantes na reconstituição dos tipos religiosos e na identificação da natureza dos cultos praticados na *Vila do Penedo*, pois é com base neles que

cada senhor representava uma moradia, podemos sugerir que 18% das casas abrigavam escravos. A dispersão dos cativos no espaço urbano do Penedo é ainda mais evidente porque a taxa dos escravos de 1855 indica que os 429 escravos listados residiam em 23 ruas e logradouros – praticamente a totalidade da área central – demonstrando que havia escravos residindo em todos os cantos do centro da cidade” (TEIXEIRA, 2016, p. 135).

²⁷ Aportaram no Brasil, na triste condição de escravos, tantos mais ou menos incultos, como também a chamada “elite negra” que sabia redigir com correção o Árabe Clássico, conhecendo Astronomia, Direito, Aritmética e teologia. Páginas distintas da literatura árabe, deve-se a nativos do Senegal, de Fouta, de Tombouctou e da Nigéria. Esses muçulmanos de origem africana, objeto de comércio vil, equiparados a irracionais, provenientes de várias tribos do continente negro, foram denominados na Bahia e nas Alagoas (Penedo) de Malês ou Muçulmi e de Alufá, no Rio de Janeiro. Do território Alagoano, Penedo foi o único ponto onde houve o culto negro-maometano, perfeitamente organizado. A velha Cidade do Penedo (Alagoas), reuniu no passado, um dos mais populosos centros de negros, na região Alagoana. Não foi o número de negros africanos que deu o nome a Penedo, mas sim a condição de alguns deles serem maometanos. Eram ortodoxos, impressionavam pelo credo religioso, seguiam o Islão nas suas práticas religiosas. Dentre esses muçulmanos, o mais respeitado e conhecido na vila foi o negro Manuel, nagô liberto, entre os seus chamado Abul, antigo escravo da família Bittencourt (DUARTE, 1958).

podemos extrair as primeiras ideias acerca da participação dos Malês, embora em minoria, na formação da religiosidade negra e disseminação de discursos escravagistas dentro da vila, que, até então, era dominada pela educação branca disciplinada pelos sermões católicos. “[...] êles eram conhecedores perfeitos do culto [...]”, afirma Abelardo Duarte ao referir-se a uma fotografia da Festa dos Mortos tirada pelo Dr. Carvalho Sobrinho em 24 de agosto de 1887, demonstrando esta “a identidade perfeita, completa” com os negros islamizados (Duarte, 1958, p. 37).



Figura 17: Fotografia dos negros muçulmanos em Alagoas (Malês) tirada pelo Dr. Carvalho Sobrinho em 24 de agosto de 1887: prova concreta da existência do culto negro-maometano aos mortos.
Fonte: (Duarte, 1958, p.41)

A Festa dos Mortos tinha duração de três dias, acontecendo duas vezes por ano, enquanto a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo acontecia em quatro dias, hoje estendida para sete, numa única vez por ano - aqui temos a temporalidade dessas festas no contexto de um calendário cíclico. No terceiro e último dia da Festa dos Mortos, pelos idos de 1888, os personagens eram convocados para o espetáculo da religiosidade, guiados por Alá na ocasião, convidados para um grande banquete, indispensável para quem pudesse distinguir “o fio branco do negro”, depois disso, o grupo se recolhia novamente em jejum (Mello, 2009, p. 192).

A culminância da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo também acontece num momento de espetáculo religioso que se dá pelo ato ritual da Procissão no último dia da festa (segundo domingo de janeiro), que tem como ápice o percurso fluvial pelas águas do Rio São Francisco.

Já no século XVII, ainda segundo o livro do Tombo da ordem terceira (s/d), há registros de que a procissão terrestre e fluvial com a imagem votiva do Cristo Agonizante (ECCE HOMO; que significa “Eis o Homem”), a imagem mais antiga de Penedo, saía da igreja conventual Nossa Senhora dos Anjos. O cortejo percorria as ruas do centro da cidade, adentrava em uma embarcação e, ainda segundo o livro do Tombo do Convento, constituía um ritual de sacralização em agradecimento a pujança e a fatura do rio São Francisco. (GUIMARÃES, 2014, p. 22)

Situar a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes temporalmente com a Festa dos Mortos dos Malês, um evento tão antigo de matriz africana, ou com a Festa da Lavagem do Beco da Preguiça e do adro da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, já bem mais recente, que, inclusive, marca, como já mencionado, a abertura do Carnaval penedense, outra reunião festiva de grande peso e importância para a população local, ou mesmo com as comemorações da Semana Santa, representa uma mensuração das possibilidades que Penedo oferece enquanto cenário de eventos religiosos, envolvendo os sujeitos em práticas sociais cujos momentos rituais se distinguem uns dos outros, em polos opostos (como, por exemplo, Jesus aparecer vivo e altivo na Festa dos Navegantes, e sacrificado e morto na Semana Santa), mas que, sejam eles formais ou informais, confrontam e agregam valores que determinam os comportamentos sociais.

Disso DaMatta (1997, p. 48) já nos fala ao tratar das rotinas e dos ritos, a exemplo do carnaval, como festejo popular que promove um espaço onde o comportamento social é dominado pela liberdade e suspensão das regras do cotidiano.

A Festa dos Navegantes e o Carnaval de Penedo têm em comum a mobilização da comunidade que se prepara para receber e aproveitar esses acontecimentos. Ambas são festas de rua, como dito anteriormente, que ocorrem nos espaços públicos de Penedo e reverberam um momento de liberdade dos participantes. Enquanto festas populares, elas mantêm intrínseca relação com desejos e fantasias, com o permitido e o proibido, manifestando a crença popular nos santos católicos e nos orixás africanos. O carnaval penedense congrega características que são importantes não só para a cultura local, mas também para a formação da identidade social brasileira (DaMatta, 1986, p. 17), podendo o mesmo ser dito a respeito da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

1.4 A Procissão dos Navegantes ontem e hoje

Segundo Perez (2010, p. 3), “o termo Procissão (provém de *procedere*, ‘para ir adiante’, ‘avançar’, ‘caminhar’) é um corpo organizado de pessoas caminhando de uma maneira formal ou cerimonial”. Muitas vezes acontece sob a forma de um cortejo religioso realizado em marcha solene – pela seriedade no caminhar das pessoas - normalmente pelas ruas de uma cidade, carregando imagens e entoando orações ou cânticos.

Levar a imagem do santo pelas ruas significa espalhar as bênçãos que a fé proporciona. Para os participantes, seguir uma procissão é seguir Jesus, que também andou em procissão rumo ao calvário, onde teria conquistado a salvação de toda a humanidade.

No Antigo Testamento, podemos encontrar referências a procissões (*Êxodo 25:10-15; Josué 3:5-6;14-16; Josué 4:4-5;15-18; Josué 6:4; Números 10:33-34*). No Livro do Êxodo, por exemplo, os hebreus saem do Egito, liderados por Moisés, após os sinais das pragas enviadas por Deus, andando durante quarenta anos no deserto, preparando-se para a ocupação da Terra Prometida a Abraão, Canaã. No segundo episódio, o povo encontrava-se sob a liderança de Josué (sucessor de Moisés), que, orientado por Deus, andou sete vezes em torno da cidade de Jericó com a Arca da Aliança. No último dia dessa caminhada, as muralhas ruíram ao som das trombetas.

Santos (2015, p. 10) nos conta que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes se tornou “famoso” ao salvar dois pescadores que, ao irem pescar no Rio São Francisco, viram-se encurralados no meio do rio, perdidos em suas águas. Ao encontrar o caminho de volta, prometeram fazer, todos os anos, uma procissão pelo rio com suas embarcações como forma de agradecimento. Assim, teve origem a Procissão dos Navegantes.

A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes acontece em Penedo desde 1884, já se vão 133 anos de sua existência. É inegável que para manter-se viva essa Procissão precisou reinventar-se ao longo de todos esses anos.

A imagem do Cristo Agonizante foi usada na Procissão até janeiro de 1914, quando o Frei do Convento Franciscano de Santa Maria dos Anjos avisou que aquela teria sido a última vez que a imagem seria utilizada na Procissão representando o Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Ao longo desta pesquisa, não foram encontradas razões contundentes que justificassem tal decisão, mas acredita-se que os festejos profanos realizados após a Procissão teriam sido o estopim, pois parte dos religiosos da época era contra os shows, danças e jogos que ali aconteciam.

Essa proibição parece ter mexido com os ânimos da população penedense, que não a aceitou facilmente. Afinal de contas, se pensarmos no que a Procissão representa hoje para Penedo, aquele poderia ter sido o fim das comemorações ao Senhor Bom Jesus e não mais haveria que se falar na Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes naquela região.

A verdade é que os ideais de liberdade já estavam bem mais concretizados entre os cidadãos penedenses que não admitiram ter seus direitos à diversão reprimidos e a Igreja aparentava não ter mais tanto controle sobre a vontade do povo. Assim, o Sr. Antônio José dos Santos (Tonho Peixe-boi), representante da comunidade, encomendou uma imagem do

Senhor Bom Jesus dos Navegantes ao Mestre Cesário Procópio dos Mártires²⁸, escultor penedense, e, em 11 de janeiro de 1915, a nova imagem saiu em procissão pela cidade de Penedo já atraindo uma grande multidão, ficando recolhida na Capela Santa Cruz do Cortume. No Capítulo 2 deste trabalho, será dedicada maior atenção a essa imagem e à Procissão de uma forma geral.



Figura 18: Imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, da lavra do Mestre Cesário Procópio dos Mártires, usada até hoje nas Procissões.

Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo – Acessado em 03/07/2017

Fazendo uma correlação sobre a repercussão negativa da proibição do Frei, em 1914, com o que acontece hoje em Penedo, veremos que as resistências da população contra o fim das comemorações profanas da Festa ainda continuam muito firmes e durarão por um bom tempo, malgrado existam aqueles, em pequena minoria, que, evidentemente, optam pelo seu cancelamento. No entanto, diferentemente do que acontecia naquela época, a “briga” atualmente é com a gestão municipal.

²⁸ Britto (2010, p.29) confirma que outras imagens do Senhor Bom Jesus dos Navegantes também são da autoria do Mestre Cesário Procópio dos Mártires: a de Propriá/SE, a de Piaçabuçu/AL, a do Pontal da Barra/AL e a do Jaraguá/AL; sendo também o escultor das imagens do Senhor Morto e da Senhora Divina Pastora de Junqueiro/AL, do Senhor Morto de Neópolis/SE, de São Miguel Arcanjo que se encontra na Igreja das Correntes de Penedo/AL, além de outras espalhadas pelo Brasil, como a de São João Evangelista, localizada no Bairro de Botafogo na cidade do Rio de Janeiro/RJ. A nossa pesquisa não identificou, por não haver registros ou informações, em que circunstâncias Cesário Procópio passou a ser chamado de “Mestre”. Acredita-se que pelo seu ofício como santeiro.

Acompanhando os preparativos da Festa de 2016, pude participar de uma audiência pública realizada na Casa da Aposentadoria em Penedo, realizada no dia 17 de setembro de 2015, onde a comunidade discutiu, juntamente com os gestores do município e vários segmentos da sociedade: lojistas, professores, mototaxistas, vendedores ambulantes, dentre outros, se iria ser realizada ou não a parte profana da Festa. Inclusive, o que me chamou muito atenção foi a não participação de representantes da Igreja Católica.

Foram 3 horas de debates acalorados sobre a realização da programação artística e cultural dos festejos ao Senhor Bom Jesus. No seu primeiro mandato, o Prefeito Marcius Beltrão realizou as comemorações (2013/14). Em 2015, alegando dificuldades econômicas, a Prefeitura não realizou a Festa, restringindo-se o evento apenas à celebração religiosa e à Procissão, que, segundo informações, não teve um número tão expressivo de participantes, ou pelo menos foi muito inferior aos anos anteriores.

Na audiência pública para decidir sobre a Festa em 2016, todos tiveram a oportunidade de expressar a sua opinião, como foi o caso de Tales Alberto Almeida, empresário de banda de música e mototaxista na cidade:

Sou favorável por vários motivos. Sou mototaxista e empresário. A nossa festa é grandiosa, passou a ser reconhecida nacionalmente também pela programação artística. Mas, não visualizo apenas a festa, mas sim o montante, os recursos que circulam na cidade durante uma semana. Quero que ocorra, sim, e que todas as bandas tenham espaço. Em Penedo são poucas e existe lugar para todos.

Mariana Pereira, do ramo de confecções e calçados na cidade, também foi favorável à realização da festa:

Estou aqui representando os lojistas e sei que 99% da classe é favorável, posso falar isso. As festividades em homenagem ao Bom Jesus representa um segundo Natal em vendas. Sabemos que o momento é delicado, mas os recursos que entram em Penedo durante a festa, para todos os segmentos, são altos e representam muito para todos. Por isso, sei que o comércio é a favor, e sigo o que todos comungam.

Representado o Legislativo penedense, a Vereadora Lúcia Barbosa, posicionou-se favorável, mas com algumas restrições:

Sabemos o que a Festa artística traz de ganho econômico para Penedo. O momento de crise acomete todo o Brasil. Se seguirmos à risca, não faríamos nada. Nem sair de casa para não gastar. Então, os ganhos da programação artística da festa são grandes e podem ajudar muita gente, que também sofre com o momento de crise. Quero que ocorra, com prioridade para as bandas regionais, da cidade. E o principal, se não for comprometer os salários dos servidores e o pagamento dos fornecedores, sou favorável.

Já o Sr. Elusival dos Santos, servidor público, teve posicionamento contrário à realização dos festejos ao dizer que:

Afora o aspecto religioso, os festejos de Bom Jesus transformaram-se em apologia a comportamentos de pouco bom gosto. Regado à cachaça (generalizando as bebidas alcoólicas), o povo se farta ao som de músicas ruins, em meio a brigas e outras coisas que não convêm comentar aqui. É o Berço da Cultura!

Outros depoimentos, sobre os quais não tive a autorização de divulgá-los por seus protagonistas, por terem sido mais ofensivos, especialmente à pessoa do Prefeito – e também não sendo este o caráter deste trabalho: dizer quem está certo ou errado, foram deixados de lado. Chegada a hora da votação, por maioria, ficou decidida a realização da Festa.

O fato é que a Festa de 2016 foi realizada e a programação – que pode ser consultada ao final deste trabalho (Anexo 02) – superou todas as expectativas, trazendo atrações de peso do mundo *business*.

Já para a Festa de 2017, não houve audiência pública e a Prefeitura, de pronto, lançou nota avisando a não realização da Festa mediante a crise econômica e a situação de inconstância política por que passa o nosso país, conforme documento abaixo:

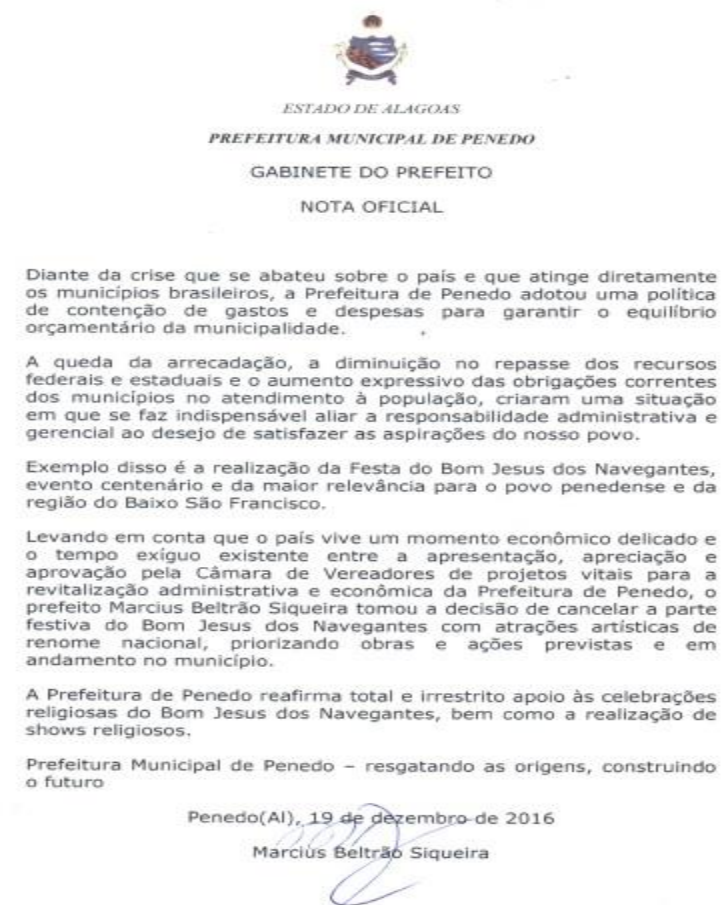


Figura 19: Nota Oficial anunciando a não realização dos festejos ao Senhor Bom Jesus em Penedo em 2017
Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo/AL – Acesso: 30/11/2016

Todavia, novamente, parte da população, inconformada com a decisão, iniciou um trabalho de conscientização da sociedade sobre a importância dos festejos, o que dividiu

muito as opiniões da cidade como constatado nos jornais e mídias sociais, principalmente em virtude de confusões ocorridas nos shows do ano anterior, quando garrafas, cadeiras e mesas voaram num tumulto que transformou a Arena Sinimbu num verdadeiro campo de guerra, conforme consta em notícia veiculada pelo site abaixo:



Figura 20: Notícia sobre confusão na Festa do Senhor Bom Jesus de 2016 em Penedo
Fonte: G1 Site de Notícias de Alagoas – Acessado em 05/07/2017

No entanto, várias reuniões foram agendadas com o governo penedense, que, não resistindo aos apelos, findou por voltar atrás em sua decisão de não realizar a Festa, contratando, inclusive, três grandes atrações de renome nacional para animá-la, como demonstrado na programação da Festa de 2017 ao fim deste trabalho (Anexo 03) e em notícias nas redes sociais.



Figura 21: Notícia em Site da internet sobre a realização da Festa do Senhor Bom Jesus de 2017
Fonte: Alagoas 24 horas – Acessado em 05/07/2017

As situações há pouco apresentadas servem para nos dar uma ideia das dificuldades enfrentadas para que se mantenha viva a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo e, mais especificamente, a Procissão, tema central deste trabalho. Alguns fatos e situações a seu respeito seriam praticamente inenarráveis numa pesquisa como esta pela simples razão de não terem sido feitos os seus registros ou não estarem na memória de seus frequentadores, e assim terem se perdido no tempo, o que é natural por se tratar de um evento que já data de 133 anos.

Mas muito disso pode ser resgatado pelo comportamento dos seus moradores e pela própria estrutura da cidade. O certo é que a Procissão em honra ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, em toda a sua plenitude, enquanto um fenômeno religioso urbano, insere-se num contexto complexo o suficiente para não se deixar esgotar por qualquer ciência que seja.

Nos próximos capítulos, será demonstrada como se deu a minha inserção no cenário da Festa, o desenrolar da pesquisa, o meu envolvimento com os moradores de Penedo e participantes da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, no sentido de compreender como os devotos interagem com o santo na Procissão, e os resultados do meu trabalho de campo.



CAPÍTULO 2 – A CIDADE EM FESTA

2.1 Quem é o Senhor Bom Jesus dos Navegantes para os devotos?

De acordo com Méro (1994, p. 35), a devoção ao Senhor Bom Jesus, com suas raízes em Portugal, de onde foi levada para os países de colonização portuguesa, tais como Brasil, Açores e Angola, difundiu-se através da veneração da imagem de Jesus Cristo, que aparece em várias etapas de Sua *Paixão*, sendo, hoje, uma prática religiosa muito comum em muitas localidades do Brasil.

Remonta ao século XVII os primeiros cultos religiosos ao Senhor Bom Jesus no Brasil. Conforme destacam Silva e Filho (2014, p. 12), encontra-se em Tremembé/SP a imagem do Senhor Bom Jesus mais antiga de que se tem notícia no Brasil, sendo também a de maior valor artístico²⁹, dado o fato de que ela foi esculpida em cedro brasileiro, madeira tipicamente encontrada em Tremembé/SP, o que nos leva a crer que ela foi feita aqui mesmo; foi encontrada – seu autor é desconhecido – há aproximadamente 50 anos antes de ter sido achada a imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba do Sul; além de ter sido benzida pelo vigário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em 1663 e representar Jesus tal qual descrito em *Mateus 27,26-31*:

Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado. Em seguida, os soldados de Pilatos levaram Jesus ao palácio do governador, e reuniram toda a tropa em volta de Jesus. Tiraram a roupa dele, e o vestiram com um manto vermelho; depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita. Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram dele, dizendo: "Salve, rei dos judeus!" Cuspiram nele e, pegando a vara, bateram na sua cabeça. Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho, e o vestiram de novo com as próprias roupas dele; daí o levaram para crucificar.

²⁹ O Senhor Bom Jesus é titular de mais de 200 igrejas no Brasil, algumas delas basílicas ou santuários nacionalmente famosos, como a do Bom Jesus da Lapa, Bahia, e a do Bom Jesus de Pirapora, São Paulo. Sob essa invocação, veneram-se imagens de nosso Divino Redentor especialmente em episódios de sua Paixão. Em sua maioria, apresentam Nosso Senhor à devoção dos fiéis, ou de pé com um manto de púrpura e a coroa de espinhos, ou pregado na Cruz. Mas há também numerosas imagens do Bom Jesus do Horto representando Nosso Senhor em sua agonia no Jardim das Oliveiras. Bom Jesus dos Passos, em sua subida ao Monte Calvário. Bom Jesus da Coluna, no momento da flagelação do Senhor. E assim por diante. A Basílica de Tremembé apresenta aos fiéis os diversos momentos da Paixão de Cristo, nos quais Ele é invocado sob o título de *Bom Jesus*. São nove imagens no seu interior que inspiram a devoção a Jesus Salvador (SILVA & FILHO, 2014, p. 16).



Figura 22: Senhor Bom Jesus de Tremembé/SP

Fonte: <https://www.facebook.com/BasilicaDoSenhorBomJesusDeTremembe> Acessado em 20/12/2016

Uma vez que a devoção ao Senhor Bom Jesus relaciona-se com a vida e morte de Jesus Cristo, com destaque para a representação do drama do Calvário, onde temos: Jesus com a coroa de espinhos, a flagelação de Jesus, Jesus carregando a cruz e, finalmente, a crucificação de Jesus, observa-se que a forma como o Senhor Bom Jesus dos Navegantes, em Penedo/AL, foi concebido remete a uma representação de Jesus vivo, com postura firme, feição serena e, ao mesmo tempo, tenaz; a barca, dentro da qual a imagem desfila no dia da Procissão, constitui o símbolo maior de sua proteção aos pescadores, reverberando uma sintonia com a sua mão esquerda estendida, a qual, em tempos tumultuosos, acalmou as águas do São Francisco³⁰ – concepção do Mestre Cesário Procópio dos Mártires ao esculpir a imagem.

O mesmo não acontece com a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Salvador/BA, onde Jesus aparece morto na cruz, transmitindo a ideia de tristeza, dor e sofrimento, propagando o sentimento de fragilidade e enfatizando a maldade daqueles que o pregaram na cruz.

³⁰ Leva a crer que o Mestre Cesário Procópio pode ter se inspirado na viagem de Jesus pelo Mar da Galileia para esculpir a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, quando Ele é acordado pelos apóstolos no meio de um violento vendaval. As ondas batem contra o barco, que começa ‘a ficar inundado e em perigo’ (Lucas 8:23). Jesus diz aos apóstolos: “Por que vocês estão com tanto medo, homens de pouca fé?” (Mateus 8:26). Então Jesus ordena ao vento e ao mar: “Silêncio! Cale-se!” (Marcos 4:39). O vento forte para e o mar fica calmo. (Marcos e Lucas relatam esse impressionante acontecimento. Primeiro, enfatizam que Jesus acalma milagrosamente a tempestade, depois mencionam a falta de fé dos discípulos). Os discípulos dizem uns aos outros: “Quem é realmente este homem? Até mesmo o vento e o mar lhe obedecem.” E eles conseguem atravessar o mar em segurança. (Marcos 4:41–5:1) Provavelmente os outros barcos que navegavam com eles conseguiram voltar à margem oeste. (Fonte: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/Jesus-o-Caminho-a-Verdade-e-a-Vida/Se%C3%A7%C3%A3o-3-O-grande-minist%C3%A9rio-de-Jesus-na-Galileia/Jesus-acalma-uma-tempestade-no-mar/>)



Figura 23: Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ



Figura 24: Senhor Bom Jesus dos Navegantes – Salvador/BA
Fonte: Jefferson Peixoto /Ag Haack

Essas representações do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, embora antagônicas, reforçam a personificação de Jesus como homem sofredor, pois até mesmo os seus devotos em Penedo reconhecem o Seu sofrimento, embora Ele não esteja na cruz como em Salvador.

O Sr. Ernesto Pascoal dos Santos, por exemplo, servidor aposentado da Prefeitura de Penedo, 68 anos, revelou-me que reconhece na imagem do *Bom Jesus* a dor e a penúria de Jesus, muito embora Ele não esteja desfigurado e ensanguentado:

Ele deu a vida por nós, sofreu muito, apanhou demais. O mais bonito foi que ele teve compaixão e piedade de todos aqueles que lhe fizeram mal, pois quando estava para morrer disse “Pai, perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem”. E ressuscitou para trazer um mundo melhor para todos nós, porque é isso que ele quer: que a gente se perdoe, como Ele perdoou, que viva em harmonia, nos respeitando.

Na fala do pescador Joaquim Osório Farias, 45 anos, filho e neto de pescadores, percebe-se como o *Bom Jesus* tem sua santidade sublinhada entre aqueles que vivem da pesca. Ao conversar comigo sobre o milagre da multiplicação dos peixes, que está em *Mateus 14:13-21*, *Marcos 6:31-44*, *Lucas 9:10-17* e *João 6:5-15*, Joaquim demonstra a sua fé no santo:

Você sabe que pra nós que vivemos da pesca é muito difícil, se não tiver fé em Deus...já era! Se Jesus pôde multiplicar dois peixes e cinco pães e alimentou mais de cinco mil homens, o que é pra Ele encher esse rio de peixe? Ele é que dá o nosso sustento, pouco ou muito é do rio que nós tamo sobrevivendo através da pescaria. Então, tem que ter fé no Bom Jesus. Ele que nos guia nas nossas pescarias pra buscar o pão, que Deus multiplica também na nossa casa.

É através de relatos como o do Joaquim, por essa forma de “confiar” ao santo o resultado do seu trabalho e garantir que é também por intermédio dele que as coisas podem ir à frente, que percebemos que essa representação social que lhe é conferida interfere no comportamento das pessoas, tornando-as mais esperançosas e confiantes; e, assim, as suas crenças “vão sendo incorporadas à tradição”, como apontado pela antropóloga Renata de Castro Menezes (2004. p. 163).

Aproveito-me de uma colocação de Chaves (2009) ao tratar de um eixo central que compõe a relação de identificação entre santo e devoto, quando ele dispõe que esse eixo

tanto pode partir do devoto quanto do santo. No primeiro caso, o santo, ao espelhar determinados aspectos relacionados à vida social dos devotos, pode ser concebido como uma construção social - uma espécie de projeção no plano simbólico de relações sociais, especialmente, no caso de José, as que envolvem a família e suas diferenciações internas. No segundo, quando o centro passa a ser o santo, ele se transforma em um Ser, uma realidade, uma entidade que goza de relativa autonomia em relação aos que o construíram, passando a interferir em suas vidas (p.77).

Assim, o Sr. Ernesto e o Joaquim percebem um conjunto de atributos no *Bom Jesus*, os quais podem ser agrupados de maneira a revelar as suas potencialidades, que serão ativadas de acordo com a fé de cada um. Para o Sr. Ernesto, para viver em harmonia é preciso o perdão e o perdão é um dos atributos do *Bom Jesus*, ou seja, não adianta querer ser perdoado, quando não se perdoa. A bondade para nos dar o alimento é um atributo do *Bom Jesus* percebido por Joaquim, porém é preciso acreditar na força do trabalho para conseguir o alimento.

Então, Menezes (2004, p. 164) nos diz que é como se em torno de um santo se formasse um repertório de atributos ou um fundo de representações, passível de ser combinado de diferentes formas, de acordo com um contexto específico.

Menezes (2004, p. 219) coloca esse conjunto de atributos como aquilo que vai conferir ao santo determinadas potencialidades tornando-o “especialista” para atender pedidos específicos. Evidentemente, quem tem problema de visão, como demonstrado no meu caso na introdução deste trabalho, há de fazer promessa para Santa Luzia, santa protetora dos olhos; já quem quer se casar, deve fazer promessa para Santo Antônio, o santo casamenteiro.

No entanto, em se tratando do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo, essa pesquisa conduziu-me ao entendimento de que esse é um santo para toda obra, pois são várias as pessoas que o procuram com os mais diversificados problemas, como constatado através do questionário respondido pelos entrevistados e dos relatos apresentados ao longo deste trabalho.

Dessa forma, pude construir um gráfico apresentando os atributos do santo com vistas às respostas do questionário. Quando perguntado: “*Quem é o Senhor Bom Jesus dos Navegantes para você e o que Ele representa na sua vida?*”, foi possível desprender nas respostas dos 50 entrevistados as características que eles atribuem ao santo relacionadas com as suas habilidades. Vejamos:

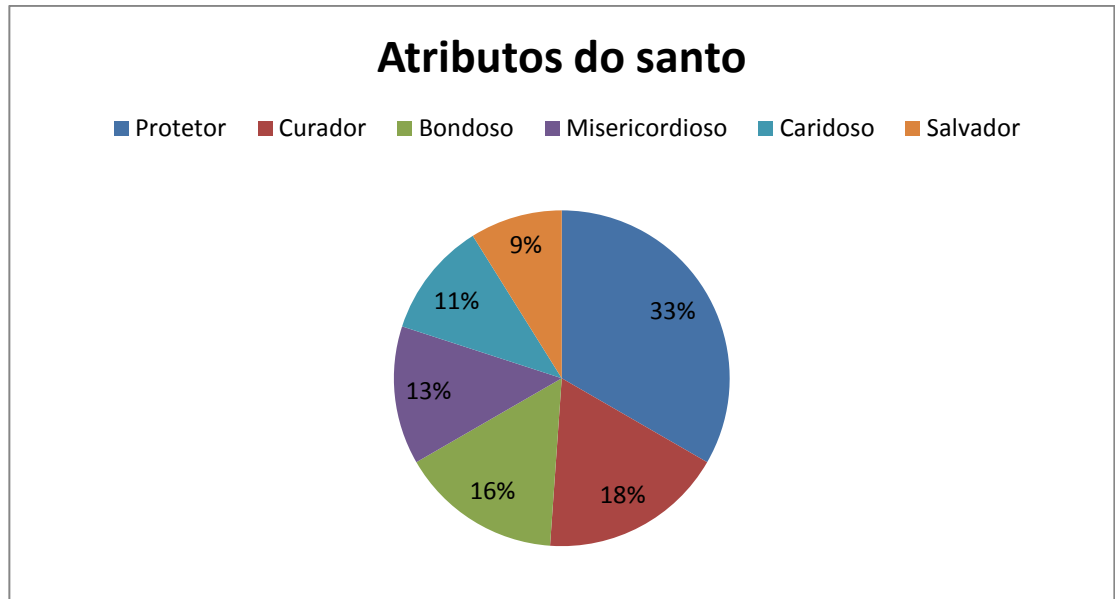


Figura 25: Atributos do Bom Jesus de acordo com devotos
 Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Percebe-se que a *proteção* é mesmo o atributo mais lembrado pelos devotos do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo, muito mencionada, especialmente, pelos pescadores ouvidos, além de ela ser invocada no próprio Hino do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, como segue no trecho abaixo:

[...] Bom Jesus dos Navegantes
 Nossa prece recebei
 Amparai a nossa gente,
 Nossa terra protegei
 Amparai a nossa gente
 Nossa terra protegei

Sobre oceano anda tranquilo
 Quem tem Vossa proteção
 Pois nele a fúria se acalma
 Se ergueis apenas a mão [...]

Em seguida, temos a *cura*, vinculada a doenças, aparece como a Sua habilidade para providenciar milagres. A Sua *bondade*, associada ao fato de Ele estar sempre pronto a ajudar. A *misericórdia* do Bom Jesus relaciona-se com a Sua capacidade de perdoar. A *caridade*, como atributo do santo, denota a Sua faculdade de olhar pelos mais necessitados, enquanto que os que acham que o Senhor Bom Jesus é *salvador* apontam que Ele está lhes preparando um bom lugar no céu após a morte.

Ele tem o poder de nos curar de todos os males. Eu já soube de várias casos de cura atribuídos a Ele. A minha irmã mesmo fez promessa pra se livrar de uma pedra nos rins e ficou boa. Vivia morrendo de dor e hoje não sente mais nada.

(B.G.S., 34 anos, comerciante, Porto Calvo/AL)

É um santo caridoso, tem muita piedade de nós e está sempre olhando por nós. Hoje pedi o que peço todo ano quando venho aqui, que Ele tenha sempre misericórdia de nós, porque sei que nós estamos fazendo muita coisa errada. As pessoas vão pouco à missa, e o mundo tá precisando de muita oração. Que Ele tenha piedade de nós!

(M.R.L.O., 57 anos, costureira, Delmiro Gouveia/AL)

Ele não é só protetor dos pescadores, não! Meu marido é caminhoneiro e também peço que o proteja nas suas viagens e Ele sempre deu proteção.

(R.P.C., 30 anos, professora, Penedo/AL)

Ainda houve, evidentemente, os que concederam mais de um atributo ao santo, alegando, por exemplo, que ele é *protetor* e *misericordioso* ao mesmo tempo. Isso, segundo os entrevistados, faz do Senhor Bom Jesus um santo *poderoso*, uma vez que atende variadas demandas, além de torná-lo também um santo muito “testado” pelos devotos, como afirma Menezes (2004, p. 220), sendo um santo “pé quente” no dizer popular.

Pedi que Ele proteja a minha família e tenha misericórdia dos mais pobres, daqueles que andam pelas ruas sem casa. Tenho fé que a Sua bondade pode ajudar muita gente, mas é preciso acreditar Nele.

(J.P.S., 44 anos, recepcionista, São Cristovão/SE)

Quando tinha 14 anos passei por uma cirurgia na coluna que não deu muito certo. Fiz vários tratamentos, mas não tive sucesso em nenhum. Em 2007, comecei a frequentar a Procissão e fazer promessa para o Senhor Bom Jesus pedindo a minha cura. Tenho certeza que Ele é um santo muito poderoso, que protege, cuida das pessoas e tem um coração cheio de bondade. Hoje, tenho 31 anos, ainda não consegui deixar a cadeira de rodas, mas já não sinto mais as dores que sentia de primeiro. Tenho fé que vou voltar a andar e ainda vou acompanhar a Procissão caminhando.

(L.V.S., 31 anos, estudante, Porto da Folha/SE)

É muito bom vir a Penedo todos os anos para participar dessa festa para o Bom Jesus. É o momento para renovar a nossa fé e os pedidos também. Pedi saúde, paz e mais entendimento entre os homens. Esse ano fiz um pedido particular, que eu consiga saldar uma dívida que tenho de um empréstimo que fiz, assim pedi muita saúde pra trabalhar, ganhar dinheiro e pagar a minha dívida.

(M.M.S., 50 anos, gerente de vendas, Arapiraca/AL)

Em Penedo, conversei com quem frequentava a Procissão pela primeira vez, como a Professora Jacira, de 45 anos, natural de São Luiz do Paraitinga/SP, devota do Divino Espírito Santo e frequentadora assídua dos festejos alusivos ao Divino³¹ em sua cidade.

³¹ São Luiz do Paraitinga é famosa pela Festa do Divino realizada tradicionalmente no mês de maio. A festa dura dez dias e traz uma série de atos rituais, tais como: a Concentração das Bandeiras e a Procissão de abertura do Império; o Encontro das Bandeiras; a saída dos bonecos João Paulino, Maria Angu e Vaca Louca; a distribuição gratuita do Afogado; a Ladainha das Rogações; o Levantamento dos Mastros, além das apresentações culturais: Dança das Fitas, Jongô, Moçambique e Congada na frente do Império, Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, Dança de São Gonçalo com o Mestre Renô Martins, Retreta com a Corporação Musical São Luís de Tolosa, dentre muitas outras atrações.

A Professora Jacira me falou da importância de estar sempre renovando a fé e buscando a Deus através das procissões. Disse-me ter feito promessa para o Senhor Bom Jesus dos Navegantes (pediu um emprego para o marido desempregado) e estar interessada em voltar outras vezes. O seu histórico com os santos chamou-me atenção. Quando moça, ela disse ser devota de Santa Rita, a quem atribui uma grande graça; agradece a Santo Antônio por ter feito um bom casamento; a Nossa Senhora da Penha deve a sua primeira gravidez e a Santo Expedito a entrada do filho mais velho na universidade no curso de Medicina.

Esse itinerário com os santos da Professora Jacira ilustra bem a discussão levantada por Renata de Castro Menezes acerca da necessidade que alguns fiéis têm de ficar "experimentando" os santos à procura de um mais poderoso ou especialista no assunto. A autora complementa essa questão afirmando que:

Mas a escolha de um determinado santo e não de outro para se fazer um pedido pode se efetuar não apenas por sua especialidade, mas também por outros: a pessoa que pede pode ser sua devota, isto é, possuir uma relação profunda, permanente e consolidada com ele, e então lhe pede tudo, não apenas sua especialidade. Ou, no caso de pessoas não devotas, porque resolveram experimentá-lo – pela indicação de alguém de seu círculo de relações, ou pela fama por ele adquirida, isto é, por sua reputação de milagroso, de poderoso. Ou ainda porque receberam um sinal de que deviam invocá-lo. (2004, p. 209)

O desenrolar dessa pesquisa levou-me à compreensão de que, em Penedo, o Senhor Bom Jesus dos Navegantes sagrou-se santo *protetor dos pescadores* em virtude não só do seu histórico como *santo poderoso*, no dizer de Menezes, com fama de milagroso e vários testemunhos de dádivas a ele atribuídas, mas também pelas formas rituais através das quais ele é acionado, percebidas mais claramente durante a Procissão, como será demonstrado no Capítulo 3.

Constatedei, por meio das entrevistas e relatos coletados, e também da observação participante, que, nas relações com o Senhor Bom Jesus dos Navegantes, os devotos articulam as Suas especialidades, inclusive com outras devoções – como acontece com a Professora Jacira - o que põe em jogo o conhecimento da vida do santo e os seus atributos (MENEZES, 2004, p. 209), o que demonstra que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes é santo para toda obra.

2.2 O encontro com o *Seu* Manuel: choro na beira do rio

Estava eu às voltas em Penedo na véspera da Procissão, mais precisamente no dia 8 de janeiro de 2016, um dia de sexta-feira, observando o vaivém de pessoas e estudando as

minhas possibilidades de pesquisa. A cidade em clima de festa, um barulho ensurdecedor vinha da arena montada, onde os shows aconteciam, um ruge-ruge de gente para cima e para baixo. Era quase meio dia, um sol escaldante e eu andando no meio da feira que, nesse período de festa ia ficar ali até o domingo.

Na feira, muita coisa para vender: roupas, relógios, calçados, panelas, enfeites, não era a típica feira de Penedo, dos sábados, mas uma feira para a Festa do Senhor Bom Jesus, onde se encontrava praticamente de tudo. De repente, ouvi a rajada de fogos do meio dia e as badaladas do sino da Igreja Santa Cruz, tradição que permanece viva nas festas de santo no interior. Era a hora da oração do Ângelus³². Prosseguindo pelo meio da feira, senti o cheiro dos *espetinhos* de carne, comprei um de boi. No meu tempo de criança gostava muito de andar no meio da feira lá em Batalha/AL, minha cidade natal. Pegava alguns trocados que o meu pai me dava e comprava pão com quebra-queixo³³.

Olhei à distância e a impressão que tive era a de que a feira não tinha fim. Muitas mercadorias espalhadas pelo chão e o que é muito comum na feira: os vendedores gritando chamando o povo para comprar. Adiante, numa daquelas barraquinhas que vendem discos, seis ou sete homens ouviam uma famosa canção que em tudo combinava com a Festa penedense, com os seus já muito conhecidos versos:

Jesus Cristo! Jesus Cristo!

Jesus Cristo, eu estou aqui!

Cheguei, finalmente, ao fim da feira, soube disso por que já era a parte onde se vendia peixe. As feiras, como numa loja de departamentos, vão seguindo uma certa organização hierárquica quanto à exposição dos produtos. Nós começamos pelas bancas de frutas cheirosas e saborosas e terminamos sentindo o odor dos fatos dos animais. E isso é uma das coisas que sempre me atraíram nas feiras: percorrer esses ambientes, desde o mais lhano até o mais exótico.

A feira livre no período da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo funciona como uma aliada para atrair mais visitantes para o centro da cidade, que também conta com um parque de diversões montado próximo à Arena Sinimbu, onde acontecem os shows da parte profana da Festa.

Mas a feira livre de Penedo, em seus dias comuns, como atividade turística relacionada ao patrimônio cultural da cidade, não consegue ser um atrativo para os visitantes,

³² Evangelho que narra o momento em que o anjo Gabriel faz a anunciação à Maria.

³³ Doce típico da culinária brasileira feito de coco e açúcar basicamente. Durante a mastigação deste doce, o quebra-queixo apresenta-se bem duro, e por isso tem-se a sensação que o queixo vai quebrar-se: daí o nome *quebra-queixo*.

A diversidade de elementos, estáticos e dinâmicos, que se complementam e dão forma ao espaço que se divide em territórios, ocupa dez ruas do Centro Histórico, que cedem lugar para mais de mil bancas com mercadorias das mais diferentes qualidades, sem falar nos produtos que ocupam o chão das ruas e nos vendedores que percorrem a feira de ponta a ponta (SOUZA et al., 2015, p. 641).

Souza et al. (2015) nos dizem que, embora não existam muros ou barreiras físicas separando as bancas na feira de Penedo, formando territórios segregados, podem-se notar “barreiras abstratas” que são respeitadas pelos feirantes, mas que, em muitas das vezes, não são respeitadas pelos frequentadores da feira (Ibid).

A feira, igualmente à procissão, constitui-se num espaço de performances rituais percebidas no armar e desarmar das bancas, no arrumar das mercadorias, no chamar os fregueses para a compra, no carregar de produtos para cima e para baixo.

A sujeira que impregna a feira contribui para que o turista se mantenha afastado, afinal de contas, nem todo mundo se sente bem no espaço de uma feira livre, onde a sujeira torna-se comum. “[...] é raro encontrar turistas na feira livre de Penedo-AL, uma vez que se trata de um ambiente dinâmico, ou seja, está repleto de constantes mudanças, e atualmente apresenta-se pouco organizado, carente de readequação e estruturação do espaço [...]” (SOUZA et al., 2015, p. 642).

Ao chegar ao final da feira, não quis voltar percorrendo o mesmo caminho da vinda. Olhei o relógio, 2 da tarde. Dei um arroteio, passei por trás das bancas da feira e descí para pegar a margem do rio. Vim caminhando observando as pequenas embarcações de pescadores que estavam por ali. De longe, avistei um senhor arrastando uma rede de pescar. Chapéu de palha na cabeça, camisa desabotoada, sandálias xô boi³⁴ nos pés. Achei muito bonito ele arrastando aquela rede e perguntei-lhe se poderia tirar uma foto dele. “*Não, moço, num gosto dessas coisa não!*” Não insisti, mas fiquei observando a sua simplicidade. “*E aí, pescou alguma coisa?*” Ele se sentou na ponta do seu pequeno barco e disse “*Hoje tá ruim, já foi mió...*”; “*Vai melhorar, né? Vai pra Procissão domingo?*” – perguntei. “*Essa eu num perco por nada na minha vida. Só eu sei o que é acompanhá o Bom Jesus...*”, respondeu ele.

Como eu estava ali em campo em busca de pessoas que pudessem me trazer relatos sobre experiências de fé com o *Bom Jesus*, julguei ser aquele simples homem, como denomina Bosi (2003, p. 60), um “depositário de informações”, do ponto de vista de que ele

³⁴ Sandália sertaneja, feita de couro original, trabalhada manualmente e muito elegante; destaca muita personalidade, artigo fino para o dia a dia do sertanejo, além de muito confortável, é também muito resistente e durável.

tinha muito a compartilhar. De repente, ele começou a falar sem parar. Vi que ele estava com muita vontade de falar sobre o *Bom Jesus*. Perguntei a ele se tinha problema se eu gravasse a nossa conversa. Disse que estava fazendo um trabalho sobre o Senhor Bom Jesus dos Navegantes e queria gravar o depoimento dele. Ele, diferentemente da foto, concordou sem nenhum problema. Então, liguei o gravador do meu celular e disse a ele que pudesse ficar à vontade para falar que eu estaria gravando.

Da nossa conversa, gostaria de registrar um trecho que, de fato, fez-me pensar sobre o relacionamento dos devotos com o Senhor Bom Jesus em Penedo:

Desde menino venho pra essa Procissão. Meu pai e minha mãe fazia comigo do mesmo jeitinho que faço com os meus fios hoje. Botava a gente numa carroça de burro e vinha aqui pra Penedo. A gente morava muito longe, era muito difícil vim pra cá, demorava muito, as estrada era ruim e a carroça era danada pra atolá ...(risos)... Eu moro na cidade, antes era no campo. Nós era tudo agricultor, vivia da lavoura. Depois comecei a pescá e esse foi o ofício que ensinei pros meus fios. Pra gente é a maior honra vim pra Procissão. É o Sinhô Bom Jesus que nos dá força pra trabaiá, pra arrumá o pão de cada dia. O meu pai contava a nós que essa festa começou como um jeito do povo pagá promessa, certo? Tinha dois pescadores que tavam com dificuldade pra encontrar peixe no rio. Então eles saíro rio afora procurando peixe e terminaram perdidos, ficaro presos pelas águas do São Francisco. Aí, eles fizeram uma promessa pro santo protetor das águas que se conseguisse voltar pra casa, iam realizar todos os anos, no mês de janeiro, quando o rio fica cheio, uma procissão pra homenagear ele (o santo). Por isso, quem começou com essa tradição foi os pescadores. O Bom Jesus é o protetor dos pescadores, e nós todos temos muita fé Nele (começou a chorar).

(Manuel Pereira da Silva, 75 anos, pescador, devoto do Senhor Bom Jesus dos Navegantes)

Fiquei com aquele relato do *Seu Manuel* na cabeça. Passei a me questionar sobre a utilidade das respostas que tinha adquirido pelo questionário e como iria usá-las de forma instrutiva e eficaz. Tinha, então, várias respostas para a minha primeira grande pergunta de campo (O que o Senhor Bom Jesus dos Navegantes representava para os devotos?), mas nenhuma delas se equiparou a estar observando, de fato, a interação dessas pessoas com o santo.

O choro do *Seu Manuel* na beira daquele rio me revelou justamente isso: que era somente no processo de interação dos devotos com o santo que eu iria encontrar a resposta

para tal indagação. Resposta essa, que trarei na conclusão desse trabalho, após demonstrar as várias interações dos devotos com o santo no dia da Procissão.

O *Seu* Manuel narrou, de memória, acontecimentos passados de sua vida. A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes é uma expressão da memória e identidade de uma comunidade, e isso se faz possível no modo como o povo se organiza para homenagear o santo a partir da utilização de símbolos e rituais. Enquanto lembrança do passado, e, tendo como propósito a conservação de tradições, a procissão é, em si, uma memória. Memória esta que se manifesta através de narrativas como a do *Seu* Manuel que trata da repetição de certos valores e comportamentos remanescentes.

Quantas histórias estão por ali, no seio e à margem dessa Procissão? Histórias guardadas na memória daqueles que participam/participaram desse acontecimento e que só esperam por um momento, uma oportunidade para serem contadas. O relato do *Seu* Manuel é um, entre tantos outros, que ali poderia encontrar. Um relato precioso de um senhor idoso, mas que ainda contribui com o seu trabalho como cidadão penedense. Um homem que compartilhou comigo um pouco de sua vivência e experiência com o Senhor Bom Jesus. Através de sua narrativa, pude ter acesso aos momentos de antigamente que permanecem na sua lembrança. Como Bosi diz, bom mesmo seria “sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram” (2003, p. 60).

Despedi-me do *Seu* Manuel com um aperto de mão. Pedi para colocar o seu depoimento na minha pesquisa e ele disse que não tinha problema. Insisti de novo na foto, mas ele disse que “*Isso não!*”. Espero um dia poder encontrar de novo com ele e mostrar-lhe o seu depoimento na minha pesquisa, cumprindo, assim, com o compromisso ético relativo a todo bom pesquisador, e, dessa forma, ter a oportunidade de, mais uma vez, aprender com a narrativa que vem da memória dos mais velhos. Ele me disse que não era difícil encontrá-lo, pois ele sempre estaria por ali “*na beira do rio*”. Hoje, quando me lembro do *Seu* Manuel, o que me vem à memória é a frase “... *Só eu sei o que é acompanhá o Bom Jesus...*”.

Nessa relação dialética entre o *Seu* Manuel e o Senhor Bom Jesus, percebe-se a necessidade da manutenção de uma devoção, pois ele, enquanto um ser social, faz da sua vivência com o santo uma espécie de combustível para mantê-lo disposto para o trabalho, garantindo o sustento da sua família. Por outro lado, outras questões estão envolvidas: a incerteza de sua sobrevivência e de sua família através do rio, que sofre com a seca, gerando a conseqüente falta de peixes; a degradação do meio ambiente, que fez sumirem as lagoas e restingas propensas à pesca; a melhoria da condição de vida da comunidade pesqueira, com mais apoio através de políticas públicas que visem ao incentivo da pesca na região.

Se observarmos a composição da família do *Seu Manuel*, conforme me relatou, temos a figura do pai (ele), que, como sabemos, é geralmente o provedor da família; a sua esposa, que trabalha na venda do peixe, numa banquinha armada na frente de casa, ela mesma limpa os peixes para a venda; oito filhos (5 homens e 3 mulheres), apenas 4 são maiores de idade; o sogro do *Seu Manuel* mora com eles, ex-pescador, o avô da família, que com sua aposentadoria ajuda nas despesas da casa.

O trabalho com o peixe é feito em mutirão na casa do *Seu Manuel*. A família se junta, uns dão conta da limpeza das caixas que transportam os peixes para feira e entrega em alguns supermercados da região; outros vão pesar, “tratar” e salgar o peixe: outros trabalham nas redes de malha para pescaria.

Os filhos mais velhos do *Seu Manuel* frequentam a escola à noite. O *Seu Manuel* frisou bem isto na nossa conversa: pescar é o único ofício que ele tem a ensinar a seus filhos, mas eles têm que ir para escola para estudar, pois ele reconhece a importância dos estudos na vida de uma pessoa. Nenhum deles está na universidade, mas, de acordo com o *Seu Manuel*, os mais velhos falam muito em “*estudar até o fim*”.

A família do *Seu Manuel* “*não passa fome*”, mas “*passa arrocho*”, como ele diz. Por isso, os filhos mais velhos também fazem “bicos” consertando canos e fios elétricos nas casas da vizinhança, além de trabalharem como ajudantes de pedreiro. As filhas, lavam e passam roupa “*pra fora*”. E, assim, “*vamo levando*”. Segundo ele, “*tem um fio e uma fia pra casá*” em breve.

Essa foi uma afirmação comum entre os pescadores com quem conversei: ter que arrumar outra atividade para complementar a renda familiar. Mas foi unânime entre os pescadores que, no passado, não existia essa necessidade.

Os filhos do *Seu Manuel* já falam em ir embora para a Capital Maceió/AL em busca de emprego, pois a “*coisa tá ficando difícil*”. Assim, percebemos que os rumos de suas vidas, diferente dos seus pais, tios e avós, poderão ser outros, desvencilhados, exclusivamente, da atividade da pesca.

Dada a conversa com o *Seu Manuel* e demais entrevistas com pescadores, também apresentadas neste trabalho, não é difícil perceber que a continuidade da atividade da pesca em Penedo é duvidosa e negativa. Isso faz com que pescadores, como o *Seu Manuel*, recorram cada vez mais ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, acreditando que a providência deve ser divina.

Afora tal providência, estudiosos, como Peixoto (2011), acreditam que a saída é “investir em projetos inovadores que apostem na articulação entre turismo, artesanato e

resgate de valores culturais” (p. 149), o que poderia estreitar as relações com os pescadores, dando-lhes um papel, enquanto atores sociais, na conservação dos ecossistemas aquáticos, conscientizando-os ainda mais de que eles são parte do rio e o rio é deles, sendo este “o seu local de trabalho e de onde se tira o alimento que sustenta a sua família” (p. 150).

Enquanto isso, o *Seu Manuel* acredita na solução que vem do céu: “*Essa é a certa!*”, finaliza.

2.3 O espaço da Festa

A Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo é um acontecimento religioso que atinge grandes proporções, repercutindo em vários eixos da vida social: mexe com o cotidiano das pessoas, aquece as vendas do comércio, mobiliza a classe política, altera o espaço urbano, enfim, ela faz uma espécie de uso da cidade que proporciona alegria aos seus moradores. Como colocado por Lefebvre, a festa é o próprio uso:

[...] o uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem, além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (2008a, p. 12).

Na acepção de Marcel Mauss, a Festa dos Navegantes se configura como um “fato social total”, com implicação em toda a sociedade penedense abrangendo as esferas econômicas, jurídicas, políticas e, principalmente, religiosas.

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (2003, p. 187).

Enquanto “fato social total”, a Festa em Penedo, como demonstrado no tópico anterior, espacializa-se, tomando conta de suas ruas, casas, praças, bairros, hotéis, estabelecimentos comerciais e Rio São Francisco. Lefebvre aponta que não existe realidade social fora desse espaço ocupado pela Festa, que passa a ser o elemento central sobre o qual se estrutura a sociedade, ou seja, a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo adquire contornos e formas em seus limites.

De fato, percebe-se claramente que a vida do penedense passa a girar em torno da Festa nos dias que a antecedem, quando ela acontece e também quando ela termina, pois são

vários os comentários entre os populares nas ruas, bares e armazéns da cidade sobre o seu acontecimento. Como dito, a Festa em Penedo é discurso o ano inteiro entre a população. Os festeiros iniciam seus trabalhos para arrecadar fundos para fazer a Festa oito meses antes e, desde então, a sociedade vai se mobilizando e se preparando para o grande momento. O quadro abaixo ilustra a preparação da Festa para além dos dias que a antecedem:

MÊS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEIS
Junho/Julho/Agosto/Setembro	Angariar fundos para a realização da festa.	Festeiros saem pela região em busca de dinheiro ou animais para leilão na festa.
Outubro	Contratação de empresas para a prestação de serviços através de processo licitatório (limpeza, segurança, fogos, instalação de palcos etc.)	Prefeitura municipal
Novembro	Contratação de cantores e bandas.	Prefeitura municipal
Dezembro	Divulgação da programação artística e religiosa.	Prefeitura municipal
	Definição dos noiteiros: Confraria de São José, Irmandade do Santíssimo Sacramento, ECC, Apostolado da Oração, entre muitos outros.	Igreja Católica
Janeiro	Realização da Festa	Prefeitura municipal (parte festiva) e Igreja Católica (parte religiosa).

Quadro 03: Temporalidade, atividades e responsáveis pela Festa em Penedo

Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

No dia da Procissão de 2016, 10 de janeiro, conheci o *Seu Pedro*, um dos festeiros, que trabalhou dia e noite nos preparativos da Festa. No auge dos seus 70 anos, com extremo vigor físico, carrancudo, mas que não conteve a emoção ao ver “*tudo dando certo*”, como me falou, depois de “*tanta trabalhada*”.

Seu Pedro já começa os trabalhos para a Festa no mês de junho, mês que, segundo ele, “*É mais fácil de ir arrumando uma coisinha por causa do São João*”. E aí vai angariar recursos para ela acontecer. É plantão na sala de espera do gabinete do prefeito, é visita nos

estabelecimentos comerciais da cidade, é andança pelos sítios e povoados atrás de porco, capão, peru, macaxeira, abacaxi, tudo que ele consegue reverte em dinheiro vivo. No final, o apurado é pouco, mas soma-se *“um pouco daqui com um pouco de lá, e pronto! A Festa tá feita! O pouco com Deus é muito”*.

A Festa dos Navegantes transcende limites. Seu caráter espacial não está limitado ao fato de ela ocorrer e ocupar a cidade de Penedo, movimentando-a. Existem as conexões que são estabelecidas com os que vêm “de fora”. De acordo com a Secretaria de Cultura do município, a cidade recebe visitantes de vários Estados vizinhos, como Sergipe, Pernambuco, Bahia e Paraíba, além de outros vindos de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Ademais, essa transcendência entre polos distintos é o que permite a interação entre realidades sociais diferentes, sendo neste movimento que encontramos a verdadeira espacialidade da Festa.



Figura 26: Romeiros chegando para a festa em Penedo
 Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Ulf Hannerz (1997) assinala que as comunidades transnacionais se distinguem pela forma como se ligam em meio a polos distintos ou concorrentes, partindo do local para o global. É através da constituição de tais comunidades que são criados vínculos com variadas formas simbólicas e ações sociais. Em termos processuais, como assim coloca o eminente autor, vemos que o que acontece na Festa em Penedo é um verdadeiro circuito que abrange um fluxo de devotos vindos de diferentes partes do Brasil, provocando uma sequência de deslocamentos temporais, ano após ano.

Nesse contexto, as práticas e símbolos que se aproximam provocando a integração social, através do poder da mídia tecnológica, possibilitam a constituição desses fluxos comunitários.

À medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como o fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontínuas entre pessoas e pelas relações. (HANNERZ, 1997, p. 18)

Desta feita, se quisermos pensar os devotos e frequentadores da Festa em Penedo nos moldes de uma comunidade processual, como pontuado por Hannerz (1997), temos que considerar o dinamismo presente nas novas formas simbólicas manifestadas pelos mais diversificados canais, que, no caso de Penedo, conecta o conteúdo universal do catolicismo ao local situando o seu significado “num espaço concreto” de mitos e narrativas que permeiam a Festa (STEIL, 1996, p. 23).

A Festa dos Navegantes penedense, que, como visto, atrai um grande fluxo de devotos, acarreta também o surgimento de outros grupos, tais quais os pedintes, que não são poucos a esmolar nas portas das igrejas e ruas da cidade, e também os ambulantes, que se espalham pelo espaço festivo.

Percebi que se forma um território sagrado de vendas de santinhos, quadros, terços, imagens, não só do Senhor Bom Jesus, mas também de outros santos, e uma infinidade de artigos sacros, em volta da Igreja Santa Cruz. Esse é um espaço delimitado pelo sagrado, para quem quer comprar a “lembrancinha” da Festa do *Bom Jesus* para os parentes e amigos.

Logo, entender o fluxo de devotos enquanto um fenômeno na Festa dos Navegantes de Penedo, que ocupa o seu espaço, produzindo e reorganizando lugares, a exemplo do que ocorre no entorno da Igreja Santa Cruz, onde pude ver váriosromeiros acampados debaixo de árvores, tirando um cochilo, esperando a hora da Procissão, tem a ver com compreender a própria dinâmica do que é sagrado trazendo à tona um amplo debate teórico.

Esta relação do homem com os lugares sagrados se revela, portanto, numa importância pela qual o homem religioso se liga ao espaço mítico, ao seu espaço cosmológico e, numa perspectiva simbólica, irá conviver em um “mundo” impregnado de significados que embora multifocais, tendem para uma polaridade baseada em normatizações e contextos espaciais que delimitam ações e comportamentos e constroem diversos arranjos espaciais (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

Rosendahl (2012, pp.50-51) vai nos dar o conceito do que chama de “territorialidade religiosa” como sendo “o conjunto de práticas desenvolvido por uma instituição ou grupo social no sentido de controlar determinado território religioso, em que o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo”. Esse conceito de Rosendahl também remonta ao tempo da *Vila do Penedo*, quando as práticas devocionais

eram impostas como forma de domínio da gestão colonizadora, conforme exposto no Capítulo 1.

É comum a construção dessas territorialidades em Penedo, uma vez que a cidade triplica a quantidade de sua população nos dias da Festa, necessitando de mudanças para alocar todo mundo. Além dos hotéis e pousadas, que ficam lotados durante os festejos, vários moradores alugam quartos na sua própria casa transformando-a numa espécie de pensão, caracterizando a ativação de outras funcionalidades da cidade para acolher os visitantes. As casas, então, são espaços que passam a ser utilizados com outra função no período da Festa, sendo, pois, “territórios flexíveis” (SOUZA, 2006, p. 87), a exemplo do que acontece ao redor da Igreja Santa Cruz.

O território do entorno da igreja reconfigura-se para que novas nuances possam surgir, o que está próximo ao espaço sagrado passa a ser reconhecido como território da festa. Este território fragmenta-se em territorialidades que ganham forma e função de acordo com as intenções dos festeiros, agentes públicos e fieis (GUIMARÃES, 2014, p. 59).



Figura 27: Romeiros aguardando a hora da Procissão no entorno da Igreja Santa Cruz
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Por fim, para uma análise que busque compreender a relação existente entre a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e a cidade de Penedo, a experiência corpórea desse momento de aproveitamento do espaço é de fundamental importância para manter viva a vida urbana da cidade.

Já não se veem pessoas à noite no centro Histórico de Penedo, que se transformou num verdadeiro deserto. Toda movimentação acontece durante o dia com as visitas aos museus e igrejas por estudantes e curiosos, que vêm de cidades circunvizinhas.

Nessa perspectiva, impende mencionar Lefebvre (1991) ao tratar dos três níveis de produção social do espaço: o concebido, o percebido e o vivido. Enquanto o espaço concebido

é alienado da realidade, o percebido é alienado da consciência. É no espaço vivido que temos a união da prática espacial através da percepção e representações do espaço. Logo, o que Lefebvre quer nos dizer é que é somente através da articulação entre a percepção e a concepção, que a vivência assegurará a criação de espaços de representação.

E o que isso tem a ver com a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo?

Ora, vejamos o que nos diz o próprio Lefebvre:

[...] o vivido, o concebido e o percebido devem ser reunidos, de modo que o “sujeito”, o membro de determinado grupo social, possa passar de um ao outro sem complicações – essa é uma necessidade. Se eles constituem um todo coerente, é outra questão (1991, p. 40, tradução nossa).

A Festa do Senhor Bom Jesus se desenrola pelas ruas de Penedo como uma experiência corpórea; nesse sentido, sujeito e objeto são indissociáveis. Entendemos que não há Festa sem devotos. Nesta via, é justamente a experiência corpórea do sujeito que gera condições de configuração do espaço. A forma como ele o percebe, concebe e, conseqüentemente, vivencia. Ele constrói e habita nesse universo (Heidegger, 2002, p. 30). Logicamente, podemos entender porque um folião tem um comportamento diverso daquele empenhado por um devoto.

Em outra passagem, Lefebvre nos informa que

“qualquer ‘projeto’ revolucionário hoje, utópico ou realista, deve ter em sua pauta a reapropriação do corpo, em associação com a reapropriação do espaço, caso pretenda evitar a banalidade sem esperança,” (1991, p. 166-167, tradução nossa).

Sabemos que o modelo urbano de hoje é desenhado de modo a reproduzir a segregação. As pessoas vivem isoladas em seus mundos, por trás de computadores e cortinas de pedra. Isso evidencia a diminuição no contato de corpos, tendo um tráfego programado para permitir o isolamento entre ricos e pobres. A civilização ocidental capitalista não tem respeitado a diversidade dos corpos humanos (Sennett, 2008, p. 22).

Vivemos a era da *passividade dos corpos*, assim nomeada por Sennett (2008) a falsa experiência corporal frente à tela do computador ou televisão, ou nas galerias de cinemas, que nada mais são do que anestésicos para o corpo.

Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. [...] O viajante, bem como o telespectador, vivencia o mundo como uma experiência narcótica; o corpo se move de maneira passiva, anestesiado no espaço, para destinos estabelecidos em uma geografia urbana fragmentada e descontínua (p.17).

A Igreja Católica de Penedo, representada por Dom Valério Breda³⁵ e Padre Jackson Nascimento³⁶, juntamente com religiosos do ministério eucarístico e cidadãos da comunidade, geralmente líderes comunitários, ficam encarregados pela organização da parte religiosa da Festa. A administração pública encarrega-se da contratação de shows, fogos, segurança dos turistas e frequentadores da Festa, controle das mais diversificadas barracas e quiosques pelas ruas da cidade e do trânsito.

Este trabalho, como explicitado na introdução, é resultado da minha imersão no campo nas Festas de 2016 e 2017.

Em 2016, percebi um maior engajamento por parte do poder público, talvez por aquele ter sido um ano de eleições municipais, o que justificou também a presença de várias lideranças políticas na região. Não que em 2017 a Festa tenha deixado a desejar quanto à organização e segurança, principalmente pelos inconvenientes que ocorreram na Festa de 2016, como relatei no Capítulo 1.

De acordo com o Jornal Correio do Povo de Alagoas, de 5 de janeiro de 2016, em matéria escrita por Raul Rodrigues, a Festa dos Navegantes movimentou a Agência da Marinha em Penedo, em ação conjunta com parte do efetivo da Capitania dos Portos de Alagoas, sediada em Maceió, com Bombeiros Militares do 6º Grupamento e Polícias Civil e Militar do Estado de Alagoas, 7ª Delegacia Regional de Penedo e Policiais do 11º Batalhão de Polícia Militar de Alagoas, com sede em Penedo, para garantir a segurança dos que participam da Festa.

No Diário Oficial do Município de Penedo, de 7 de dezembro de 2016, Ano IV, n. 441, tive acesso aos Pregões Presenciais de números 028, 033 e 034/2016, cujos objetos eram a contratação de empresa especializada na locação de equipamentos para eventos, instalação e exploração econômica de camarotes e *front stage* para o público em geral, durante as festividades do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, tendo sido a empresa PH Entretenimentos – ME contratada para este fim. A Festa de 2017 foi orçada em R\$ 5,5 milhões.

No final do ano, a cidade vive o clima das festas natalinas, o comércio se aquece ficando bem movimentado com as pessoas comprando a “roupa nova” para o Natal. Inclusive, o Natal funciona como uma espécie de conexão com a Festa dos Navegantes pela proximidade dos eventos, fato observado também no dia da Procissão quando percebi alguns adereços ainda do Natal expostos nas janelas das casas juntamente com os santos. Turistas,

³⁵ Religioso católico italiano, bispo da Diocese de Penedo, Alagoas, desde 19 de outubro de 1997.

³⁶ Pároco e administrador paroquial representante da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário em Penedo e celebrante das missas na Igreja Santa Cruz do Cortume.

como a Viviane Lima, 28 anos, psicóloga, de Brasília/DF, que veio passar o Natal em Penedo e resolveu dar uma “esticadinha” e ficar para a Festa, são comuns nessa época do ano. As ornamentações para a festa se tornaram mais evidentes apenas no mês de janeiro.

2.4.1 Das ruas, casas e praças

Após as comemorações de final de ano, percebi o campo “esquentar” para a Festa. Era o dia 2 de janeiro de 2016 e o campo estava muito convidativo para novas imersões. Iria saciar a vontade de explorar mais as ruas da cidade, que começavam a apresentar uma nova “cara” em virtude da Festa.

O que sai mais barato para os moradores dos bairros como acessório para enfeitar são as várias bandeirolas, que se viam sendo colocadas em diferentes partes da cidade. Além do baixo custo, as bandeirinhas também proporcionavam beleza e alegria pelo festival das cores, sempre padronizadas: vermelhas, brancas e azuis, o que não ensejava nenhum motivo especial, já que, de acordo com a moradora do Centro Histórico Wilma Nunes da Silva, 29 anos, dona de casa, elas foram escolhidas aleatoriamente sem nenhum propósito específico, muito embora elas lembrassem as cores da bandeira de Alagoas.



Figura 28: Bandeirinhas enfeitando as ruas de cidade
 Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Penedo – Acesso: 30/09/2017

Os líderes comunitários arrecadaram dinheiro com os moradores para a compra do material e eles mesmos botaram a mão na massa, trabalhando com muita disposição para deixar as ruas mais bonitas para receber o *Bom Jesus*.

Na Procissão de 2016, as bandeirinhas terminaram atrasando o percurso terrestre, pois o santo, como veio mais alto num carro do corpo de bombeiros, ficou impedido de transitar livremente pelas ruas, sendo necessário que um policial, com uma vassoura, fosse levantando-as para dar passagem ao santo. Para 2017, a estratégia foi usar ornamentos nos

postes, evitando o excesso de bandeiras, para não haver atrasos. Mesmo assim, em várias ruas ainda foram colocadas várias bandeiras, mas o carro dos bombeiros era mais baixo.



Figura 29: Postes das ruas enfeitados
Fonte: Acervo do pesquisador -ETJ

A ornamentação das praças ficou por conta do poder público, mas não fugiu à regra de usar bandeirinhas, ainda se aproveitando dos enfeites natalinos, como árvores de Natal e guirlandas que se encontravam nos postes e pisca-piscas nas fachadas dos prédios.

O trânsito da cidade também sofreu alteração para a Festa, tendo sido a principal mudança em relação ao tráfego de ônibus e vans. Percebi uma ótima sinalização para os turistas que estivessem chegando a Penedo pela AL-110, principal via de acesso ao município. Faixas indicativas mostravam aos motoristas o caminho para o Centro Histórico, onde na Lagoa do Fórum de Penedo havia um amplo espaço para estacionamento. Em média, são 180 ônibus de romeiros que chegam a Penedo para a Festa, segundo dados coletados junto à SMTT.

As casas da cidade são uma atração à parte durante a Festa. A Procissão do Senhor Bom Jesus traz consigo a renovação. O início do ano contribui para que essa renovação chegue também aos lares das famílias penedenses, que querem “entrar o ano” com a casa de aspecto diferente. Há quem queira fazer uma “pinturazinha”, como a *Dona Zélia*, 63 anos, devota do *Bom Jesus* e de Nossa Senhora das Dores, que todos os anos, às vésperas da Festa, renova a sua casa com uma boa pintura, “*Só pra saudar a passagem do Bom Jesus e ele abençoar a nossa casa*”.

As plantas surgem no campo como símbolos de vida e prosperidade. As tradicionais samambaias e avencas “*levam para longe a negatividade e aproximam a riqueza e a saúde*”, como me revelou a *Dona Severina da Costa Santos*, 55 anos, costureira, mais uma devota do Senhor Bom Jesus com quem conversei.

Colocadas nas calçadas das casas, no dia da Procissão, as plantas enfeitam e entram em contraste com outras formas de saudar o santo, como os tecidos de malha, esticados e entrelaçados, que vi no muro de uma das casas. Nas cores que rompiam com os tons típicos da Procissão, as malhas em amarelo, rosa, verde-limão e lilás, eram percebidas de longe por quem passasse na rua. A dona da casa, a Senhora Raquel Liberato dos Santos, 42 anos, quis apenas inovar na arrumação procurando algo diferente para fazer na frente de sua casa, fugindo das tradicionais plantas e santos. O fato de ser arquiteta ajudou na construção da ideia e juntamente com as filhas preparou todo o entrançado das malhas, que também combinavam com o imenso tapete vermelho colocado na rua principal por onde passaria a Procissão.



Figura 30: Tapete vermelho na rua e plantas na frente das casas dos moradores
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Novamente, chamo a atenção para a presença das cores no campo sobre as quais Turner (1974, p. 86) faz referência apontando a sua ligação com os elementos rituais e como tais cores podem transmitir significados para quem não está diretamente envolvido com as manifestações dos grupos.

É de fundamental importância a compreensão dos símbolos, como as plantas da Severina e o entrançado das malhas no muro da Raquel, há pouco citados, no contexto de ação e emoção em que eles se apresentam, pois eles estão relacionados com o comportamento social, modificando-o. E, como Turner (2005a, p. 70) nos alerta, muitas vezes, os envolvidos na cena não conseguem explicar tal transformação. Sabem que algo mudou, está diferente, mas as interpretações desferidas acerca de suas emoções não são facilmente compreendidas.

2.4.2 Dos barcos e embarcações

Fui, então, à região portuária. Penedo atualmente conta com duas balsas que fazem o transporte de veículos pelo São Francisco de Alagoas a Sergipe. A movimentação é intensa ao preço de 25 reais a travessia.

Havia várias pequenas embarcações por ali e procurei saber como se dava a organização dos barcos para a Procissão. O que mais ouvi de pescadores, donos de barcos e de integrantes da própria Marinha é que, se o Rio São Francisco não tiver uma cheia, a Procissão fluvial corre o risco de acabar nos próximos anos.

Para a Procissão desse ano, foi preciso aumentar a vazão do rio, já que ele está ficando cada vez mais seco, chegando ao nível mais baixo desde 1979, quando entrou em operação a Hidrelétrica de Sobradinho – CHESF, na Bahia, provocando bancos de areia que não param de crescer virando ilhas, deixando o rio bastante raso, de acordo com informações da Marinha em Penedo. *“Está cada vez mais difícil barcos grandes navegarem no Baixo São Francisco. A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes só está sendo possível graças ao aumento repentino da vazão, que elevou o nível do rio por apenas 1 dia”*, disse-me o comandante da embarcação que transporta o *Bom Jesus* pelas águas do São Francisco, Manoel Vieira, que navega pelo rio já há 60 anos.

Para se ter ideia, foram 1.600 m³/s a partir da represa de Xingó, nos cânions do São Francisco, somente no dia da Procissão de 2017. Mais de 60 embarcações em procissão, lotadas de fiéis, fizeram o percurso de 5 km, que foi controlado o tempo inteiro pela Capitania dos Portos, tendo sido bem maior que o percurso da Procissão de 2016, quando foi dada apenas uma volta em frente à cidade de Penedo. Na Procissão de 2017, foi possível ir ao outro lado do rio, onde os ribeirinhos de Santana do São Francisco e Neópolis também puderam receber a bênção do santo protetor.

Tal situação me fez lembrar o que me revelou o *Seu Manuel*, personagem já apresentado neste trabalho, a respeito do Rio São Francisco e de como os peixes estão desaparecendo:

De primeiro, as balsas iam todas cheia de gente nelas pra Procissão no rio, era muita gente mesmo! Agora, você vê pouca gente, por que o rio tá raso, né? O homem prejudicou tanto o rio... (pausa)... É difícil pra gente pescador vê o rio se acabando assim. Eu tenho muitas lembranças boas. Do tempo que a gente ia pescá o Piau (peixe comum no São Francisco), a gente pescava cada bichão, óia... (faz gesto com as mãos mostrando o tamanho do peixe)... Era tanto peixe, tanto peixe, que a gente pescava era com um pedaço de pau ... (risos)... Aquilo que era um

tempo bom! De fartura! Hoje os peixes tão sumindo do rio. A hélice da embarcação se quebra no reboco de areia. Tem muita gente vendendo peixe que não viero do rio e sim de criatório. Esses peixe tudo tá tudo difícil de encontrar no rio: o Piau, que tinha de abundância, a xira, camurupim, robalo. Mas desapareceram! A Procissão é como já disse a você. É uma coisa muito boa aqui pra gente (continua chorando). É o caminho pra pedir que as coisas melhore. A gente tem que ter fé, num é? E nós só podemos alcançá as nossas graças se fizer o sacrifício, é por isso que venho com toda a minha família todo ano, só pra agradecer. Só isso!

Em tempos em que a transposição do Rio São Francisco é alvo de críticas e elogios, em que se fala muito na sua revitalização, com manifestações em sua defesa e atividades como o peixamento, como veremos no Capítulo 3, é preciso ouvir também a voz daqueles que falam pela experiência e até mesmo valendo-se de uma relação de confiança e intimidade para com o rio, como é o caso do *Seu Manuel*, pescador nativo, exímio conhecedor da região e que, talvez, mais do que qualquer outra pessoa, sonhe com o dia em que o *Velho Chico* voltará a trazer a alegria, há muito ofuscada, para aqueles que dele sobrevivem pela fartura proveniente de suas águas.

Nos dias que antecedem a Procissão, os barqueiros são convidados para orientação sobre a ornamentação de suas embarcações que consiste, basicamente, na colocação de uma série de bandeirolas que, ligadas aos mastros dos barcos, conferem beleza e anunciam as festividades ao Senhor Bom Jesus. Nessas embarcações, era muito comum a presença de uma imagem do Senhor Bom Jesus, representada por quadros e estátuas.

Foi visível o envolvimento de vários devotos na preparação da Festa, principalmente aqueles que são pescadores. *Seu Francisco de Assis*, por exemplo, pescador há mais de 50 anos, preparou um pedido especial para o encontro entre o *Bom Jesus* e o São Francisco: “*Prosperidade, né? E ao meno uma cheiazinha que dê pra o peixe aumentá*”.

A relação de fé e confiança do *Seu Francisco* demonstra sua vivência com o sagrado. O seu discurso, enquanto devoto do *Bom Jesus*, é feito de acordo com o contexto social que se apresenta, no caso, a seca do rio, situação na qual a significação religiosa é parte do que ele conhece como realidade. Steil (2001, p. 546) nos ensina que a experiência humana do sagrado é “vívada pelos devotos como algo que os ajuda não apenas a situar-se em meio a crises sociais e políticas, mas também a transcender os limites das soluções inseridas neste mundo”. Logo, o *Seu Francisco* demonstra a sua devoção de acordo com os problemas enfrentados.

Em Hume, temos que as concepções que o *Seu Francisco* tem sobre religião surgem dos seus próprios medos e preocupações que a vida cotidiana lhe apresenta e que o conduzem

a uma “certa fraqueza irracional”, o que faz com que ele acredite em forças sobrenaturais para a solução de seus problemas. E, assim, é construída a sua devoção (2006, p. 42).

Conheci Darlan e Lucas Peixoto, da comissão organizadora, responsáveis pela ornamentação da pequena barca onde é colocado o santo no dia da Procissão. Lucas me contou que todos os anos eles têm que trabalhar na “barca de Jesus” para deixá-la pronta para receber o *Glorioso Bom Jesus*: “*Eu me sinto no dever, no compromisso de todos os anos vir ornamentar o barco, a igreja aqui, e enquanto eu tiver vida e saúde eu vou permanecer*”, disse Lucas.

Com a inscrição “Rei dos Mares”, a barca, com detalhes em vermelho, preto, azul e amarelo, de madeira, oca por dentro, rasa, possui espaço para sustentar a imagem do *Bom Jesus*. Sozinha, ela parece incompleta, pois foi concebida para servir de alicerce para o santo, sendo, portanto, ideologicamente, criada para enfatizar a natureza da proteção expressa por ele. Enquanto símbolo, possui a capacidade de transmitir valores e emoção (Turner, 2005a, p. 68), sendo peça fundamental para a transmissão da ideia de Jesus como protetor dos pescadores.

O trabalho de Darlan e Lucas é checar a resistência da barca e trocar a madeira estragada. A ornamentação é feita usando-se cordão com bandeiras de papel crepom nas cores das faixas da barca. A inspiração que eles trazem para arrumar a barca justifica-se pelo seu envolvimento com o santo. Desde cedo, foram apresentados ao *Bom Jesus*, não perdendo uma celebração eucarística sequer na Igreja Santa Cruz. Como boa parte dos jovens penedenses que sofreram a influência dos pais para seguirem o *Bom Jesus*.



Figura 31: Darlan e Lucas arrumando a barca do *Bom Jesus*
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

2.4.3 Das atividades artísticas

Na região do porto, fiquei sabendo da realização do Projeto Barcos à Vela, como parte da programação da Festa, que aconteceu na orla ribeirinha do porto das lanchas, consistindo na pintura de artistas plásticos locais nas velas dos barcos dos pescadores. Sendo também a Oficina de Malabares Circenses, promovida pela Ufal, outra atração da festa, que igualmente se realizou na orla.



Figura 32: Exposição do Projeto Barcos à Vela em Penedo
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Outra atividade que muito chamou atenção como parte dos festejos de 2017, foi o Projeto Narrativas em Movimento, que contemplou 6 municípios alagoanos: Marechal Deodoro, União dos Palmares, Piranhas, Porto Calvo, Penedo e Coqueiro Seco, levando um espetáculo de luz, imagem, som e história para essas cidades.

O evento impressionou a todos num show de cores, luzes, sons e formas nunca visto antes em nosso Estado, podendo ser definido como uma versão contemporânea das caravanas circenses que, na era pré-televisão, levavam entretenimento para as cidades do interior do Brasil. O projeto foi contemplado pelo Rumos Itaú Cultural (2015-2016), um dos principais programas de fomento à cultura do país, passando por seis cidades históricas (acima citadas) do interior de Alagoas propondo a criação de vídeos sobre lendas regionais, memórias familiares das pessoas locais. O mais interessante foi que os conteúdos foram projetados em prédios históricos e nos espaços públicos mais representativos para a comunidade, fortalecendo a visão do alagoano de sua terra e riqueza cultural.

Em Penedo, a caravana passou do dia 6 ao dia 10 de janeiro, período em que foram realizadas oficinas separadas nos grupos: *Storytelling*, Animação 2D e *Stop Motion* e Projeção Mapeada. Em virtude da Festa, que intensificou o trânsito na cidade, impossibilitando a montagem do gigantesco telão no Centro Histórico, a culminância foi realizada no dia 10 de

janeiro de 2017, data posterior à Festa, retratando vários momentos da cultura penedense, em especial a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.



Figura 33: Projeto Narrativas em Movimento em Penedo, 2017
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

A Arena Sinimbu, montada pela Prefeitura, bem próxima ao rio, com 105 camarotes e pista com capacidade para 60.000 pessoas, arquibancada para 3.000 pessoas com 7 pisos e dois palcos para shows, recebeu cantores e bandas que animaram a Festa.



Figura 34: Arena Sinimbu montada para a Festa
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

2.4.4 Do santo

A Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo, como já mencionado, é discurso o ano inteiro na cidade, mas é nos 3 meses que antecedem a celebração que se percebe uma grande movimentação dos moradores, do poder público e da Igreja Católica para a realização do evento.

A minha imersão no campo teve início exatamente no dia 1º de dezembro de 2015, quando voltei a minha atenção para os preparativos da festa de 2016. Dessa forma, foram várias idas e vindas a Penedo, percorrendo 70 km de Arapiraca, cidade onde moro, até lá.

O meu primeiro intuito foi o de conhecer a Igreja Santa Cruz do Cortume. Achei importante iniciar a minha exploração a partir da *morada* do santo, como se referiu à igreja a gentil *Dona Mariza*, cuidadora do santo e coordenadora da Igreja Santa Cruz.

A *Dona Mariza* foi a primeira pessoa com quem mantive contato ao decidir pesquisar a Festa. Marcamos uma entrevista e ela me recebeu em sua casa, que ficava a uns 30 metros da igreja. Ela me recebeu com bastante cortesia, apesar de perceber que ela estava muito ocupada com as obrigações da Festa.

Já eram 30 anos de dedicação ao santo e organização da Festa. Em alguns momentos da entrevista ela se emocionou ao relatar situações vividas com ele, muitas vezes deixando suas panelas no fogo e indo resolver problemas na igreja, por isso era uma grande vantagem morar próximo a ela.

Fui até a igreja. Observei que ela tinha sido reformada há pouco tempo, o cheiro de tinta fresca ainda estava no ar. A madeira envernizada resplandecia a luz do sol que entrava pelas janelas e portas abertas. Havia uma escadinha, muito estreita e de poucos degraus, que dava acesso à parte superior da igreja. Subi e tive uma visão geral da parte de baixo. Muito pequena, fiquei imaginando como ela deveria ficar cheia nos dias da festa.

Algo muito curioso chamou minha atenção: a troca da toalha do altar nos três dias que antecedem a Procissão. Primeiro, coloca-se uma toalha pequena embaixo da imagem do santo, uma toalha muito simples feita de tecido bastante rudimentar, pequena, quadrada, bem limpa e passada. No segundo dia essa toalha é trocada por outra maior, em tecido viscoso, com adornos nas pontas, também quadrada e igualmente passada e limpa. No terceiro dia, essa toalha é trocada por outra bem maior, do mesmo modo quadrada, feita em renda de bilro encomendada a uma Senhorinha rendeira muito famosa de São Sebastião/AL.

Essas toalhas tinham em comum a cor branca e o formato quadrado. Segundo *Seu Juvenal Martins dos Santos*, 49 anos, cuidador do santo, esse foi um costume que se criou e surgiu “naturalmente” entre os cuidadores da igreja, não havendo uma razão específica que ensinasse tal conduta, a não ser o desejo de embelezar o lugar onde o santo ficava.

Ao questionar o *Seu Juvenal* a respeito da origem daquele ato de trocar a toalha do altar, obtive a seguinte resposta: “*a gente faz a troca porque acha que assim o santo vai ficar mais bonito e o altar também*”; porém, insisti em saber o porquê das trocas, uma vez que a

toalha do terceiro dia – muito mais arrumada e vistosa – poderia já produzir o efeito de beleza desejado e suprimir a colocação das toalhas anteriores, mais simples. A sua resposta foi:

Antes o altar tinha uma toalha bem simples, e apenas ela. Quando precisava lavar, não ficava nada lá. E aí, a gente fez outras toalhas... todas brancas. Depois fizemos toalhas maiores, porque aquelas eram pequenas. Com o passar dos anos, a gente foi percebendo que, às vésperas da Procissão, ficava mais bonito pôr uma toalha mais arrumada. Foi quando nós arrecadamos um dinheirinho com a comunidade e encomendamos uma de renda muito bonita, que é a que fica no altar quando tá perto da Procissão. E daí, a gente foi colocando, naturalmente, da toalha mais fraca pra mais bonita, à medida que o dia da Procissão ia se aproximando, a gente achava que o santo deveria tá mais arrumado, esperando a hora de desfilar pelas ruas.

De fato, essa troca de toalhas pode gerar uma multiplicidade de ideias; porém, Turner (2005, p. 32) nos alerta quanto às interpretações *esotéricas* e *exotéricas* que damos aos objetos, ou seja, o *Seu Juvenal*, enquanto meu interlocutor, não detinha o conhecimento de um perito especialista em rituais. Muito pelo contrário, ele, no seu jeito de ser, expôs, segundo o seu entendimento e convencimento, uma situação por ele vivenciada, enquanto cuidador da imagem do santo, revestida de um sentido: “... deixar o santo mais bonito”.

Ademais, isso pode se caracterizar como uma opinião do *Seu Juvenal* não ensejando, de fato, para ele, algo digno de tanta especulação ou interpretação, como em alguns momentos ele quis demonstrar, ao afirmar que aquela troca de toalhas não era nada diante de toda a grandiosidade do santo.

No entanto, Turner ao se referir à “brancura” da argila (*mpemba*) exemplifica como um simples símbolo pode produzir uma infinidade de significados e fenômenos, desde biológicos como o “sêmen” a interpretações mais abstratas como “pureza ritual”, “inocência” de feitiçaria e “solidariedade para com os espíritos ancestrais” (2005a, p. 85).

O fato é que, dentro da Igreja Santa Cruz (totalidade), aquelas toalhas, da forma como eram dispostas, assumiam uma posição que as diferenciava de outros símbolos igualmente expostos no altar (Turner, 2005a, p. 86).

Ainda de acordo com os ensinamentos de Turner (2005a), a função das toalhas, enquanto símbolo ritual, seria bastante esclarecida se equacionássemos o significado que elas produzem com o seu uso. Chegaríamos, assim, à sua operacionalidade, observando o que as pessoas fazem com elas e não somente dizem sobre elas (Ibid).

Para isso, foi importante observar quem as manipulava (arrumadores da igreja – inclusive, um grupo estruturalmente formado, na sua maioria, por mulheres); essas mulheres desempenhavam suas funções na igreja de forma voluntária (não obrigada), dedicando um tempo relativamente considerável do seu tempo a tais funções; elas também estavam envolvidas em outras atividades que acontecem na igreja, como o terço rezado pelas

mulheres, às quartas-feiras, bem como nas quermesses alusivas ao Senhor Bom Jesus ou arrecadação de alimentos para a população mais carente de Penedo; elas tinham uma ligação afetiva com a igreja e tudo a ela relacionado a ponto de fazer com que o intervalo de tempo destinado à troca da toalha do altar se tornasse um momento festivo e de alegria, compartilhado, exclusivamente, entre elas.

Entre essas mulheres, conheci a Vera Lúcia, 38 anos, devota do *Bom Jesus* desde criança, uma das zeladoras voluntárias da igreja. Ela afirmou que o santo precisa estar bonito todos os dias do ano e não só na Procissão.

O Senhor Bom Jesus dos Navegantes é digno de muitas homenagens, como as que ele recebe aqui em Penedo. Eu já enfeito o altar há aproximadamente vinte anos e faço questão de deixar a Igreja muito mais agradável para as pessoas fazerem suas orações.

A Vera Lúcia revelou que o fato de ser cabeleireira ajuda a ter imaginação enquanto está trabalhando no altar e no santo. Ela faz arte a partir da sua arte. Essa percepção é interessante porque, enquanto cabeleireira, a sua atenção se volta apenas para a cabeça da pessoa, mas é bastante curioso como ela associa o corte do cabelo ao rosto da pessoa. “*O corte de cabelo pode mudar completamente a aparência de alguém, não é?*”, diz. É óbvio que ela não corta o cabelo do santo – inclusive, brinca comigo dizendo que Jesus também ficaria muito bonito de cabelo “curtinho”, mas ela usa isso como um artifício no seu trabalho de arrumação. Perguntei-lhe sobre detalhes da arrumação e ela disse:

Eu usei capim aruana em forma de trigo, lírio rosa, lírio branco, rosa branca natural, e tem a rosa branca que eu pinto de rosa usando esse spray (mostra uma garrafinha). Então, você vê que é uma arrumação bem natural, com coisas da natureza. E o segredo é a criatividade, né? Essas pinturas que eu faço com spray vêm do Espírito Santo, vou tendo as ideias e a coisa vai ficando bonita. É um dom que eu tenho, porque quando começo a fazer a minha cabeça fica numa guerra... o que vai, o que não vai. E volta-e-meia, paro, olho pro rosto Dele, procurando inspiração e, de repente, começo de novo.

Outra coisa que, segundo Vera Lúcia, ajuda bastante é o fato de ser devota do *Bom Jesus* desde menina. Ela diz que isso faz com que ela o arrume com mais capricho e dedicação. Como devota, ela acha que a arrumação é também uma forma de agradecer pelas dádivas alcançadas, assim precisa ser um trabalho bem-feito. Para que o altar seja enfeitado, a Vera Lúcia conta com a ajuda de várias pessoas da comunidade que “dão um dinheirinho” para comprar as flores. O *spray* de suas pinturas vem de doações do comércio.

Evidentemente que no movimento de exposição do santo existe a preocupação de deixá-lo bonito, apresentável e vistoso. Afinal de contas, aquele que tem “força milagreira”, Zaluar (1983, p. 97), deve estar bem ajazado para agradecer a comunidade de seus devotos e trazer êxito à sua festa.



Figura 35: Igreja Santa Cruz do Cortume, época atual.
Fonte: Site Oficial do SIPEAL/Penedo – Acesso: 04/07/2017

2.5 Imagem e personificação

A imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes fica exposta na Igreja Santa Cruz em Penedo podendo ser visitada a qualquer época do ano. Podem-se encontrar uma pequena réplica no altar da sacristia e a imagem original (esculpida pelo Mestre Cesário Procópio dos Mártires) no altar-mor da igreja. Essas imagens são bastante procuradas pelas fiéis, principalmente na época da festa. No dia da Procissão, a imagem original é retirada da igreja e a réplica é colocada numa mesinha em frente ao altar-mor.

A estátua esculpida pelo Mestre Cesário Procópio é do estilo Barroco do Século XVIII e mede aproximadamente um metro e meio. Nela, Jesus aparece vestindo uma túnica vermelha envolvida por um manto azul. De mão esquerda erguida e firme - conta a história que para acalmar as águas do Rio São Francisco em virtude das desavenças entre os religiosos da época e a igreja - na qual está colocado um terço. A mão direita, um pouco alçada, transmite o apelo de calma e paciência, o que representa bem a ideia do Mestre Cesário ao demonstrar a situação vivida na época. Jesus está dentro de uma barca que traz a inscrição “Rei dos Mares”, como já comentado anteriormente.

Essas descrições iconográficas são importantes para pensar as formas como os devotos e frequentadores da Procissão percebem e constroem as suas representações sobre o *Bom Jesus* e, assim, interagem com Ele.

Algo muito interessante ocorreu na entrada da igreja, enquanto observava o comportamento dos fiéis em seu interior. Uma senhora perguntou ao padre onde estava a imagem do Senhor Bom Jesus e ele mostrou-lhe apontando para o altar dizendo: *“Não é imagem, é o Bom Jesus!”*.

Embora exista uma determinação canônica de que as imagens no culto devem ser apenas representações de pessoas, dos santos, o pároco vai de encontro a tal orientação teológica, gerando a ideia de presença ao afirmar que não era imagem e sim o próprio santo que estava no altar.

Essa convicção é compartilhada entre aqueles devotos do *Bom Jesus* e muitos outros que, embora mantenham uma relação mais distanciada com o santo, acreditam igualmente no seu poder. *“É muito parecido com uma pessoa de verdade, a gente se sente bem perto Dele (Jesus).”* (M.S.D., 39 anos, secretária escolar); *“É imagem sim, uma estátua, o verdadeiro santo está no céu.”* (P.C.T., 28 anos, encanador); *“Eu sei que é uma imagem, mas tem a presença do Bom Jesus ali.”* (V.L.O., 34 anos, servidor público); *“Quando estou perto dele é como se estivesse perto de uma pessoa de verdade, só que santa.”* (M.A.R., 30 anos, comerciante). Essas foram algumas respostas que ouvi ao indagar sobre isso.

[...] quando passamos a seguir o trabalho e o envolvimento das zeladoras com as imagens, vimos que essas últimas podem ser explicitamente associadas a uma “pessoa” pelas primeiras. Entre as zeladoras, é frequente a vinculação das imagens às suas histórias familiares e pessoais, identificando-as como indivíduos específicos. (PEREIRA, 2014, p. 55)

É no processo de interação com as imagens que essa “personificação” ganha força. Quanto mais próximas as pessoas estão das imagens, manipulando-as, maiores serão as possibilidades de amplidão de sua pessoa, pois “as imagens transitam não apenas através de seus corpos ‘completos’, mas também em função do trânsito de suas partes constitutivas” e “mesmo fora e antes dos momentos de festa, as imagens despertam o interesse e mobilizam um variado conjunto de ações” (PEREIRA, 2014, p. 58).

Foi possível observar, principalmente com a ajuda de perguntas feitas aos próprios devotos e público geral que se dirigia à imagem deixada no altar, que estes, ao se relacionarem com a imagem do Senhor Bom Jesus, nomeiam as partes do corpo do santo, onde tocam ou passam as suas mãos, pelos próprios nomes que designam as partes do corpo humano. Assim, eles se referem às mãos, pés, cabeça, braço, coração do Senhor Bom Jesus, não como partes de representação do santo, mas como partes que podem ser sentidas, apalpadadas, tocadas, e por meio dessas ações rituais manifestadas pelo toque, pelo beijo, pelo alisado, eles põem em composição aquilo que seria o corpo do Senhor Bom Jesus.

No dia 10 de janeiro de 2016, dia da Procissão, enquanto aguardava a chegada do santo (imagem original), sentei-me numa cadeira próxima ao altar e comecei a conversar com as pessoas quando elas terminavam de ter o seu momento com o santo (réplica da imagem original). Fiz um apanhado sobre aqueles depoimentos, os quais me conduziram a interpretações acerca da relação que aquelas pessoas mantinham com o santo naquele momento. Nesse sentido, exponho alguns depoimentos:

Gosto de pegar na mão dele, pedir sua proteção. Sinto uma coisa muito boa quando toco nele. Eu tava até triste quando cheguei aqui hoje, mas depois que eu segurei na mão dele, o meu espírito foi renovado e agora tô me sentindo melhor.

(S.M.L.C., 39 anos, enfermeira, Maceió/AL)

Sempre que venho aqui, gosto de me dirigir à imagem do Bom Jesus e ter um momento de contemplação. Olho nos Seus olhos, pego na Sua mão, aliso a Sua cabeça. Ano passado fiz um concurso e pedi a Ele inteligência. Fiz esse pedido com a minha mão na cabeça Dele. Pedi que Ele me ajudasse, me desse calma na hora da prova. Consegui passar e hoje vim agradecer. De novo coloquei a minha mão na cabeça Dele, agradecendo por toda a tranquilidade e sabedoria que me deu enquanto fazia a prova.

(R.S.T., 28 anos, auxiliar administrativo, Satuba/AL)

É muito bom sentir a paz que ele transmite. Só ver a imagem é uma coisa, quando você toca nela você sente paz, alegria, amor, principalmente quando coloca a mão no peito dele. É um sentimento inexplicável. É como você sentisse um coração batendo lá dentro! A vida. É por isso que quando coloco a minha mão no peito dele peço muita saúde pra mim e minha família.

(J.B.R., 44 anos, bancária, Penedo/AL)

A parte do corpo dele que eu mais gosto de tocar é o rosto. Gosto de ficar alisando, fazendo carinho, porque sei o quanto ele sofreu por nós. Eu rezo enquanto toco nele, agradeço por tudo de bom na minha vida. Gosto também de beijar os pés dele na hora da despedida, pois é uma forma de demonstrar respeito.

(H.L.O., 40 anos, empresário, Coruripe/AL)

Se quero segurança, sei que tenho que segurar na mão dele, mas quando peço por saúde, encosto a palma da minha mão no peito dele. Faço uma oração. Beijo a testa dele e a sua mão. Aprendi isso com a minha avó. Ela sempre me ensinou que é no peito (coração), de onde partem os raios da misericórdia (branco e vermelho)³⁷, que está a saúde.

(J.C.S., 25 anos, analista de sistemas, Recife/PE)

Diante dele, fico muito emocionada. Ele se mostra muito receptivo a todos, acolhe a todos, não é? Vejo uma pessoa amorosa. Sei que é uma imagem, mas o jeito como nos olha, inspirando confiança, paz, não tem como você não querer tocar nele. Pegar na sua mão, sentir sua força. A gente se sente muito bem na sua presença. É

³⁷ Faz menção à imagem de Jesus Misericordioso associando à imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Em 22 de fevereiro de 1931, Santa Faustina teve uma visualização de Jesus, vestido de túnica branca, com a mão direita levantada para abençoar, e a mão esquerda sobre o peito, de onde dois raios saíam, um vermelho e outro branco. Disse-lhe Jesus: *Pinta uma Imagem de acordo com o modelo que estás vendo, com a inscrição: "Jesus, eu Confio em Vós". Prometo (a quem venerar) já aqui na Terra, a vitória sobre os inimigos e, especialmente, na hora da morte. Eu mesmo a defenderei com Minha própria glória.* Santa Faustina perguntou o significado dos raios da imagem. Jesus respondeu: *O raio pálido significa a Água que justifica as almas; o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas.*

nos pés que eu deposito as minhas angústias e lamentações, mas também renovo as minhas esperanças.
(S.S.O., 34 anos, dentista, Arapiraca/AL)

Percebi que uma devota do *Bom Jesus* realizou uma espécie de circuito no interior da igreja. Ela entrou na fila por pelo menos três vezes. Mas foi em conversa com ela que entendi melhor o seu comportamento. Quando perguntei a ela por que tinha entrado na fila por mais de uma vez ela me respondeu:

Eu rezo por todo mundo quando venho aqui. Me sinto muito bem na presença do Senhor Glorioso. Às vezes, a gente se esquece de fazer todos os pedidos, aí tem de voltar de novo! Pedi que Ele desse a cura de uma vizinha minha que tá muito doente. Daí, depois que saí da fila, lembrei do meu cunhado que tá precisando de ajuda pra comprar uma casinha, aí voltei (risos). Agora, por último, fui pedir pelo meu compadre que tá lutando contra o câncer. Aí, é muita gente! Termino esquecendo de alguém.
(B.M.S., 65 anos, aposentada, Junqueiro/AL)

Achei muito curiosa a resposta dela, especialmente por causa da sua idade e disposição para enfrentar tamanha fila por três vezes. Aquela senhora gostava de estar na presença do santo e se sacrificava ao enfrentar a fila, mas estava de sorriso no rosto demonstrando felicidade por estar ali. Concluiu me dizendo que não podia ficar sem ir à igreja e pedir proteção ao *Bom Jesus*, mas que também tinha muita coisa para agradecer. “Os depoimentos sobre os agradecimentos remetem à importância da graça na relação com os santos, e seria possível a partir deles recompor seu significado” (MENEZES, 2004, p. 227).

Quanto à presença e representação do santo, percebi uma grande quantidade de termos nativos na fala dessas pessoas, os quais foram dos mais antigos aos mais modernos e, ao mesmo tempo, inusitados, como o termo *papa*, utilizado no sentido de mingau (alimento), pela Dona Terezinha, 98 anos, aposentada, devota do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e do Padre Cícero - com cujo relato trabalho no próximo capítulo -, a qual compara o *Bom Jesus* à comida que nos mantém vivos, “*Ele é papa pra nós*”, disse ela.

Ouvi muito também o termo *energia*, mais sofisticado e arrojado para se referir ao poder do santo de gerar “*bons fluidos para aqueles que estão à sua volta*”, como me disse, por exemplo, Cristina de Paiva Rocha, 32 anos, Agente Bancária.

Para ilustrar, vejamos:



Figura 36: Composição do corpo do *Bom Jesus* segundo fiéis
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

CABEÇA: o *mais alto*; o *mais sagrado*. Depois da mão esquerda do *Bom Jesus*, a parte mais tocada pelos devotos. Onde está a *sabedoria*, a *inteligência*.

ROSTO: alisado, geralmente, pelo lado de fora dos dedos da mão direita. Recebe *carinho*. Emite *sinais com o olhar*.

MÃOS:

Tocar → para sentir e receber *energia*;

Encostar a mão, fechar e apertar → para vir *graças, purificação e proteção*;

Passar a mão → acariciar. Percebe-se que a *mão esquerda do Bom Jesus* é a parte mais tocada de todo o corpo.

PEITO: pôr, deslizar ou recostar a mão → contato com o coração. É onde está a *vida, a saúde*.

PÉS: **Tocar** ► sentir *tranquilidade*;

Beijar ► sinal de *respeito*;

Alisar ► pedir *paciência*.

Parte do corpo onde se depositam *angústias* e *esperanças*.

Assim, na designação nativa, percebi que os pés podem ser mais sagrados para uns, ou a cabeça é mais reverenciada. Nesse sentido, houve uma grande variação nas opiniões das pessoas. Mesmo tendo sido este um corpo construído a partir da elocução de palavras e sentimentos, típicos dos seres humanos, há a sobreposição do sagrado na sua manipulação simbólica.

Nesse processo de interação manual com o santo (pegar, acariciar, alisar, passar, botar e apertar) percebi, com os depoimentos, que há uma sutil diferença com relação ao ato de “tocar” no santo, o que enseja, dessa forma, outros modos de interação com a imagem, com significações diferenciadas. Esta pesquisa não alcançou se Victor Turner lançou um olhar, do ponto de vista linguístico, sobre a variação vocabular presente nos rituais *Ndembu*. Tambiah (1985) afirma que não, inclusive sugere que isso traria novos enfoques nos estudos sobre rituais.

Os verbos acima mencionados revelam, portanto, novas possibilidades de interpretação, aliás, com sentidos variados, pois quando, por exemplo, ouvi da Eunice Cunha, 29 anos, veterinária, que ela “*Queria passar a mão nele (santo) para fazer um carinho*”, ela estava, na verdade, numa situação de agradecimento, não, necessariamente, desejando que o santo lhe desse algo, pois ela que estava retribuindo “carinho” a ele. Talvez, a Eunice já tivesse recebido uma graça e agora estivesse na condição de retribuí-la (MAUSS, 2003). Nesse sentido, são bem-vindas as palavras de Menezes (2004, p. 208) quando evidencia que essa é uma relação articulada em torno daquilo que o santo já concedeu, sendo este um sistema de prestações ou contraprestações realimentadas no interior da igreja.



Figuras 37 e 38: Devotos em interação com o santo no interior da Igreja Santa Cruz

Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Contudo, “tocar” também implica “*sentir uma energia maravilhosa*”, como me relatou o jovem Rubens Fonseca Martins, 19 anos, estudante, “*Quero sentir a pureza, a bondade e o amor de Jesus por nós*”. Assim, a transferência vem da imagem dessa vez. Ademais, o “tocar” para sentir pode não estar relacionado com a transferência de “sentimentos” do santo para o devoto, mas apenas com o desejo deste de sentir aquele, conforme me revelou Cosme da Silva Santos, 33 anos, feirante, “... *quero saber que ele (santo) tá aqui com a gente, firme!*”.

Finalmente, quero dizer que o ato de “tocar”, enquanto técnica corporal (MAUSS, 1974), é muito comum no convívio social, principalmente entre nós, brasileiros, quando damos um aperto de mão ou uma tapinha nas costas de alguém como sinal de saudação, ou puxamos alguém pelo braço para uma conversa, sendo essas manifestações intensificadas dependendo do grau de intimidade que temos com os outros.

Esses comportamentos são transpostos para os santos de forma mais reverenciada e respeitosa. Eles são performados pelos devotos, de um modo mais caloroso, como observado na Igreja Santa Cruz, e se ampliam durante o cortejo reforçando o aspecto cultural, levando a reflexões acerca das potencialidades do *Bom Jesus* em participar modificando e/ou transformando a vida social na cidade de Penedo, como será demonstrado no capítulo que segue.



CAPÍTULO 3 – NOS PASSOS DA PROCISSÃO

Arnold Van Gennep, em sua obra “Os Ritos de Passagem” (2011), dispõe que é tarefa do pesquisador analisar todas as fases de um ritual a partir de seus ritos preparatórios (preliminares), dos ritos liminares que permeiam o próprio ritual e dos ritos pós-liminares, relativos ao final do ritual. A análise do antes, durante e depois, é de fundamental importância para chegarmos a uma compreensão sobre a interação dos devotos com o santo na Procissão em Penedo.

Já conversamos, no Capítulo 2, a respeito da imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, mas aqui cabe ressaltar a centralidade que ela ocupa no espaço processional. Sabemos que a imagem original é retirada da igreja para arrumação, no caso das Procissões de 2016 e 2017, quando estive em campo realizando pesquisa, ela foi levada para o Convento Franciscano, como já explicitado. Em seu lugar, foi deixada na igreja uma pequena réplica do santo.

No domingo da Procissão, o santo cumpre uma verdadeira agenda - importante relatar para nos situar sobre a sua importância para os católicos penedenses. Primeiro, há a missa em honra ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, geralmente realizada às 9 da manhã do domingo da Procissão; em seguida, o santo é retirado da igreja para arrumação, recebendo uma produção artística ao ser enfeitado com ramos, galhos de jasmim e flores para o desfile.

Depois, ele é trazido novamente para a igreja, já arrumado, de onde segue em cortejo pelas principais ruas da cidade em direção ao Rio São Francisco, onde realiza uma nova etapa da Procissão, inclusive considerada o ponto alto do evento. Lá ele abençoa as águas do rio e todos aqueles que o seguem em Procissão fluvial, especialmente os pescadores. Ao fazer o percurso fluvial, ele retorna ao Porto das Balsas de onde segue acompanhado de toda a multidão que ficou às margens do rio esperando o seu retorno e também daqueles que o acompanharam pelas águas do São Francisco.

Ele é levado para um palco montado próximo à Igreja Santa Cruz, onde é realizada uma missa campal conduzida pelo Bispo de Penedo, Dom Valério Breda. Ao final, permanece ali para adoração dos fiéis por pelo menos uma hora, quando finalmente é recolhido para o altar da Igreja Santa Cruz, finalizando o seu itinerário processional.

A Igreja Santa Cruz do Cortume pode ser visitada em qualquer época do ano, suas portas estão sempre abertas para a comunidade penedense e visitantes. A imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, originalmente esculpida pelo Mestre Cesário Procópio, conforme

já afirmado, só é retirada da igreja na época da Procissão. O volume de pessoas na igreja nesse período é extremamente grande.

O mesmo santo que fica no altar-mor sai em desfile durante a Procissão. A réplica que fica na igreja, quando da retirada da original, possui uma força simbólica imensa no tocante à representatividade; porém, é inquestionável que a imagem original possui uma excepcional centralidade no campo comprovada durante o percurso processional. Essa mesma imagem no interior da igreja não produz os mesmos efeitos simbólicos quando está fora dela, em procissão.

A imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes é símbolo central na Procissão. Considerando-se essa centralidade, os adereços usados para enfeitá-la, o fato de ela ter sido, nas procissões de 2016 e 2017, carregada pelo carro do Corpo de Bombeiros, e não levada no andor, a sua retirada da Igreja Santa Cruz para arrumação no Convento Franciscano, o que provocou burburinho e alvoroço entre os fiéis, só aumentaram a perceptibilidade e o reconhecimento dos frequentadores quanto à sua relevância.

A Procissão se apresenta como um cortejo em desfile pelas ruas de Penedo caminhando para um determinado ponto (o rio), onde se dará a agregação (GENNEP, 2011), o sentido maior de retirar o santo da igreja (a bênção). O ponto alto da Procissão, seu desfile, agora fluvial, abençoando as águas do São Francisco, constitui-se num cosmo em que se reúnem os participantes do cortejo, embora esse também seja um espaço de segregação, pois o percurso fluvial não é para todos.

Dessa forma, a liminaridade no campo processional, quando percebida como espaço de transição, leva à reapresentação, ou seja, os indivíduos passam por um processo de preparação que os faz circular entre “dois mundos” (GENNEP, 2011, p. 35), sendo também perceptível a publicização da fé, mais evidente entre os devotos do *Bom Jesus*.

Assim, cabe reiterar a ideia da Procissão como um processo ritual (Turner, 1974), onde dou especial atenção aos seus atos constitutivos (antes, durante e depois), além de estar atento à liminaridade e à produção do estado de *communitas*, como já referenciado em outro momento deste trabalho. Delimitarei bem o tempo, mencionando horários específicos, para que o leitor tenha melhor noção da minha atuação no campo e também da sua dinamicidade, compreendendo mais amplamente o que já fora explicitado na introdução, quando falei da dificuldade de estudar um campo que se forma apenas uma vez no ano.

3.1 A espera

Era manhã do dia 10 de janeiro de 2016, dia da Procissão, cheguei cedo a Penedo, às 7h, já pude perceber uma grande movimentação na cidade. Dirigi-me para a Igreja Santa Cruz, onde às 9h haveria uma celebração para o Senhor Bom Jesus. A pequena igreja estava repleta de pessoas. A cerimônia seria realizada pelo Padre Jackson Nascimento.

Ali, vi vários romeiros tomando um cafezinho com pão e se organizando em frente à igreja com cadeiras de plástico e banquinhos que eles mesmos trouxeram – não havia mais espaço no interior da igreja.

A celebração começou pontualmente. Em silêncio, todos ouviam as palavras do Padre Jackson Ribeiro do Nascimento, que enfatizava uma tradição de já 132 anos. A todo instante chegavam mais pessoas que iam se ajeitando, algumas até se espremendo para ficar dentro da igreja. Ao final da missa, muitos fogos foram disparados e o santo foi muito aplaudido e reverenciado quando retirado da igreja para arrumação no Convento Franciscano.



Figura 39: Missa em celebração ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Antes mesmo do início da missa, circulei em volta da igreja e vi os vários grupamentos de pessoas que se constituíam, com suas conversas, risos, cochichos e, especialmente, cantorias e orações.

Foi num desses grupos que encontrei a *Dona Terezinha*, figura emblemática na Procissão dos Navegantes de Penedo, isso em virtude de sua devoção ao Senhor Bom Jesus e também ao Padre Cícero, aos quais, segundo ela, dedicou uma vida inteira de orações.

Natural de Penedo/AL, moradora do Bairro Tabuleiro, de baixa estatura, magrinha, mas com invejoso vigor, o qual me surpreendeu durante a Procissão, quando a vi com passos

curtos, mas rápidos, ajudada por duas mulheres que a seguravam pelos braços, e apoiando-se numa espécie de cajado, seguindo insistentemente o carro dos bombeiros onde estava o santo, teimava em não se atrasar, ia colada na traseira do carro, uma mão na bengala, a outra no para-choque.

Talvez, aquela cena não me tivesse chamado atenção, resguardado o fato de *Dona Terezinha* ter 98 anos e uma disposição fora do comum, justificada pela fé e devoção ao Senhor Bom Jesus, conforme me revelou momentos antes da missa pela manhã.

De roupa especialmente encomendada para a Procissão, um vestido azul de mangas compridas, com vários anéis nos dedos e cordões e correntes no pescoço em honra ao Senhor Bom Jesus e ao Padre Cícero, *Dona Terezinha* demonstrava uma espécie de vaidade religiosa ao passo que ela usava todos aqueles adereços para se enfeitar e se sentir mais próxima de Deus. *“Isso é tudo pra me proteger, sabe? Assim que acordo de manhã, coloco logo o meu terço no pescoço... pra dizer a verdade, tem vez que eu nem tiro pra dormir (risos)”*.

Extremamente simpática, *Dona Terezinha* confessou já ter ido à Juazeiro do Padre Cícero por mais de duzentas vezes, já estando com viagem marcada para mais uma visita ao *Padim Ciço* naquele ano. Quanto à Procissão do *Bom Jesus*? *“Vixe, meu fio, já perdi as conta”*, diz rindo. *“Desde menina que acompanho essa Procissão”*, completa.

Embora Renata de Castro Menezes (2004) nos diga que o motivo mais recorrente para alguém se apresentar como devoto de um santo é ter obtido alguma graça dele, seja diretamente para si, seja para algum parente ou amigo, ou ainda por ter testemunhado a concessão de graças e, conseqüentemente, o poder do santo, em seu círculo próximo de relações (p. 233), esse não parece ter sido o caso de *Dona Terezinha*, que, segundo pude constatar, tornou-se devota do *Bom Jesus* em virtude das práticas rituais ao santo que vira acontecer em sua casa quando seus pais a colocavam *“pra rezar o terço da misericórdia todos os dias na frente do santo para agradecer a vida”*, não existindo nenhuma razão aparente de graça alcançada para tal prática. *“Temos que rezá muito pro Senhor Glorioso. Era isso que minha mãe dizia pra gente. Aí, a gente se acostumou e hoje tudo que eu peço ele atende”*.

Sendo assim, percebe-se que outras coisas entram em jogo no estabelecimento de uma devoção, muito embora no falar de *Dona Terezinha* não tenhamos uma graça específica alcançada, mas o próprio ato de celebrar a vida por si só já se constitui num motivo de devoção a um santo, sem que haja, necessariamente, uma graça inicial. Dito dessa maneira, *“os santos de devoção da família representam assim uma espécie de patrimônio herdado, que um católico pode canalizar em seu favor”* (MENEZES, 2004, p. 235).

Dona Terezinha é uma mulher de hábitos rotineiros. Acorda cedo da manhã e já começa com suas orações ao *Bom Jesus*, a quem atribui toda a força do corpo e lucidez da mente. Sem titubear nas palavras, ela me dá seu roteiro de devoção, que inclui rezas, cantigas, idas à igreja, programas na TV Canção Nova e Aparecida, benzeções para “*tirar o mau olhado*”.

Muito procurada em sua comunidade, benze carro, animal, o *comércio*³⁸, prepara remédios caseiros, sendo uma boa conhecedora de plantas medicinais, e ainda aconselha “*menina moça*” na puberdade. Era unânime entre aqueles que a rodeavam, enquanto conversava com ela, o reconhecimento de suas habilidades na feitura de chás e rezas que curavam as pessoas que a procuravam, atendendo gente de várias classes sociais e regiões.

Dessa forma, *Dona Terezinha* se vê como uma prestadora de serviço à sua comunidade em resposta a tanta saúde e vida longa que o Senhor Bom Jesus tem lhe dado.

Perguntada sobre o que o Senhor Bom Jesus representava na vida dela, sua resposta foi bastante coerente com a sua personalidade carismática: “*Ele pra mim é papa (fazendo gesto de comer com a mão)*”, referindo-se ao mingau que come todos os dias de manhã, o qual, segundo ela, mantém-na viva e forte. “*Ele é o alimento de cada dia pra andá, trabaiá, ajudá os outros*”.

A *Dona Terezinha* dá sequência a uma tradição familiar: a fé no *Bom Jesus*. A sua devoção ao santo perpetua laços entre os membros de sua família. Dava para perceber a sua influência e inspiração para os mais novos seguirem o Senhor Bom Jesus. Todos os anos, a *Dona Terezinha* é a primeira devota a embarcar na balsa que transporta a imagem do Senhor Bom Jesus pelo São Francisco, momento esse que se tornou tradicional na hora da Procissão fluvial.

Esses motivos, superficiais ou não, ajudam-nos a pensar o que é ser devoto do Senhor Bom Jesus e justificam que há várias maneiras de estabelecer uma devoção, livre de quaisquer ideias pré-concebidas a esse respeito, pois, como ainda salienta Renata de Castro Menezes, “se há santos dos quais se é devoto a partir de laços herdados, ou obtidos ‘naturalmente’, há outros com os quais o laço foi estabelecido a partir de outras motivações iniciais” (2004, p. 236).

³⁸ Estabelecimento comercial: venda, mercearia, armazém etc.



Figura 40: Dona Terezinha, devota do Senhor Bom Jesus dos Navegantes
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

3.1.1 A arrumação do santo

Historicamente, de acordo com Priore (1994, p. 48), a tradição de levar o santo da igreja para as ruas, enfeitado, no Brasil, remonta ao governo-geral de Tomé de Sousa, com a chegada dos primeiros jesuítas, quando já se percebiam deslocamentos marcados pela dramatização ritual de eventos históricos no início do século da colonização.

Os organizadores da Festa resolveram inovar na Procissão de 2016, eles quiseram provocar um clima de suspense retirando a imagem do Senhor Bom Jesus da igreja para arrumá-la noutra local com a finalidade de que ninguém a visse antes de estar enfeitada, tendo sido deixada, como já comentado, uma pequena réplica da original numa mesa em frente ao altar.



Figura 41: Retirada do santo da igreja para arrumação
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Fui, então, até o Convento Franciscano, onde o santo seria arrumado. Encontrei resistência para adentrar, uma vez que eu não fazia parte da organização do evento. Já eram onze da manhã quando, depois de muita insistência, consegui entrar. Imediatamente fui informado de que não poderia tirar fotos ou filmar nada lá dentro.

O santo começou a ser arrumado às 13h. Lá estava uma equipe formada por dez pessoas contratadas pela gestão municipal, responsáveis pela arrumação do santo. Muitas flores coloridas espalhadas pelo chão perfumavam o ambiente. Os *arrumadores* (designação das pessoas com quem conversei para os responsáveis pela arrumação do santo) de uma em uma, iam colocando-as num imenso arco que envolvia a imagem. Cada botão de rosa, cada ramo, cada flor, grande, pequena, parecia que era minimamente colocada, e tudo ia se juntando conferindo à imagem uma nova aparência.

Percebia-se certo silêncio durante a arrumação, orquestrada apenas pelo barulho de dois ventiladores no teto da sala onde nós estávamos. Aquelas pessoas, realmente, demonstravam conhecimento da arte de enfeitar. Sabiam como dar vida a um objeto através da ornamentação. Era um trabalho de muita paciência e imaginação. Os *arrumadores*, engajados no seu trabalho de embelezamento da imagem do Senhor Bom Jesus, iam seguindo com o seu ato ritualístico.

Observei que naquela arrumação existia uma regra de ação. Cada *arrumador* agia compassadamente no sentido de continuar o trabalho do outro, a cada flor colocada correspondia uma outra que viria conferir mais beleza ao santo. Eles se comportavam com parcimônia na frente do santo, tendo uma conduta ordenada na sua presença.

A atividade dos *arrumadores*, enquanto ritual, acontecia como um fenômeno inerente ao mundo social que revela *status* - eles vieram de Salvador/BA, exclusivamente para

fazer aquele trabalho; demonstravam técnica com a manipulação das flores, pois rapidamente uma fileira de flores era construída.

Notei que aqueles *arrumadores* mantinham uma postura respeitosa diante do santo não dando as costas a ele, por exemplo, nem falando alto – o que se ouviam eram pequenos murmurados, cochichos, acompanhados de gestos: um *arrumador* quis a tesoura, que estava no chão, olhou para o outro, apontou e este, em seguida, atendeu ao comando daquele se esticando para pegá-la.

Pereira (2004, p. 37) afirma que os atos de render graças ao santo, não lhe dar às costas, fazer o sinal da cruz ou reverência toda vez que se passa na frente do altar ou ao entrar/sair da igreja, acontecem, principalmente, “entre aqueles praticantes do catolicismo popular e os que praticam religiões de origem africana”.

Nos anos anteriores, a imagem era colocada para fora da igreja e toda a arrumação se dava ali na rua mesmo. Os organizadores usavam cordas para impedir que as pessoas se aproximassem do santo, e ali, na frente de todo mundo, acontecia a arrumação. Em 2016, porém, a dinâmica foi outra, o santo foi levado para arrumação num convento, inclusive, por esta ter sido realizada isoladamente, passou a ser um momento de ritos privados na totalidade do ritual.

Em conversa com algumas pessoas, percebi que muita gente ficou incomodada com essa ideia. Segundo uma das devotas do *Bom Jesus*, D. Iracema, comerciante, de 40 anos, foi uma “*injustiça*” não deixá-los ver o santo sendo arrumado, pois esse é um momento de contemplação e admiração do qual todo mundo gosta de participar.

No entanto, a intenção da equipe organizadora era causar frisson mantendo o santo às escondidas. “*Com o santo sendo arrumado na frente da igreja era mais fácil esperar até a hora da Procissão. por que a gente ia se distraindo acompanhando a arrumação*”, confessou-me Janeclide Soares, 22 anos, estudante, de Garanhuns/PE, “*Dá mais emoção!*” Mas perguntei-lhe: “*Mas será que ele sendo arrumado, sem vocês verem, a emoção não é maior quando ele chegar?*” Ela fitou-me por alguns segundos e disse: “*É que eu gosto de ver ajustando, acho muito bonito. Vamos esperar pra ver!*”.

Já outro grupo de pessoas achou melhor assim. “*Quem arruma precisa ter concentração. Aqui é muita zoada e isso atrapalha. Se fosse eu, tinha ido arrumar ele em outro local também*” falou José Neco, como queria que eu o chamasse, gari na cidade, 32 anos e que três vezes por semana passava ali limpando a frente da igreja. D. Cícera, 44 anos, que todo ano monta uma barraquinha para vender artigos do santo (broche, chaveiro, boné, camisa, etc.), também achou melhor arrumá-lo em outro lugar porque ali faz muito calor e a

arrumação, geralmente, começa no horário do meio dia e as pessoas ficam muito “*aperreadas*” nessa hora.

Essa diversidade de opiniões é importante porque denota a importância que essas pessoas dão ao santo. Umhas preocupadas com a tranquilidade para fazer o trabalho da arrumação, outras querendo ter uma participação mais ativa, vendo a arrumação de perto. Mas todas imbuídas de um mesmo sentimento de cuidado com o santo e na expectativa de que, fosse ali ou em outro lugar, ele haveria de ser bem arrumado.

Às duas e meia da tarde, resolvi retornar para a Igreja Santa Cruz. Saí do Convento Franciscano e o santo ainda não estava totalmente arrumado. Achei melhor aproveitar o meu pouco tempo, antes da Procissão, observando o que acontecia nos arredores da igreja. Também haveria de ser surpreendido com a chegada do santo vendo o resultado final do trabalho dos *arrumadores*.

3.1.2 E enquanto isso...

Ao chegar à igreja, às 14h:45min, notei a presença de um número bem maior de fiéis no local. Percebi que, para muitos, as horas pareciam intermináveis. Na igreja, pessoas à espera do santo, algumas delas já estavam dormindo nos bancos, cansadas. Outras lendo mensagens no seu celular. Elas se sentavam, levantavam, passeavam, voltavam para dentro da igreja e se sentavam novamente, espreguiçando-se, bocejando e se coçando e se abanando por causa do calor, o que demonstrava a angustia da espera. Nesse momento, conversar era a melhor alternativa para ajudar a passar o tempo.

Uma senhora chamada Inês, de 83 anos, paraibana, disse-me que dali só “*arredava o pé*” depois que visse o *Senhor Glorioso*, que esse já era o 30º ano que ela acompanhava a Procissão, e esperar para ela não era nada demais, pois tinha muitas forças para isso, graças ao *Bom Jesus*. Como ela, havia várias outras pessoas, movidas pela mesma fé. A fé de quem espera por esse momento há um ano e que por nada perderia a oportunidade de estar diante do *Bom Jesus* e renovar seus votos de esperança pelas dádivas alcançadas ou a receber.

A impaciência tomava conta do local. As pessoas estavam bastante cansadas de esperar, na expectativa pela chegada do *Bom Jesus* e, ao mesmo tempo, demonstrando certa revolta frente à demora provocada pelos organizadores. O que era pra se tornar uma hora de esplendor – a chegada do santo – parecia se tornar um momento fatigante, pois nos anos anteriores a Procissão tinha início por volta das 15h da tarde.

O que ajudava também a distrair a atenção era a Banda de Pífanos Santo Antônio, tradicional banda penedense, que sempre toca nas comemorações religiosas da cidade. Seu Miguel, 68 anos, tocador de pífano, revelou-me: *“Para mim, é sempre uma honra estar aqui tocando em homenagem ao Senhor Bom Jesus, protetor de todos nós, nesse dia tão especial pra toda população de Penedo e cidades vizinhas”*. Ele ainda me disse que tinha motivos pessoais para todos os anos estar ali. Tinha uma dívida e conseguiu quitá-la, graças ao *Bom Jesus*.



Figura 42: Banda de Pífanos Santo Antônio
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Dessa forma, os diversos atores envolvidos nesse processo desempenhavam ações individuais e coletivas construindo um conjunto de representações e práticas de culto ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, sendo estas indispensáveis para que eles pudessem encontrar um sentido em estar ali invocando, através do santo, um redirecionamento para uma situação que desandou, como foi o caso da *Dona Expedita Maria Soares da Silva*, 57 anos, moradora de Alagoinha, Paraíba, a qual me deu o seguinte relato:

Eu tenho um problema nessa perna. Ela vive muito inchada e aparece muitas feridas nela. Tem dias de eu num poder caminhar. Olha como ela tá agora (Ela me mostra a sua perna coberta com algumas gazes e realmente muito inchada), tá vendo? De noite dói tanto, tanto nesse mundo! Aí eu faço umas compressas, mas é muito difícil viver assim. Tá com quatro anos que fiz uma promessa para o Bom Jesus, que foi se eu ficasse boa, todo ano eu vinha pra cá pra Procissão. No primeiro ano eu fiquei muito boa, as feridas sumiro, ela desinchou mais, só que eu num vim pra procissão, e ói o resultado... o problema veio mais forte! Agora num falto mais, senão vou terminar morrendo. O Bom Jesus vai me castigá porque num tô cumprindo com a minha promessa.

Era visível o sofrimento e a dificuldade da *Dona Expedita* para estar ali, acampada debaixo de uma árvore, deitada numa esteira. Ao perguntar a ela sobre se não seria muito sacrifício da parte dela fazer todo aquele esforço, ela reforçou o que havia me dito dizendo

que não podia deixar de ir, pois tinha um grande compromisso com o *Bom Jesus* e que já havia recebido um sinal dele: se não fosse, a doença poderia se agravar, levando-a, inclusive, à morte.

Qual o sentido do sacrifício numa situação dessas? Bem, a morte, como circunstância máxima, assim imposta por *Dona Expedita*, poderia ocorrer de várias outras maneiras, independentemente de ela ser devota do *Bom Jesus* ou não. Porém, há que se considerar a representatividade do *Bom Jesus* na vida dela, a quem delega a autoridade de tirar-lhe a vida ou não. “*Somente aquele que nos deu o dom da vida, há de tirá-la de nós – Deus*”, disse ela.

Nesse contexto, percebe-se que tão importante quanto pedir é agradecer. O agradecimento aparece como uma responsabilidade do pedinte para com o *Bom Jesus*, ou seja, não é bastante simplesmente pedir, tem de haver algo em troca. E quando nessa relação não existe essa reciprocidade, tal qual apontada por Mauss (2003), há uma quebra no compromisso, um rompimento de uma espécie de contrato e o que poderá vir em seguida caracteriza-se como um “castigo”, como colocado pela *Dona Expedita*, àquele que descumpre o que foi acordado.

Evidentemente que a *Dona Expedita* não estava na Procissão buscando a morte, mas livrar-se dela. Por intermédio do sacrifício, ela procura meio que ajustar a sua condição a um livramento de um futuro real e certo, mas que poderia ser aliviado, prolongado ou distanciado pelo fato de ela estar ali arcando com o peso de sua promessa.

O senhor Antônio Carlos, pescador residente em Piaçabuçu/AL, 45 anos, por exemplo, relatou-me que tinha um filho com um problema de saúde muito sério e que estava “*desenganoado pelos médicos*”. Então, ele fez a promessa de em todos os anos frequentar a Procissão se o garoto ficasse bom, e foi o que aconteceu. O menino Roberto estava ao seu lado na hora da conversa e, segundo Antônio Carlos, totalmente curado.

As promessas são como pontes de ligação entre os devotos e os santos. Essa ponte é construída a partir do momento em que os fiéis sentem-se impelidos a recorrer a uma força maior capaz de dar solução aos seus problemas. É uma espécie de acordo entre os fiéis e as divindades, ou seja, por não conseguir realizar um feito, não chegando assim a uma solução, o devoto apela para uma intervenção divina, que surge através do milagre. Ao receber tal graça, o devoto se vê obrigado a agradecer cumprindo com aquilo que foi prometido.

Para Maria das Graças Santos, devota do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, vale a pena o sacrifício de pagar a promessa pela graça alcançada. Sua filha tinha um abscesso na cabeça e, segundo ela, o Senhor Bom Jesus a curou, estando a garota completamente

recuperada. Então, ela prometeu levar a menina para a Procissão vestida num “manto sagrado”, assim designado por ela, para pagar a promessa em agradecimento.



Figura 43: Filha de Maria das Graças pagando a promessa na Procissão
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Relembro a minha história com Santa Luzia, apresentada na introdução deste trabalho, para enfatizar a ideia do agradecimento nas promessas. Coloco-me nessa posição apenas para reforçar a dívida que eu poderia ter acumulado com a santa, caso não tivesse cumprido com a minha promessa pela graça concebida. Confesso que me identifiquei muito com a fala de alguns interlocutores quando o “medo” de não pagar o que se deve aos santos foi argumentado nas entrevistas. Nesse ponto, vi-me emparelhado com eles, pois a necessidade de agradecimento aos santos pelas dádivas alcançadas era uma constante afirmação na fala de minha mãe, e essa situação é carregada de expectativas e tensões.

Dessa forma, trago os ensinamentos de Mauss (2003, p. 193), uma vez que as relações de *dar*, *receber* e *retribuir* estão muito evidentes no campo processional. O eminente autor ensina-nos que o divino dá o presente, o devoto o recebe e, então, vê-se na obrigação de retribuí-lo.

Todavia, acredito que a promessa vá muito além do que esses verbos possam representar, uma vez que ela não é um fim em si mesma, ela está em movimento, em circulação, em passagem e em espera. A promessa é estabelecida na medida em que existem relações de intimidade entre os devotos e, no caso, o Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

Renata de Castro Menezes nos diz que na convivência dos devotos com o santo deve-se ter “uma série de cuidados quanto à forma e o conteúdo”... “[...] pedindo a coisa certa ao santo certo [...]”, relacionando as particularidades do que se deseja obter às qualidades daquele a quem se vai pedir, sendo por isso importante conhecer, como já mencionado anteriormente, “a vida e os atributos de um santo” (2004, p. 209). Ainda assim, muito embora

o Senhor Bom Jesus dos Navegantes seja conhecido como o *protetor dos pescadores*, é muito comum ele ser procurado pelas mais variadas pessoas com os mais diversificados problemas.

Quatro horas da tarde. E nada do santo. A essa altura percebi algumas pessoas esgotadas pelo cansaço da espera. Pensei em todo o trajeto que ainda iria ser feito. Os percursos em terra e água levariam, no mínimo, umas duas horas, e ainda seria preciso muita disposição para realizá-los.

Eram exatamente 16h:30min quando, olhando as horas no meu celular, ouvi uma voz grave e rouca que veio do meio da multidão concentrada na frente da igreja, que num grito ecoou...

3.2 *E lá vem Ele!*

Eis que surge o Senhor Bom Jesus, carregado por um carro do corpo de bombeiros. Muito corre-corre e gritaria nessa hora. As pessoas diziam: “*É ele, é ele!*”. Um alvoroço começou. Todas aquelas pessoas que pareciam fatigadas de repente foram recarregadas e impulsionadas a se mexerem pela presença do santo.

À medida que o carro dos bombeiros se aproximava da igreja, aumentava a curiosidade das pessoas para ver o santo mais de perto e grande já era a quantidade de gente que começava a rodear o carro.

A ausência do andor rompeu com aquilo que é o habitual nas procissões. Isso chamou minha atenção e passei a me perguntar: teria sido uma atitude para trazer algo diferente para um cenário já tão tradicional desta Procissão, ou foi uma forma encontrada para “proteger” o santo das tantas pessoas que geralmente o cercam e, conseqüentemente, vão retirando algumas florezinhas do seu enfeite?

As explicações advindas do Corpo de Bombeiros em Penedo foram que levar o santo no carro agiliza o percurso e dá mais segurança aos fiéis que o seguem, uma vez que nas últimas Procissões percebeu-se uma imensa dificuldade para locomoção do andor, pois os carregadores tinham bastante trabalho para trafegar pelas ruas apertadas de Penedo devido ao grande volume de participantes no evento.

Outro símbolo importante no cenário processional penedense é o trio elétrico que, igualmente ao carro de bombeiros, possui um papel diferenciador no campo. Com membros

da Renovação Carismática de Penedo, que cantavam músicas³⁹ em louvor ao Senhor Bom Jesus, puxando a multidão de seguidores, o trio elétrico ajudava a compor uma espécie de coro coreografado em que os seguidores da Procissão erguiam seus braços e os balançavam para a direita e para a esquerda em perfeita harmonia, especialmente ao som da canção “Ida” do Padre Marcelo Rossi, a qual reproduzo abaixo:

Quem é que vai? (eu vou, eu vou)

Quem é que vai? (eu vou, eu vou)

Quem é que vai nesta barca de Jesus, quem é que vai?

Tem muita gente, esperando por você!

A caminhar, esperando por você!

Todos cantando, esperando por você!

Juntos por Jesus, esperando por você!

E tem lugar, esperando por você!

Para sentar, esperando por você!

A barca está, esperando por você!

Para partir, esperando por você!

Jesus está, esperando por você!

Com um sorriso, esperando por você!

A caminhar, esperando por você!

Com a multidão, esperando por você!

A sua mão, esperando por você!

A acenar, esperando por você!

Chamando o vem, esperando por você!

De coração, esperando por você!

Quem é que vai?

³⁹ Nas procissões, as músicas cantadas, geralmente, são hinos (mais conhecidos pelos frequentadores mais velhos, como o hino em louvor ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes) e os cânticos, que se manifestam em forma de coro, mais atuais, de diferentes cantores e bandas, e mais conhecidos pelo público mais jovem, o que faz com que esses sejam mais comuns durante o percurso.

Essa canção ilustra bem o convite do Senhor Bom Jesus dos Navegantes aos devotos e frequentadores em geral a participarem da Procissão, da caminhada, da comunhão e embarcar na sua grande barca que, ideologicamente, os aguarda às margens do São Francisco. Palavras como: “*caminhar*”, “*lugar*”, “*sentar*”, “*partir*”, “*acenar*”, “*sorriso*”, “*coração*”, “*mão*”, “*multidão*”, “*esperando*” e “*juntos*”, mantêm intrínseca relação com a Procissão, levando a crer que a canção foi particularmente composta para a Festa.

A “barca imaginária” tem lugar para todos: mendigos, ricos, homens, mulheres, crianças, sejam eles visitantes ou penedenses, criando uma unidade social que, mesmo caracterizada pela efemeridade do espaço temporal, causa um estreitamento nas relações passageiras que se desdobram durante o cortejo, ressaltadas, sobretudo, pelo próprio espaço apertado das ruas de Penedo.

Retomando os ensinamentos de Lefebvre, a Festa em Penedo tem caráter “inquietante” trazendo à tona a sua essência, a produção das relações sociais. Ela é fundamental para o curso da vida em Penedo e como assevera Lefebvre “os signos do urbano são os signos da reunião: as coisas que permitem a reunião (a rua e a superfície da rua, pedra, asfalto, calçada etc.) e as estipulações da reunião (praças, luzes etc.)” (2008b, p. 109). Então, se a proposta deste trabalho é analisar antropologicamente a interação dos devotos com o santo, é oportuno pontuar a relação dessas pessoas com a própria Penedo.

Agora o santo está na frente de sua casa – a Igreja Santa Cruz – preparado e enfeitado, o dono da Festa é aplaudido, reverenciado, elogiado e admirado pelas várias pessoas que o cercam. Ele é fotografado, detém todos os olhares e muitos são os que querem estar à sua frente para ter uma visão privilegiada de seu corpo, agora numa posição de mais destaque, ornado.

O barulho da sirene do carro de bombeiros hoje não é aquele barulho de emergência dos dias comuns para salvar ou socorrer alguém, mas um barulho para anunciar que quem está no carro hoje é uma figura ilustre. E vamos abrir caminho porque Jesus vai passar!

Quando todos menos esperavam, aparece um carro menor trazendo Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, mãe de Jesus. O tema da Procissão de 2016 foi “Ó Bom Jesus dos Navegantes com Maria protege nossas famílias”, isso justificou a presença da mãe de Jesus na Procissão. O público igualmente a saudou com muita euforia e empolgação.

Tudo pronto para a partida. O relógio marcava 16h:50min, quando o cortejo teve início. O Senhor Bom Jesus foi colocado na frente, seguido de Nossa Senhora do Rosário. Eram mãe e filho em desfile pelas ruas da cidade.

3.3 Percorrendo caminhos

O santo não trafegou normalmente pelas ruas de Penedo por conta das bandeirinhas e da baixa fiação elétrica, uma vez que, no carro dos bombeiros, ele ficou bastante alto. Então, foi preciso que um soldado ficasse com uma vassoura, o tempo todo, erguendo bandeiras e fios para lhe dar condições de passagem. Isso atrasou muito a Procissão. Quando o percurso fluvial teve início, já era noite.



Figura 44: O santo no carro dos bombeiros

Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Pelas ruas, por onde a Procissão passava, as pessoas saíam às portas para vê-la. Havia uma verdadeira multidão. O santo era saudado com fogos de artifícios. Era muito comum ver imagens de santos em mesinhas enfeitadas ou nas janelas com flores e velas. Simplesmente não era possível ver o final da Procissão, tamanho era o número de seguidores. Nas ruas estreitas, as pessoas se apertavam, havia muita competição para ver quem ficava mais perto do santo.

A Procissão seguia num trajeto preparado para tal. Um imenso tapete vermelho guiava o percurso. Em alguns trechos, havia pétalas de rosas espalhadas pelo chão. Por onde o santo passava, era muito aplaudido. Em tempos de tecnologia em alta, as selfies se tornaram uma constante durante todo o caminho. E quantas fotos!⁴⁰

Era comum ouvir os carros buzinares em saudação à Procissão e reverenciando o santo. Vi homens saudando o santo retirando seus chapéus em sinal de honra e benevolência ao *Bom Jesus*, e mulheres com a mão no peito rezando com o olhar fixo no santo. Os fiéis, com aqueles gestos, demonstravam sua devoção e respeito pelo *Bom Jesus*. Pessoas vestidas

⁴⁰ Após a Procissão, é muito comum vermos nos sites de notícias e nas páginas pessoais das redes sociais as várias fotos e vídeos dos participantes da Procissão e da festa como um todo. Isso demonstra que a Procissão permanece viva durante muito tempo no meio digital não se encerrando com o retorno do santo para a igreja.

de branco e tantas outras descalças seguiam a Procissão de forma compassada, e assim o campo se construía e se revelava através da manifestação de atos rituais.

A cor branca se constituiu num dos símbolos dominantes na Procissão. Os lenços brancos que esvoaçavam no ar, a chuva de papel picado branco que fora derramada sobre o santo em determinado momento do percurso, as várias pessoas vestidas de branco que seguiam a Procissão, muitas pagando suas promessas, as infindáveis bandeirolas brancas suspensas por sobre o santo amarradas em filas nos postes, mantinham estreita relação com as toalhas também brancas trocadas no altar da igreja nos três dias que antecediam a Procissão, como mencionado anteriormente, além de produzirem, aliados ao coro e coreografias propiciados pela música que vinha do trio elétrico, um estado de *communitas* na Procissão (Turner, 1974).

As cores nesse espaço ritual: azul, vermelho, com predominância para o branco, que funciona como um empuxo para o desenrolar da Procissão, trazem à tona as percepções de Victor Turner acerca da cromoterapia nos rituais *Ndembu*, sendo que elas eram estímulos para obstruir conflitos e apaziguar tensões, provocando uma regularidade nas relações sociais. O autor declara que “por detrás do símbolo da alvura, encontram-se, pois, as noções de harmonia, de continuidade, de pureza, do manifesto, do público, do apropriado e do legítimo” (2005a, p. 117).

Em consonância com o que Turner nos apresenta, Lody (2010, p.107) nos diz que o branco no candomblé é a cor de Oxalá, incluindo as indumentárias de seus adeptos e filhos de santo que perfazem os rituais, sendo o fio de miçangas brancas, por exemplo, um símbolo que associa o Orixá à paz, à pureza e à saúde.

Na Procissão dos Navegantes de Penedo, a cor branca agrega um valor que abrange certos significados relacionados com o que está claro, com o que é limpo, com o que é puro e imaculado. Não à toa, as paredes do interior da maioria das igrejas são brancas e, para os membros da Igreja Católica, o branco está muito presente também em suas indumentárias e objetos litúrgicos, tais quais a pala⁴¹, o sanguíneo⁴², o corporal⁴³ e o manustérgio⁴⁴, todos na cor branca.

Nessa perspectiva do branco na Procissão, Turner (1974, p. 86) classifica a água como um símbolo branco relacionado com o “vigor”, a “sorte”, a “bondade” e a “pureza”,

⁴¹ Cobertura quadrangular para o cálice.

⁴² Pequeno pano utilizado para o celebrante enxugar a boca, os dedos e o interior do cálice, após a consagração.

⁴³ Pano quadrangular de linho com uma cruz no centro; sobre ele é colocado o cálice, a patena e a âmbula para a consagração.

⁴⁴ Toalha usada para purificar as mãos antes, durante e depois do ato litúrgico.

sendo, inclusive, responsável pela limpeza dos espaços sagrados. Nessa via, cito a água benta chuvejada pelos párocos sobre os fiéis durante a Procissão e também as águas do Rio São Francisco, que recebem o santo e os devotos.

A água, enquanto um símbolo branco, no dizer de Turner (2005a, 116), está ligada com a purificação, livrando o corpo das impurezas e da sujeira, do ponto de vista biológico; no entanto, se pensarmos o percurso em procissão pelo rio como um movimento de renovação, de alteração de um *status* ou condição, veremos que ela contribui especialmente para o fortalecimento das crenças no sagrado, fazendo com que as pessoas deixem para trás aquilo que não foi bom durante o ano que passou e criem novas expectativas para o novo ano. Logo, o fato de a Procissão em Penedo acontecer em janeiro, muito próxima ainda à virada do ano, contribui bastante nesse sentido.

No jeito de se vestir e de se comunicar, percebia-se um apelo através da cor branca, que, como sabemos, é usualmente utilizada em sinal de paz. Ainda pude perceber um grupo de crianças que aguardavam na frente de uma creche, todas segurando balões brancos. Essa combinação, embora não predeterminada, trazia consigo algo extremamente significativo, que não deixava de explicitar a experiência de devoção para com o divino. Essa série de acontecimentos/atos rituais é assinalada por estímulos sensoriais, fundamentais na relação com o sagrado. A sinestesia da caminhada na Procissão dos Navegantes confirmava muito do que eu estava presenciando/observando.

Cheiro de vela queimando, remetia a cor branca. Estouro dos fogos, era o sinal e sequenciava os gritos de “*Viva o Bom Jesus!*” Menininho chorando na frente de casa, mãe dizia “*Se cale que o Bom Jesus já vem ali!*” Bom Jesus passando, senhora da janela dizendo à vizinha “*Óia, só, chega tô me arrepiando!*” Sirene do carro de bombeiros, atenção! Muita atenção! Porque o Bom Jesus vai passar.

Essa profusão de sons e ruídos aliada ao som do trio elétrico, onde o cantar perguntava cantando “*Quem é que vai nessa barca de Jesus?*” e a multidão respondia “*Eu vou, eu vou!*”, fez-me lembrar das famosas micaretas da Bahia, com seus coros sincronizados e ensaiados, revelando um jeito bem interativo de se relacionar com o divino.

O santo seguia imponente confirmando a sua presença em cada casa frente a qual ele passava, em cada esquina que ele dobrava, e quanto mais a Procissão avançava, no caminhar, no seguir, passo a passo, rumo ao destino já conhecido (o rio), mais aquelas pessoas se espremiavam e insistiam em não perder o santo de vista. Numa marcha embalada pelo som do trio elétrico, no dizer de Perez (2010) “em sequências ordenadas e sistemáticas de deslocamento, com necessário investimento corporal, implicando sempre um percorrer de

caminhos, avançando em busca de algo e acreditando em algo, na procura de um encontro” (p.9, grifo nosso).

Não existe distância entre aquele que crê e o santo. Exemplo disso foi o que me relatou o *Seu Damião*, 61 anos, que seguiu a Procissão inteira com a mão direita tocando o carro dos bombeiros. Perguntei a ele se não estava cansado, e ele sorridente me respondeu: “*De jeito nenhum, como não posso tocar Nele, no Bom Jesus, seguro no carro, que tenho certeza que é a mesma coisa de tá segurando na Sua mão. Ele me abençoa do mesmo jeito*”.

Apressada, segue uma senhora. Adianto o passo para alcançá-la e ter com ela alguma conversa. O que me fez segui-la foi uma bíblia dourada em suas mãos. A princípio, ela estranhou a minha abordagem, mas, então, mostrou-se disposta a conversar. Falou-me do motivo pelo qual estava ali:

Sempre que posso venho a Penedo pra Procissão. Tenho um histórico de depressão muito forte e vivo à base de remédios. Há um tempo fiz promessa pro Senhor Bom Jesus me curar. Ainda não fui atendida, mas tenho muita fé Nele e em Nossa Senhora que a minha cura vai chegar. Precisa ter paciência, né? Vir pra Procissão e pedir, mas pedir acreditando que nós vamos ser atendidos. A fé só pela fé não vale. Não adianta eu ficar só em casa e não vir aqui fazer a minha parte também acompanhando a Procissão, né?

(Carmelita Gonçalves dos Santos, 55 anos, dona de casa, Campo Alegre/AL)

A doença de *Dona Carmelita* teve início com a morte em um acidente de moto do seu filho mais velho. Desde então, são várias idas e vindas a psiquiatras. A bíblia em sua mão foi presente de uma de suas três filhas, que ela gostaria muito que estivessem também com ela na Procissão. “*Mas estão todas espalhadas. Tem uma em São Paulo, outra em Minas Gerais e a outra tá em Sergipe. E eu vivo sozinha e Deus*”.

O relato da *Dona Carmelita* é importante porque nos faz pensar na necessidade que alguns fiéis têm de compartilhar o momento da Procissão com os seus familiares, muitas vezes distantes, como no seu caso. E é interessante porque ela não espera que o santo/a divindade venha até ela. Ela também faz a procura.

Conversas murmuradas, cochichos, olhares concentrados, cantorias, rezas. Ruas com casas de frente praticamente iguais e do mesmo tamanho e no mesmo estilo – paredes com pedra de mármore antigo.

O percurso terrestre já estava bem adiantado, quando encontrei Jorge, um rapaz de 22 anos, ajoelhado num recanto de parede, enquanto a Procissão passava na frente de sua casa. De olhos fechados, cabeça baixa e parecendo bem compenetrado. Parei por um instante e quando ele ergueu a cabeça perguntei se poderia falar com ele. Ele disse que sim. Quis saber se ele poderia me dizer o que estava dizendo em suas preces naquele momento.

Eu estava pedindo para o Senhor Bom Jesus tocar no coração do homem pra que a gente possa viver sem violência. Há uns anos um irmão meu foi morto num assalto e foi um acontecimento muito triste na nossa família. Então, eu disse a ele: Toca Senhor Bom Jesus no coração do homem. Em Teus pés, deposito todas as minhas súplicas e angústias. Atende, Senhor, o pedido do meu coração.

A perda através da morte, como no caso da *Dona Carmelita*, também foi o que uniu Jorge ao *Bom Jesus*. A casa de Jorge ficava bem próxima à entrada que dava acesso ao Rio São Francisco, por onde todos passariam em direção às margens do rio para o percurso fluvial. Jorge me disse que da casa dele em diante ele seguiria a Procissão ajoelhado – promessa que tinha feito. Seus joelhos ficavam feridos e ensanguentados, mas, segundo ele, “*Valia o sacrifício*”.

Da janela da casa de Jorge, via-se um pequeno altar montado logo na entrada da casa, com vários santos, como de costume em várias casas de cidades do interior. Penedo não fugia à regra, principalmente naquele dia. Dia da Procissão. Dia de arrumar o altar, pôr panos limpos, enfeitar com flores e acender velas, como me disse Jorge: “*É uma maneira de mostrar que Deus está mesmo entre nós*”, confessou ele.

A Procissão passava, não podia me demorar muito na frente da casa de Jorge. Mesmo assim, ele me convidou para comer um doce de leite. E, quando menos esperei, já estava na cozinha de sua casa. Esse também é um hábito muito comum no interior. Lembro que as pessoas chamavam à porta para conversar com a minha mãe e ela gritava: “*Entre!*”. E lá na cozinha, regada a um cafezinho passado na hora, se dava a conversa. Por isso, acho que a cozinha seja um lugar central na casa que supera em muito a sala de estar, onde, na verdade, ninguém nunca está.

Na cozinha de Jorge, Nossa Senhora das Graças de braços abertos em cima de uma mesinha do lado do fogão. “*É para que nunca nos falte o alimento, por isso Ela fica aí do lado do fogão*”. Um copo d’água benta do seu lado, um vasinho com duas flores enormes, uma azul e a outra branca, que combinavam com o véu da santa. Percebi um embrulho do lado da santa. Era um presente, com fita azul e papel prateado que, segundo Jorge, ficava ali apenas para enfeitar a mesinha, mas que na verdade era uma bíblia. “*Nossa Senhora sempre nos presenteia com a palavra. A bíblia é como um presente pra nós*”.

E ali, na normalidade de sua cozinha, estavam o isqueiro para acender o fogo do fogão, a conta de luz pregada com um imã na geladeira, o óleo *Salada* em cima da pia, o relógio pendurado na parede, um frango que fora deixado às pressas descongelando para ver a Procissão. “*Foi a minha mãe que deixou ele aí e correu lá pra fora*”.

Jorge veio para Penedo aos 8 anos de idade. Nascido em Arco Verde/PE, trabalha como operador de caixa num supermercado da cidade. Com a morte do irmão, a quem era muito apegado, disse que não teve outra alternativa, a não ser “...se pegar com Deus...”. Dedicou-se à igreja, frequentando semanalmente as missas, fazendo a confissão, recebendo o Corpo de Cristo.

Assim, conseguiu “aliviar” a dor da perda. Nesse caminho, atribui toda a força que conseguiu a Nossa Senhora das Graças e ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes, aos quais rendeu inúmeros agradecimentos no decorrer de nossa conversa.

A mãe de Jorge chama de fora: “*Vem, Jorge!*”. Está na hora de ele pagar a sua promessa: acompanhar a Procissão de joelhos até a entrada do Porto das Balsas, a uns 100m dali. Como o doce, tomo um copo d’água bem gelada, que me é servido num copo de extrato de tomate. E vamos embora!

Jorge se ajoelha na calçada de sua casa, faz uma oração e se benze. Com uma pequena imagem do Senhor Bom Jesus numa mão e de Nossa Senhora das Graças na outra, começa a sua peregrinação. Respeitei o seu momento e atendendo a um pedido seu, não o fotografei. Rodeado de familiares, vizinhos e curiosos, ele segue o seu destino rua afora.

A Procissão inclui tudo e todos; a casa do rico e a casa do pobre, como a de Jorge. A casa que, segundo ele, nunca nega uma esmola a ninguém. Confesso que de onde eu esperava pouco, veio muito: a acolhida e a atenção que ele me dispensou.

Quando o avistei de longe ajoelhado rezando, achei que aquela seria apenas mais uma passagem, mas aquele momento me revelou muito mais que isso. As ações de Jorge me mostraram o que é viver a comunhão com o Senhor Bom Jesus. A autodoação, o entregar-se à sua fé no santo, como forma de superar suas dificuldades reconhecendo a presença de Deus em sua vida.

O fim do percurso terrestre se aproximava e agora uma multidão se juntava às margens do Rio São Francisco. Já eram 6 da noite quando a Procissão atingiu a beira do rio, que, a essa altura, já estava tomada de pessoas. Todos aguardavam o início do percurso fluvial. As embarcações já estavam apostas esperando o santo.

3.4 A chegada ao rio

Nessa hora, as embarcações começaram a buzinar. O som estridente da buzina das balsas juntou-se à sirene do carro dos bombeiros produzindo um clima de apreensão para a chegada do santo ao rio.

As pessoas agora se concentravam às margens do São Francisco na expectativa de verem o santo sendo embarcado. No relógio, 18h:15min.

O momento do encontro do santo com o rio é realmente emocionante. “*O rio que não tem peixe*”, como diz o pescador Celso Marcos da Silva, 37 anos, que amarga com a falta do seu sustento e da sua família. “*Não vejo a hora de ver esse riozão com uma cheia pra ter peixe pra gente pescar*”. Desejo esse muito comum entre os pescadores em Penedo.

Algumas alternativas foram encontradas para amenizar a precariedade do rio e trazer esperanças para o Celso Marcos, pelo menos enquanto a cheia não vem, como foi o peixamento⁴⁵ realizado na Festa dos Navegantes de 2012. A atividade foi incluída na programação festiva do Senhor Bom Jesus daquele ano como forma de repovoar o rio, sendo uma das ações integradoras do Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica realizado pela Superintendência Regional da Codevasf em parceria com a Prefeitura Municipal de Penedo.

Foram cerca de 1 milhão de alevinos⁴⁶ das espécies xira, piau, matrinxã e piaba soltos em pontos estratégicos do rio, segundo informação do superintendente regional da Codevasf em Alagoas, Antônio Néelson de Azevedo. Em entrevista concedida ao programa Globo Rural da Rede Globo, edição de 9 de janeiro de 2012, ele afirmou que

o repovoamento do Rio São Francisco com espécies nativas na tradicional Festa de *Bom Jesus* é um compromisso da Codevasf com a revitalização da bacia hidrográfica. É também uma ação de educação ambiental que aproxima a população do processo de revitalização do rio. Com esse peixamento, o Rio São Francisco começa 2012 com mais vida, mais alimento para a população e a possibilidade de geração de renda para milhares de famílias ribeirinhas.

Os participantes das festividades do Senhor Bom Jesus daquele ano puderam acompanhar o peixamento, como foi o caso de Maria Aparecida Ventura, que veio de

⁴⁵ Os alevinos inseridos pela Codevasf nas ações de peixamento são produzidos no Centro Integrado de Recursos Pesqueiros e Aquicultura de Itiúba (Ceraqua São Francisco), centro tecnológico da Codevasf situado no município alagoano de Porto Real do Colégio. O Ceraqua São Francisco atua com produção de ciência e tecnologia para aplicação no Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, entre elas a reprodução artificial de espécies nativas do “Velho Chico” para repovoamento no rio e seus afluentes. O centro tecnológico possui gestão compartilhada da Codevasf com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), Embrapa, Governo de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Para a realização do peixamento, a 5ª Superintendência Regional da Codevasf em Penedo (AL) contou com o apoio da empresa Fluvial Tupan do Baixo São Francisco, que cedeu gratuitamente o uso da balsa que realiza a travessia entre Penedo (AL) e Neópolis (SE). Fonte: <https://www.codevasf.gov.br/noticias/2012/peixamento-na-festa-de-bom-jesus-dos-navegantes-em-penedo/> Acesso: 20/09/2017.

⁴⁶ Designação dada aos peixes recém-saídos do ovo e que já reabsorveram o saco vitelino ou, no caso dos ovovivíparos, como os lebistes, logo após o nascimento.

Arapiraca/AL para participar da Festa religiosa e ficou curiosa para conhecer como aconteceria o peixamento. *“Nunca tinha participado desta iniciativa, mas a Codevasf está de parabéns pelo trabalho. O rio e os pescadores devem estar bastante agradecidos”*, afirmou.

O engenheiro agrônomo Geraldo Lopes também veio a Penedo para participar da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e aproveitou a estadia para acompanhar o peixamento realizado pela Codevasf. Ele se mostrou satisfeito com os resultados gerados pelas ações de peixamento desenvolvidas pela Codevasf ao longo do Rio São Francisco e de seus afluentes. *“Vejo ações como essas como muito importantes para valorizar a relação das pessoas com o rio. Daqui muitos tiram sua renda e seu alimento e quando a população participa da soltura dos peixes no rio, elas sabem que estão inserindo vida aqui e se comprometem com a proteção dessas águas”*, declarou.

Contudo, em virtude das péssimas condições do rio, sobretudo o assoreamento que provoca grandes bancos de areia que podem ser vistos até mesmo quando o rio está mais cheio, muitas daquelas espécies não conseguiram se reproduzir por causa do baixo volume de água, o que justifica a fala do pescador Celso Marcos anteriormente reproduzida.



Figuras 45 e 46: Peixamento no Rio São Francisco na Festa dos Navegantes de 2012
Fonte: Site de Notícias Aqui Acontece – Acesso: 02/09/2017

A Procissão de 2012 também foi marcada por protestos contra a transposição do Rio São Francisco em favor de sua revitalização. Pessoas vestidas de preto entraram em contraste com o tom habitual do branco. Aquele mesmo local no qual me encontrava agora diante de tanta agitação e barulho foi cenário de um silêncio funesto quando foi levada uma imensa faixa preta simbolizando o luto das comunidades ribeirinhas pela situação do rio com a seguinte frase: *“Se o rio secar, o que vamos festejar?”*.

Tal situação foi importante pela oportunidade para protestar em defesa do rio e também para pensarmos a Procissão não só como um espaço de festa, de alegria e de convívio fraterno, mas também de manifestações sociais que demonstram a insatisfação da população

penedense pela forma como o rio vem sendo explorado nos últimos anos, a exemplo da própria transposição, que desvia suas águas para várias barragens da região. Opiniões à parte, não entraremos no mérito da transposição por este não ser objetivo deste trabalho.



Figuras 47 e 48: Protestos na Procissão de 2012 em defesa do Rio São Francisco
Fonte: Site de Notícias Aqui Acontece – Acesso: 01/09/2017



A verdade é que o homem mantém extrema relação com o rio em Penedo. Isso é perceptível pelos relatos dos pescadores que apresentei ao longo deste trabalho e pelas manifestações populares em sua defesa como mostrado há pouco. Nesse sentido, a ligação do Senhor Bom Jesus com o rio é fortíssima.

José Salles, poeta e bom entendedor do folclore da região, demonstra no seu poema “Senhor dos Navegantes”, a relação de fé que se constitui na tríade *homem - Senhor Bom Jesus – rio*, o qual diz o seguinte:

Meu Bom Jesus
 Que tanto navegou por este rio
 No mais caudaloso caminho que a natureza nos deu

Por Deus, tende compaixão dessas cidades
 Que as suas margens fizeram florescer
 Num mundo de esperança tão real
 No peixe farto e frutos no quintal

Olha com carinho a sua gente
 Sede clemente com os pobres sofredores
 Que nessas águas viveram seus amores
 E nas procissões exaltaram seu fervor

Segue o olho grande da maldade
 Que hipnotiza com a força da ilusão
 Antes que a sede nos devore
 Pois só padece quem não acorda pra razão

Vem, meu Bom Jesus dos Navegantes
 Fortalecer a nossa união
 Volta a desfilar por essas águas
 O São Francisco é a nossa salvação
 Pois um castigo a mais seria a nossa morte
 E se erramos, que nos dê o Seu perdão

Singra o São Francisco altaneiro
 Que por inteiro nos devolve esse chão
 De água doce que sacia a nossa sede
 E a esperança da nossa redenção

No poema, é demonstrada a relação de dependência do homem com o rio permeada pela esperança de que ele nunca deixe de prover o seu sustento, relação esta elevada pela fé no Senhor Bom Jesus, que se manifesta nas procissões em suas águas.

A interferência e importância do Rio São Francisco na região, cercado de pedras calcadas sobre as quais foram construídas casas, prédios e igrejas, com suas paredes e muros cobertos de história, fazem de Penedo o resultado do enfrentamento de diversos elementos

que terminam por se completar, onde a fé do homem, do povo, manifesta-se, principalmente, através da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.



Figura 49: Embarque do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em 2017
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Penedo/AL – Acesso: 05/10/2017

A Marinha tem fiscalizado o excesso nas embarcações no dia da Procissão. Há muito tempo que esse controle vem sendo feito, principalmente em virtude das condições do rio. Por essa razão, nos últimos anos, criou-se um crachá de acesso às balsas.

O crachá é entregue apenas a uma parcela privilegiada da cidade de Penedo, isso inclui os membros da Igreja Católica, autoridades políticas, empresários penedenses, alguns devotos do Senhor Bom Jesus, como a *Dona Terezinha*, sobre quem já conversamos, e, por último, pessoas ligadas a movimentos da igreja, como coordenadores de eventos, integrantes do movimento carismático, e outros escolhidos entre a comunidade que, direta, ou indiretamente, contribuíram para a realização da festa.

A grande massa de frequentadores fica fora desse momento. Antigamente, quando não existia o crachá, o santo era embarcado e, imediatamente depois, uma multidão seguia para as balsas, que saíam completamente cheias de pessoas, mas também a situação do rio era outra.



Figura 50: Balsa na Procissão de 1988
Fonte: Fundação Casa do Penedo



Figura 51: Balsa na Procissão de 2016
Fonte: Site da Prefeitura de Penedo/AL

Depois de uma longa caminhada no percurso terrestre, momento em que todos estavam em plena interação com o santo, percebi como que uma ruptura desse diálogo religioso entre os fiéis e o santo. Pude notar no semblante daquelas pessoas a alegria em ver o *Bom Jesus* indo para as águas, para dar a Sua benção protetora, mas, ao mesmo tempo, a tristeza por não puderem prosseguir na Sua companhia daquele ponto em diante.

Por outro lado, o crachá se constituía num símbolo em ação promovendo a separação entre os devotos e o *Bom Jesus*. Na metodologia da análise simbólica de Turner (2005a, pp 50-56), como um elemento concreto, em sua materialidade, o crachá tinha um uso relacionado com a promoção da ordem e organização na Procissão. No curso da ação, ele foi oferecido a pessoas específicas que, entre os devotos, tivessem mais aproximação com o santo ou um envolvimento maior com a preparação da Festa.

Assim, num primeiro nível analítico ele corresponde a um símbolo com critério lógico: organizar; num segundo nível, de interpretação mais nativa, ele revela-se como um objeto “para todos” indistintamente; num terceiro nível, teremos a discrepância entre a forma como o crachá circula – a ação observada – e a interpretação dos devotos, pois para estes deveria haver a união, mas da ação simbólica emerge uma série de clivagens e diferenciações. Na interação entre os devotos e o santo, surge o crachá, que agora tem papel dominante no campo, passando a ser o foco primordial através do qual se dá a interação.

Em nome da ordem e do bom senso aquele objeto cumpriu com o seu papel de promover a organização. Ele se colocou entre os fiéis e o santo assumindo posição de destaque.

Parecia irônico: o cantor, puxador do trio, cantava “*Quem é que vai nessa barca do Senhor?*” e a grande multidão respondia “*Eu vou, eu vou!*”, quando, na verdade, nós sabíamos que eles não iriam. Depois, refleti melhor sobre aquela situação e compreendi que, embora eles de fato não fossem na grande balsa, eles iriam, espiritualmente, na pequena barca do *Bom Jesus*, que trazia a escritura “Rei dos Mares” e, metaforicamente, tinha espaço para todo mundo. Era um embarque espiritual junto Daquele que tinha um coração que comportava cada um daqueles fiéis.

O percurso pelas águas do São Francisco foi iniciado. Em toda a sua plenitude o santo abençoou as mais de cinquenta embarcações que o seguiam. Com a sua mão esquerda estendida, que um dia, segundo a história, tinha acalmado aquelas águas, o *Bom Jesus* irradiava esperança, renovação e paz. Ele foi recebido com uma rajada de fogos no Rio São Francisco. O céu ficou iluminado.

Pelas margens, centenas de pessoas o acompanhavam, agora com um olhar introspectivo.

No Capítulo 2, informamos que o percurso fluvial da Procissão de 2016 se resumiu a uma volta em frente à cidade de Penedo; mediante a vazão do rio, a Procissão de 2017 teve um percurso maior chegando a Santana do São Francisco em Neópolis.

No trajeto da Procissão fluvial de 2017, tive a oportunidade de navegar pelo São Francisco, o que não havia acontecido em 2016 por não ter conseguido o referido crachá. Naquele ano, tinha mantido contato dias antes com a *Dona Mariza*, que me prometera um. Passei o dia todo tentando obtê-lo, mas na última hora descobri que estava sendo enrolado por alguns membros da organização. Aquela foi uma grande frustração no campo; porém, percebi que poderia tirar grande proveito daquela situação, pois só pude refletir sobre os que ficam às margens do rio, justamente porque fiquei.

Mas lá estava eu, na Procissão de 2017, percorrendo o rio num catamarã da agência Opara, na companhia de pessoas que me receberam muito bem. Entre essas pessoas, estavam devotos do Senhor Bom Jesus, que cantavam e rezavam muito, além do pessoal da imprensa, como repórteres e radialistas.

Pessoas sorriam e acenavam para conhecidos seus lá do outro lado. Outras agitavam fitas coloridas. Mas a salva de fogos foi muito comum em praticamente todo o percurso fluvial. Por onde passavam, as embarcações eram bastante aplaudidas e saudadas pelas populações ribeirinhas.

Ouvia-se o som da Banda Musical da Sociedade Penedense, que então substitua o trio elétrico. Tocando clássicos da música católica, a banda conduzia a Procissão fluvial com um fundo musical típico das festas de padroeira de cidades do interior.

E deslizam as embarcações nas águas do “Velho Chico” num momento para se guardar na memória.

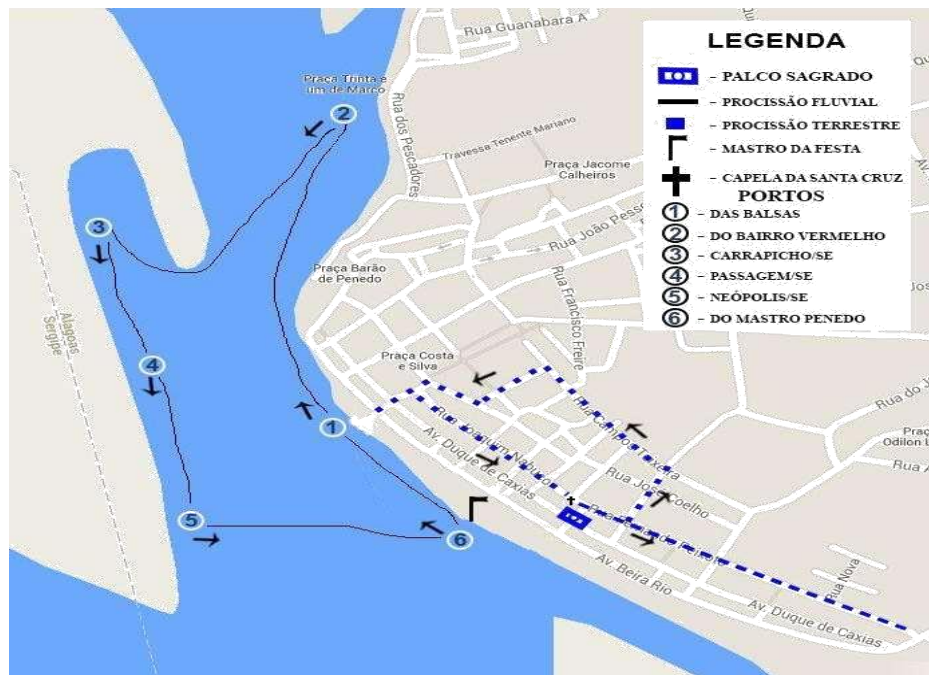
Ao chegarmos a Carrapicho, povoado de Santana do São Francisco/SE, cidade ribeirinha famosa por suas obras em cerâmica, muitos fogos e aplausos ao Senhor Bom Jesus. Lá estavam moradores daquela região que de longe corriam acompanhando a Procissão, que se deslocava pelo rio.



Figura 52: Fogos para o Senhor Bom Jesus em Carrapicho/SE
Fonte: Acervo do pesquisador - ETJ

Na chegada ao morro do Aracaré, mais fogos e vários acenos de quem estava em terra. Neópolis estava próxima e ali a Procissão faria a volta para retornar a Penedo. A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, em seu percurso fluvial, estreita mais ainda os laços dos religiosos e seguidores do *Bom Jesus* promovendo a aproximação dos devotos com aqueles outros que não puderam ir a Penedo. Assim, a Procissão chega até essas pessoas pelo rio, dando-lhes a oportunidade de interagir com o santo e com ele ter o seu momento de bênção, ampliando o sentido de *communitas* estabelecido por Turner (1974).

O mapa abaixo ilustra os percursos terrestre e fluvial da Procissão em Penedo:



Mapa 04 : Percursos terrestre e fluvial da Procissão em Penedo
Fonte: GUIMARÃES, E.V.C. 2013

3.5 O retorno

De volta a terra, a chegada daqueles que participaram da Procissão fluvial é comemorada por aqueles que ficaram à espera no Porto das Balsas de Penedo. Mais aplausos e fogos quando o santo retorna.

O ritual se apresenta, nesse ínterim de ida e volta pelo rio, como um espetáculo regado a muitas fotos, disputas por espaços, melhores ângulos, visões privilegiadas, tudo para que seja possível uma maior aproximação/interação com o santo.

Recordo como Turner (2005a, p. 54) nos convida a refletir sobre esses espaços sagrados. As ruas de Penedo que, então, deram lugar ao rio, sendo esses dois espaços carregados de significados e símbolos balizadores dos papéis dos sujeitos dentro da estrutura social. Símbolos estes, como o crachá, que denotam o que é proibido e o que é permitido interpretados de acordo com as normas do lugar e que mantêm intrínseca relação com os dramas advindos de tais regras.

A Procissão agora volta às ruas para cumprir com o seu roteiro final. Naquele cenário de oposições, e não diferente de como ocorre em qualquer viagem, o panorama da ida nunca é igual ao da volta.

Na Procissão dos Navegantes em Penedo, pude registrar a disposição dos frequentadores para seguir o santo com toda animação e alegria até o fim. O santo é como que mais reverenciado ainda por ter abençoado as águas do rio. E o que no rio ficou, ao ver a dispersão das pessoas dele se afastando, acredito que foi a esperança de dias melhores.

Não poderia deixar de assinalar o vínculo existente entre terra e rio nesse espaço ritual, enquanto elementos de simbolização. A terra e o rio têm fundamental importância no processo de ritualização na Procissão dos Navegantes em Penedo, já que contribuem para a instituição de uma identidade territorial, a qual se relaciona com o *ser penedense*. A coesão e força simbólica da Procissão e da Festa como um todo é tão forte que faz com que a população penedense e grupos ribeirinhos, como afirma Haesbaert (1999, p. 71), reconheçam uma homogeneidade quanto a esse território com o qual se identificam, despertando-lhes o sentimento de pertença.

Entretanto, a coesão do campo apresenta-se ameaçada, quando consideramos a situação desanimadora na qual o rio se encontra e que nos conduz ao questionamento sobre o que será dessa Procissão se algum dia o rio vier a secar. Essa é uma questão que quero deixar em aberto para refletirmos.

O término da Procissão se aproximava. Depois de duas horas de percurso fluvial, quando a Procissão chegou ao palco onde seria realizada a missa campal de encerramento às festividades do Senhor Bom Jesus de 2016, já eram 20h:40min.

A missa teve início sob o comando de Dom Valério Breda e, quando ela terminou, muitas pessoas continuaram por ali, na frente do palco, em adoração ao Senhor Bom Jesus, outras conversando sobre como foi a Procissão.



Figura 53: Missa campal de encerramento da Festa do Senhor Bom Jesus de 2016
Fonte: Arquivo do pesquisador - ETJ

As pessoas aparentavam cansaço. Algumas se sentaram no meio-fio das calçadas, retirando seus sapatos e tênis para relaxar os pés. Havia presenciado a grandiosidade da Procissão. Sentei-me num banco da praça e comecei a ver as fotos que tinha tirado. No meu caderno de campo, várias anotações, algumas delas feitas muito rapidamente em virtude do tempo.

Lembro o que conta Perez (2010) ao finalizar seu trabalho de campo sobre a Procissão dos Passos das Igrejas de Santo Estêvão e de São Miguel, em Alfama, bairro de Lisboa.

Foram dias de intensa atividade de campo, ao fim da qual, além de imenso cansaço de tantos e tantos passos, cada pedacinho do meu corpo doía. Fazer procissão implica um exaustivo investimento corporal. Tive a impressão de que cada pedra das ruas por onde passaram as procissões, na chamada Baixa Pombalina, conhecia meus pés. Daqui resultaram também páginas e páginas de diário, bem como um acervo de mais de 3 mil fotografias. Mais ainda completo deslumbramento e imenso aprendizado. (p.7)

22h:40min, o santo foi recolhido à Igreja Santa Cruz, quando foi oficialmente decretado o fim das festividades ao Senhor Bom Jesus de 2016.

3.6 A Procissão como uma *communitas*

Presenciei em Penedo, no dia da Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, as ruas da cidade se transformarem num templo. Enquanto um ritual, a Procissão se apresentou como uma situação de liminaridade que favoreceu o estado de *communitas*, no qual a religiosidade católica se manifestou.

Dessa forma, o que vi foi a interrupção do cotidiano penedense, para dar lugar às mais diversificadas formas de veneração ao santo, provocando o surgimento de associações que em muito transgrediram a vida remansada da cidade de Penedo.

Nesse dia, a cidade viveu uma experiência de *communitas* produzida quando a Procissão passou de porta em porta, de casa em casa, com o santo abençoando cada morador, cada estabelecimento comercial, cada carro, moto, bicicleta e animal, como foi possível ver quando esses eram colocados no caminho da Procissão com a intenção de seus donos de que o santo também olhasse por eles.

A *communitas* se fez presente quando aqueles, mesmo acamados e enfermos, deixaram suas camas e saíram à porta para ver a Procissão passar, como o *Seu* João Neto, 59 anos, agricultor, que desde muito tempo sofre de problemas de enxaqueca. Com um pano na

cabeça que prendia folhas de laranjeira – remédio ensinado pelos seus avós -, ele veio ao encontro do santo na frente de sua casa e com as mãos na cabeça pediu que o *Bom Jesus* levasse com ele aquela dor; também quando o seu Agripino, 72 anos, chamou-me da janela de sua casa para tomar um cafezinho com bolachas, enquanto a Procissão estava passando pela sua rua, revelando a ausência de fronteiras entre nós dois num momento de suspensão do seu cotidiano.

Como no Carnaval, por onde a Procissão ia passando, ia atraindo a atenção e os olhares das pessoas. Ela convidava à comunhão, provocando um “nós” desprovido de diferenciações diacríticas que se contrapõem no tecido social. A *communitas* revelou-se na Procissão em Penedo quando vi várias pessoas correrem de suas casas para se juntar nas esquinas das ruas para verem-na passar, muitas dessas pessoas estouravam fogos em saudação ao santo.

A *communitas* na Procissão fez com que as pessoas se vissem frente a frente com o santo, sem mediações ou obstáculos que interferissem nessa união, como foi também o caso da *Dona* Margarete da Silva, 44 anos, dona de casa, que, ao ouvir o ribombar dos fogos do fundo do seu quintal, sabia que era a Procissão se aproximando e largou no tanque as roupas que estava lavando, vindo para a rua de avental e toda molhada, “*Só pra ver o Bom Jesus passar!*”, disse-me ela.

Conforme relatado, desde a espera até o retorno da Procissão, vi pessoas interligadas pela fé no *Bom Jesus*. O santo percorreu sua cidade arrastando uma multidão que viveu a *communitas* no encontro com seus pares. No percurso fluvial, ápice da Procissão, vi como ela se intensificou, agora do rio para a terra. Olhei e vi mais de 50 embarcações, entre barcos e catamarãs, que seguiam o santo.

Como nos Giros das Folias, onde a bandeira vai até aqueles que não podem participar do arraial festivo e é recebida em clima de alegria, com rezas e cantorias, estabelecendo a *communitas* por unir os afastados, o que vi foi o santo alcançando também aqueles, das comunidades ribeirinhas em Sergipe, que não puderam ir a Penedo e levando a sua benção até o ponto máximo aonde ele podia ir, chegando, assim, aos mais distantes. Os distantes, agora, não tão distantes, aproximados pela *communitas*.

Segundo Victor Turner (1974, p. 154), Martin Buber é quem melhor define *communitas*. Usando o termo “comunidade”, esse autor nos diz que “A comunidade consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado (e acrescente-se, acima e abaixo), mas umas com as outras [...]”. Turner acrescenta que:

A “*communitas*” irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a “*communitas*” é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes (1974, p. 154).

De acordo com os ensinamentos de Turner, percebe-se que o estado de *communitas* relaciona-se com o tempo e o espaço (“interstícios” e “bordas” da estrutura), sendo, por natureza, espontânea, imediata e concreta, possuindo uma grande qualidade existencial.

Logo, na ocupação do espaço das ruas, agora processional, o tempo era aproveitado por corpos em passos lentos, outros apressados. Corpos que faziam poses para tirar fotografias, sendo que a força daquela experiência liminar e de *communitas* era capaz de unir esses corpos num mesmo lugar. Corpos com identidades distintas que eram diluídas no meio da multidão, gerando uma identidade comum, que, então, era compartilhada como “igreja católica”, os seguidores de Deus.

E esta multidão, embora se movimente na direção de um objetivo, experimenta, no entanto, por toda parte uma virada para os outros, o enfrentamento dinâmico com os outros, uma fluência do Eu para o Tu. A comunidade existe onde a comunidade acontece (BUBER apud TURNER, 1974, p 154).

A divisão desse espaço por sujeitos distintos gerava uma competitividade no campo. A disputa pelas calçadas, portas e janelas, por uma flor, por um aceno, por uma foto, e, principalmente, para acompanhar o próprio santo, na tentativa de alcançar o carro que o transportava, sendo maneiras de avocar uma relação de peregrinação que envolve espaço, tempo, corpo e dimensão coletiva, configurando uma procura caminhante ao sagrado (SANCHIS, 1983, p. 91).

Nessa situação, o espaço do percurso era comum a todos. Todos participavam do ritual num mesmo tempo, o tempo sagrado da *communitas*. O tempo que oportunizava a imersão na maior ou menor “efervescência social”, assim mencionada por Durkheim (1989), quando a *communitas* aproximava os indivíduos, colocando-os em movimento, suscitando um estado, no dizer de Durkheim, “às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso” (p. 428).

Embora Durkheim não desenvolva uma teoria sobre festa, ele contribui bastante para a nossa discussão. Em sua clássica obra *As formas elementares da vida religiosa* de 1912, o autor tece considerações sobre o ritual religioso totêmico na Austrália, assinalando fortes paixões sem controle nas imagens por ele construídas, permeadas por gritos, gestos violentos e bramidos. Assim, num segundo nível, percebemos que a conexão entre festa e ato religioso/ritual estabelecida por Durkheim nos conduz ao conceito de gozo coletivo, muito importante para entendermos a Festa de Penedo.

O *religere*⁴⁷, então, é atingido a partir da aproximação entre festa e ritual, de acordo com Durkheim. Ora, é no espaço da festa que o homem aproxima-se do seu deus com ele estabelecendo vínculos. Uma vez que a festa constitui-se num fenômeno de massa, ela faz com que o homem transponha-se para fora de si indo ao encontro da divindade e pertencendo a um grupo com o qual mantém identificação. A festa engloba um período de confluência em que o conjunto triunfa sobre a unidade.

Outros trabalhos, posteriores ao de Durkheim, também discutem a relação entre ritual religioso e festa, inclusive enfatizando o seu caráter coletivo. Considerando as relações do homem com o mundo, Bataille (1993), por exemplo, diz que “a festa é a fusão da vida humana. Para a coisa e para o indivíduo ela é o cadinho em que as distinções se fundem ao calor intenso da vida íntima” (p. 45).

Esse estado de “efervescência social” em Durkheim, ou seja, do envolvimento desprendido das pessoas quando em coletividade perfazendo ações, tais como: gritos, cantorias, danças, ou mesmo gestos violentos, são perfeitamente perceptíveis tanto num culto afro como numa *rave*⁴⁸ na periferia paulista. As interconexões desses eventos vão além do fato de serem elas de origem urbana ou socialmente marginalizadas.

Portanto, as danças, as palmas, os aplausos, os assovios, os pulos seguindo o trio elétrico, os gritos de “*Viva o Bom Jesus*” durante a Procissão, tudo remete a ideia de “efervescência social” apontada por Durkheim. A cidade é o lócus da Procissão, o que vai caracterizar a sua fruição, compreendendo um momento urbano coletivo, momento este que deve ser aproveitado pelos sujeitos. Está claro que a Procissão dos Navegantes em Penedo corresponde a uma porta aberta para a construção de sociabilidades, através do encontro entre as pessoas, da cooperação entre os diferentes e a interação destes com o sagrado.



⁴⁷ RELIGIÃO - Vem do termo latim "religere" - o homem estava separado de Deus e, uma vez reconhecendo seu pecado, precisava de algo que o ligasse novamente a Deus - que o religasse. Daí o termo religare - religião.

⁴⁸ Rave é um tipo de festa que acontece em sítios (longe dos centros urbanos) ou galpões, com música eletrônica. É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, onde DJs e artistas plásticos, visuais e performáticos apresentam seus trabalhos, interagindo, dessa forma, com o público. O termo "rave" foi originalmente usado por caribenhos de Londres em 1960 para denominar sua festa local. Em meados da década de 80, o termo começou a ser usado para descrever uma cultura que cresceu do movimento "acid house" de Chicago e evoluiu no Reino Unido Hoje em dia existe outra denominação que caracteriza Rave de pequeno porte, conhecida como PVT ou seja, "private" (festa privada), na qual a maioria das pessoas que comparecem são convidados e convidados dos convidados, sendo realizados também em sítios, chácaras ou outros lugares ao ar livre. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei compreender com este trabalho a experiência de devoção dos frequentadores da Procissão dos Navegantes com o Senhor Bom Jesus, através da sua interação com o santo. Para isso, foi preciso imergir no cenário da Festa em Penedo, (re)descobrir seus espaços, seus moradores, sua cultura, suas características, e por que não dizer, o seu funcionamento.

No decorrer dessa “viagem”, deparei-me com situações que em muito me ajudaram a crescer como estudioso, pesquisador, ser humano e, também, devoto de Santa Luzia. Junto com os seguidores da Procissão dos Navegantes em Penedo, percorri caminhos, conheci pessoas e lugares, aprendi com a experiência dos mais velhos. Assim, como nos chama a atenção Perez (2010, p. 3), “[...] Fé na procissão, conhecimento na pesquisa, mas em ambas o gesto fundamental é o da relação, daquilo que liga, do que faz corpo”. O corpo que, como discutido neste trabalho, faz um só. Por isso, hoje sou parte daquela Procissão, daquele lugar, daquela gente.

Na acepção de Mary Douglas, diríamos que a Procissão dos Navegantes, enquanto um ritual, “pode vir, primeiro, formulando a experiência. Pode permitir o conhecimento de algo que, de outra maneira, não seria conhecido. Não exterioriza a experiência, trazendo-a para a luz do dia, mas modifica a experiência, expressando-a” (2012, p. 82).

Pelo que nos ensina a eminente autora, a Procissão dos Navegantes em Penedo é uma forma de fazer representar-se através da experiência com o divino e, nesse trajeto, ela ajuda a manter viva a devoção ao Senhor Bom Jesus mostrando que, cada vez que Ele sai da igreja e vem às ruas da cidade, Ele vem anunciar a partilha da fé pelo povo de Deus, e lembrar ao homem que Ele está sempre olhando por todos. Isso, talvez, não estivesse tão explícito se não houvesse uma Procissão em sua homenagem.

Alegria, cansaço, esperança, incerteza, angústia, choro... Ah! O choro. O choro do *Seu Manuel*, que me fez “revirar” na pesquisa e sair em busca de mais respostas. Que me fez ver que pesquisar não seria tão fácil quanto eu talvez pensasse e, como ele me revelou, só ele sabia o que era “acompanhá” o *Bom Jesus*.

Hoje, após finalizar a minha pesquisa, entendo mais o que o *Seu Manuel* quis dizer com isso. Na relação com o Senhor Bom Jesus, é preciso rezar, confiar, ter uma imagem do santo em casa, preparar-se todos os anos para a Procissão e, acima de tudo, ter consciência de que Jesus quer ser seguido, ou como diz o *Seu Manuel*, acompanhado. Ele quer a prática

religiosa manifestada pela frequência à missa, pela confissão, pela oração, pelo dízimo, pela caridade, ou seja, uma vida como devotos praticantes e não apenas católicos no nome.

Logo, para aquele homem simples em suas palavras, em seus gestos, em sua sabedoria - e aqui coloco *simples* por causa da sua humildade -, “acompanhá o Bom Jesus” era estar com Ele, acreditando na Sua força, nos Seus desígnios, no que Ele tem a oferecer que, na forma como ele acreditava, seria o melhor.

Com vistas a uma análise antropológica, constatei que a relação de devoção ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo sustenta-se em um mito alicerçado por uma crença: a presença de Jesus na imagem, que tem na promessa o sacrifício para o santo.

Relação essa, que ao som de “Ida”, a canção da barca, fica mais evidente, na junção de corpos que se complementam provocando um estado de *communitas* (Turner, 1974, p. 168). Toda a “efervescência social” em Durkheim (1989), percebida no cortejo, desde o deslocamento da Igreja Santa Cruz ao São Francisco, e também no retorno, como visto no Capítulo 3, dá lugar também a uma relação de camaradagem demonstrada no compartilhar dos folhetos dos cânticos e terços no seguir da Procissão, onde as diferenças e o contraditório são substituídos pela unidade social.

Nessa negociação, entre o devoto e o santo, o milagre/grança é a retribuição pelo acordo, havendo penalização se o contrato for quebrado. No entanto, essa relação é permeada pela incerteza, já que nem sempre o pedido é atendido. Então, o devoto confia nos poderes do *Bom Jesus*, numa relação que gera obrigação, mas o pagamento só vem com a aquisição da bênção, logo “um presente dado espera sempre um presente de volta” (MAUSS, 2003, p. 186).

Dessa forma, a presença do santo é real entre os frequentadores da Procissão dos Navegantes e da Festa como um todo e, por meio dos ensinamentos advindos da Antropologia, procurei demonstrar isso. Porém, a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, enquanto fenômeno urbano, insere-se num contexto complexo o suficiente para não se deixar esgotar por qualquer ciência que seja. Nesse sentido, esse trabalho não pretende, nem de longe, exaurir o tema, mas contribuir para o debate acerca da religiosidade popular brasileira.

Como um traço da cultura penedense, a Festa dos Navegantes é marcada pelo tempo, tendo rompido as fronteiras dos muros do Convento Franciscano Santa Maria dos Anjos e caído no domínio do povo, que dela se apropriou reinventando-a desde então. Manter essa Festa viva em Penedo significa solidificar os laços da organização comunitária (agentes do poder público, Igreja Católica e sociedade penedense), que com união, dedicação,

compartilhamento de saberes e experiências, constitui-se na mais forte instituição para a sua realização.

Por esse viés, a Festa em Penedo põe em cena o povo que nela se vê representado como atores e, não somente, expectadores.

A observação da Festa, aliada à minha vivência religiosa, possibilitaram-me interpretações acerca da atividade ritual. Mesmo contendo uma gama de atos rituais (alguns dos quais, pela complexidade e diversidade do campo, e também pelo pouco tempo que tive, como já comentado neste trabalho, perpassaram à minha volta sem maiores investigações ou questionamentos), a Festa dos Navegantes em Penedo mostrou-se como um convite à consagração, visto que, sob a minha visão, tendo a Procissão como o clímax desse encontro, ela se articula segundo quatro elementos compostos por ritos (VAN GENNEP; 1977) que proporcionam o fortalecimento da fé religiosa.

O primeiro elemento, então, seria a *acolhida* dos visitantes, a chegada em Penedo para a Festa, a re(união) dos des(conhecidos), o momento da socialização, quando os moradores de Penedo saúdam os que vêm participar dos festejos. Esse momento é balizado pelos *ritos de separação* (preliminares). É o reconhecer-se parte do processo estando envolvido na busca por ideais que, muito embora se diversifiquem no campo das promessas, estão bastante aproximados pela crença no *Bom Jesus*. É o rompimento com o “mundo” exterior e a aproximação com o “mundo” da festa de Penedo.

No Capítulo 2, descrevi como se dão esses ritos a partir da preparação da cidade para a Festa até a recepção dos devotos. Os hotéis e pousadas prontos para acolher os convidados. A casa dos “conhecidos” de portas abertas para dar dormida e guarita a quem deixou suas obrigações “lá fora” e veio prestigiar o tempo da Festa na saudosa Penedo.

A *invocação* e a *edificação* têm a ver com a construção, com a preparação dos indivíduos para o grande momento: a Procissão. Na temporalidade da Festa, em seus sete dias, aqueles que dela participam em suas missas, quermesses, novenas, liturgias e adorações ao santo estão “trabalhando” para uma transformação interior, corroborando, assim, com uma mudança de *status*, assim posto por Van Gennep (1977).

A *invocação* manifesta-se pela leitura dos textos bíblicos durante as missas e novenas, pelos hinos e cânticos e pelas orações.

É na *edificação* que encontramos os *ritos de margem* (liminares), quando toda a Penedo abre espaço para a Procissão, fechando seus bares e lojas; quando tudo o que é

profano na Festa fica em *stand-by*⁴⁹ para deixar a Procissão passar. As atrações do parque de diversões são suspensas, os shows na arena finalizados, as conversas nos botequins encerradas. Agora, mais ninguém na feira, mais ninguém nas bancas dos ambulantes, mais ninguém nem mesmo na Igreja Santa Cruz, casa do santo. Todos na Procissão, na comunhão, em *communitas* (TURNER; 1974). Corpos em movimento, alguns coreografados ao som do trio elétrico, outros mais introspectivos, ajoelhados, ou correndo para não ficarem distanciados do santo.

Nesse sentido, a construção do Capítulo 3 foi muito importante, pois foi na interação dos devotos com o santo durante a Procissão que tive condições de ver como a margem assume papel relevante no ritual, revelando um espaço intermediário entre os limites do que é doméstico e do que é público, do que é sagrado e do que é profano.

Por fim, o último elemento da Festa é a *despedida*. A hora de dizer adeus. Adeus não a Deus! Que nesse momento pareceu estar mais presente na vida de todos. Confirmei isso pelos sorrisos, pelos abraços, pelas lágrimas, pelos votos de um novo encontro no próximo ano. Endereços trocados, mensagens respondidas, promessas cumpridas, novas amizades, acordos firmados. Dona Mariana Lopes dos Santos, 49 anos, de Aracaju/SE, servidora pública, que já organiza caravana há 10 anos para a Festa de Penedo, não perde tempo, e com seu celular, usando o *WhatsApp*, vai pegando os nomes dos novos conhecidos que querem ir à Canção Nova em 2018... Novas agendas!

A *despedida* traz consigo os *ritos de agregação* (pós-liminares). É hora de ir embora. Os hotéis e pousadas vão se esvaziando. Os ônibus esperando para a partida de volta. As pessoas acenando, sinalizando um “até logo”. Uma fileira quilométrica de carros se formando, o povo se dispersando, a Penedo, aos poucos, voltando ao seu cotidiano.

Isso é estar na festa em Penedo.

A Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes penedense é uma ação coletiva com espaço e tempo sociais extraordinários, em que valores e ideias se manifestam através da execução das várias atividades a ela inerentes, não esquecendo, obviamente, a importância do Rio São Francisco para a sua realização, o qual corresponde ao maior traço da identidade do povo de Penedo.

Portanto, foi preciso muita andança para compreender a relação dos devotos com o santo. Andança esta que me permitiu experienciar momentos de troca e devoção entre os participantes da Procissão dos Navegantes em Penedo. A cantoria, a reza e a festa em louvor

⁴⁹ Palavra inglesa que significa de prontidão, de sobreaviso ou à espera.

ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes irrompem no choro daquele simples pescador. Choro digno de quem vive consigo mesmo e na comunhão com os outros a presença do Senhor Bom Jesus. Suas palavras permanecem vivas em minha memória: “*Só eu sei o que é acompanhá o Bom Jesus...*”.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações. In: **Geografia leituras culturais**. ALMEIDA, M. G. RATTTS, A. JP (Orgs.). Goiânia: Alternativa, 2005.
- ALMEIDA, Maria Regina C. de. O lugar dos índios na história: a contribuição de John Monteiro. In: **Fronteiras & Debates**. Macapá, v. 2, n. 1, jan./jun. 2015.
- AMARAL, Rita de C. **Festa à brasileira**: significado do festejar no país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 5ª edição. São Paulo: ed. Atlas. 1986.
- ARAÚJO, Sérgio Onofre Seixas de; GRAÇA, Ándelli D'amara Santos da. Os Festivais de Cinema de Penedo (1975-1982): impactos para o turismo local. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**: conhecimento histórico e diálogo social. Natal/RN, 2013.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: ContraCapa: 2000.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003, pp.13-48.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**. São Paulo: Ática, 1993.
- BRANDÃO, Théó. Os romances do ciclo do gado em Alagoas. In: **ANAIS do I Congresso Brasileiro de Folclore**. Rio de Janeiro, 1973. v. 2.
 _____. **Folguedos Natalinos**. Maceió: Museu Théó Brandão/UFAL, 2003.
- BRITTO, Adelina Amélia Lubambo de. **A festa do Bom Jesus dos Navegantes em Propriá-SE**: história de fé, espaço das relações sociais e laços culturais. Natal/RN, UFRN, 2010.
- CHAVES, Wagner Neves Diniz. **A Bandeira é o Santo e o Santo não é a Bandeira**: práticas de presentificação do santo nas Folias de Reis e de São José (Tese Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
 _____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
 _____. O ofício de etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1978.
- DIEGUES JR., M. **O Banguê das Alagoas** - Traços da Influência do Sistema Econômico do Engenho de Açúcar na Vida e na Cultura Regional, 3ª Ed., Maceió: EDUFAL, 2006.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. tradução Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto – 2ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

DUARTE, Abelardo. **Negros Muçulmanos nas Alagoas (os Malês)**. Edições Caeté. Maceió/AL, 1958.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Martins Fontes [1912], 1996.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005, 295p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008a.

GUIMARÃES, E.V.C. **Entre janelas e camarotes: o sagrado e o profano na festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL**. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe/ UFS, São Cristóvão/SE, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras – chave da Antropologia Transnacional**. Mana, Rio de Janeiro: Três, 1997.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUME, David. Dialogues and Natural History of Religion, Oxford: Orxford University Press. In: DIX, Steffen. **Da crítica à sociologia da religião**. Revista Lusófona de Ciências das Religiões, ano V, n. 9/10, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008a.

_____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.

_____. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991b.

_____. **De lo rural a lo urbano**. Buenos Aires: Lotus Mare, 1976.

LIMA, Ivan Fernandes. **Ocupação espacial do estado de Alagoas**. Maceió, AL: s.n.,1992.

LODY, Raul. **Jóias de Axé: fios de conta e outros adornos do corpo, a joalheria afrobrasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LOVEJOY, Paul. Slaved Africans in the Diaspora. In: **Identity in the Shadow of Slavery**. London/ New York. Continuum: 2000.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003a, pp. 183-294.

_____. Técnicas do Corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003b.

MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

MÉRO, Ermani Otacílio. **O Perfil do Penedo**. Maceió: SERGASA, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís D. Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1.º e 2.º Graus**. Brasília: MEC/ Mari/ Unesco, 1995.p. 221-228.

OLIVEIRA, Elza. Procissões: de estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. In: **Sacrilegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF, Juiz de Fora/MG, 2015**.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEIXOTO, Ana Carolina Beltrão. **Pescador de ilusões: o trabalho da pesca artesanal e a sustentabilidade do desenvolvimento em comunidades pesqueiras nos municípios de Pão de Açúcar e Olho D'Água do Casado no Baixo São Francisco alagoano**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, Serviço Social, Recife/PE, 2011.

PEREIRA, Edilson Sandro. **O Teatro da Religião: a Semana Santa em Ouro Preto vista através de seus personagens**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional, 2014, Tese (Doutorado).

PEREIRA, J. Carlos. **O sincretismo religioso e ritos: influência das religiões afro no catolicismo popular brasileiro**. São Paulo: Zook, 2004.

PEREIRA, Mariana Aline Barbosa. **A arte das pinturas murais no casario de Penedo (AL): um inventário da produção muralista no século XIX**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro/RJ, 2015.

PEREZ, Léa Freitas. Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas. In: **CIES e-Working Papers**, nº 101. Portugal, 2010.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROGRAMA MONUMENTA. **Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos/ organizadora, Érica Diogo. – Brasília, DF: Iphan, 2009. 304 p.**

RAMOS, Silvana Pirillo. Políticas de Turismo e Cultura: Traduções do Programa Monumenta no cotidiano da população de Penedo – AL. In: **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Natal/RN, 2014.

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2012.

SANCHIS, Pierre. **Arraial - festa de um povo: as romarias portuguesas**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O senhor da história e as tentações do Baixo São Francisco: a festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá/SE (1962-1987). In: **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, nº 33, 1, Faculdade Pio X, Aracaju/SE, 2015.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, D. P. S. **“Arruando” vejo rio, homens, pedra & cal: a des-re-patrimonialização do sítio histórico tombado de Penedo-AL**. Tese de Doutorado do programa de Pós-Graduação em Geografia. UFS, São Cristovão/SE, 2016.

SILVA JR., Cláudio Gomes da. **Da fé à festa: uma análise ritual, simbólica e performática dos festejos da lavagem do Rosário Largo em Penedo, Alagoas**. Universidade Federal de Sergipe, NPPA, São Cristovão/SE, 2013.

SILVA, Maria Angélica da; ALBUQUERQUE, Érica Aprígio de. Conventos, mapas e cidades no século XVII e no presente: conjecturas urbanas através de dobras e superposições cartográficas. In: **IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**. Universidade do Porto/PT. 2011.

SILVA, Renan Aparecido Alves Marcondes da & FILHO, Cyro de Barros Rezende. Um caso de religiosidade popular: a devoção ao Bom Jesus de Tremembé/SP (1969-1972). In: **XIII INIC, IX EPG e III INIC Jr**, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos/SP, 2014.

SOUZA, Hélia Camilo Alves de; SANTOS, Jacilene Barbosa dos; RAMOS, Silvana Pirillo. Rio São Francisco e feira livre de Penedo-AL: limites e possibilidades enquanto atrativos turísticos culturais. In: **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**. Ano XVII - Edição especial. Salvador, BA, 2015, p. 637 – 652.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa– Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Catolicismo e cultura. In: VALLA, V.V. Org. **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.

TEIXEIRA, L.. **Vapores e escravos no Penedo, Alagoas, década de 1850**. Saeculum (UFPB), v. 34, p. 123-142, 2016.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói/RJ, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

VALENTE, Aminadab. **Penedo: sua história**. Maceió, AL: Imprensa Oficial, 1957.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** (Coleção Antropologia, 11). Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: vidas de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: _____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1980.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

Anexo 01

Questionário

NOME: _____

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

ESTADO CIVIL: _____ NATURALIDADE: _____

1. Há quanto tempo frequenta a Procissão?

2. Por que você participa da Procissão?

2. Já fez alguma promessa para o Senhor Bom Jesus? Sim Não

Se “Sim”, poderia dizer qual e por quê?

3. Tem alguma imagem do Senhor Bom Jesus na sua casa? Por quê?

Se “Sim”, como você se relaciona com ela no dia a dia?

4. Você se considera devoto (a) do Senhor Bom Jesus? Sim Não

Se “Sim”, em que sentido? O que é ser devoto (a) de um santo para você?

5. Quem é o Senhor Bom Jesus para você e o que Ele representa na sua vida?

ASSINATURA: _____

DATA: ____/____/201__.

Anexo 02

Programação da Festa dos Navegantes de Penedo em 2016

Programação da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes de Penedo em 2016

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA:	PROGRAMAÇÃO PROFANA (ARTÍSTICA):
<p><u>04/01/2016 – Segunda-feira:</u> 19:00 hs – Noite Mariana (Rosário, Ladainha de Nossa Senhora e Consagração);</p> <p><u>05/01/2016 – Terça-feira:</u> 19:00 hs – Via Sacra promovida pela Juventude;</p> <p><u>06/01/2016 – Quarta-feira:</u> 19:00 hs – Adoração Eucarística;</p> <p><u>07/01/2016 – Quinta-feira:</u> 06:00 hs – Salva de fogos/repique do sino e oração do Ângelus; 12:00 hs – Salva de fogos/repique do sino e oração do Ângelus; 18:00 hs – Salva de fogos/repique do sino e oração do Ângelus; Peregrinação da Imagem: Residência da Srª GESILDA GONÇALVES DE MENEZES. Rua Fernando Peixoto, 146 – Penedo/AL; 18:30 hs – Oração do Terço; 19:00 hs – Celebração Eucarística: Pe. WELLINGTON BARBOSA DA SILVA; Animação Litúrgica: Ministério Bom Jesus; NOITEIROS: Paróquia Santa Luzia, Pastoral Nossa Senhora Auxiliadora, Paróquia São Francisco, Legião de Maria, Confraria São José, Vicentinos, Setor Juventude de Penedo, Terço da Misericórdia, Pastoral Catequética, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Santo Antônio, São José e Nossa Senhora de Fátima;</p> <p><u>08/01/2016 – Sexta-feira:</u> 06:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus; 12:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus; 18:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus Peregrinação da Imagem: Residência da Srª ALARI CERQUEIRA (Rua Joaquim Nabuco, 127 – Centro – Penedo/AL); 18:30 hs – Oração do Terço; 19:00 hs – Celebração Eucarística: Pe. ÉRICK JOSÉ OLIVEIRA DE ALMEIDA; – Animação Litúrgica: Grupo Sagrada Família; NOITEIROS: Casa do Bom Samaritano, CEB’S, Pastoral do Batismo, Terço dos Homens, Apostolado da Oração, Senhor do Bonfim, Nossa Srª Aparecida, Areal, Santa Clara, São Francisco e Primavera, Marizeiro e Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística.</p> <p><u>09/01/2016 – Sábado:</u> 06:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus;</p>	<p><u>07/01/2016 – Quinta-feira:</u></p> <p>– Janaina Martins;</p> <p>– Papo Sérico;</p> <p>– Galã do Brega;</p> <p>– GD (Gabriel Diniz);</p> <p><u>08/01/2016 – Sexta-feira:</u></p> <p>– Toninho e Banda;</p> <p>– Selva Branca;</p> <p>– Alex e Ronaldo;</p> <p>– Wesley Safadão;</p> <p><u>09/01/2016 – Sábado:</u></p> <p>– Cores do Mar;</p> <p>– Ivaldo Maceió;</p> <p>– Luan Santana;</p> <p>– Márcia Fellipe;</p> <p><u>10/01/2016 – Domingo:</u></p> <p>– Arerê é Massa;</p> <p>– Julinho Porradão.</p>

<p>12:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus;</p> <p>18:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus;</p> <p>Peregrinação da Imagem: Residência da Sr^a VÂNIA MARIA GOMES DOS SANTOS (Rua Campos Teixeira, 365 – Penedo/AL);</p> <p>18:30 hs – Oração do Terço;</p> <p>19:00 hs – Celebração Eucarística: Pe. ALAILSON;</p> <p>– Animação Litúrgica: Grupo Vozes da Esperança;</p> <p>NOITEIROS: Paróquia St^o Antônio (Neópolis/SE), Catecumenato, Prefeitura Municipal de Penedo, Câmara de Vereadores de Penedo, Marinha do Brasil, Tiro de Guerra, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Polícia Civil;</p> <p><u>10/01/2016 – Domingo:</u></p> <p>06:00 hs – Celebração Eucarística: Pe. LUIZ RAIMUNDO;</p> <p>– Animação Litúrgica: Família Vicentina;</p> <p>09:00 hs – Celebração Eucarística: Pe. JACKSON RIBEIRO DO NASCIMENTO;</p> <p>– Animação Litúrgica: Grupo divina Misericórdia e Kairós;</p> <p>10:30 hs – Batismo;</p> <p>12:00 hs – Salva de fogos, Repique do sino e Oração do Ângelus;</p> <p>15:00 hs – Procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (terrestre e fluvial);</p> <p>18:00 hs – Celebração de Encerramento da Festa: DOM VALÉRIO BREDA, SDB;</p> <p>– Animação Litúrgica: Movimento Segue-me.</p>	
--	--

Anexo 03

Programação da Festa dos Navegantes de Penedo em 2017

03.01.2017 Terça Feira – ABERTURA DA FESTA

18:30h Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Maria Vanúzia Batista Santos na Travessa Fernando Peixoto nº47, em direção a Capela de Santa Cruz.

19:00h Procissão Luminosa saindo da Capela de Santa Cruz com a Imagem Peregrina do Bom Jesus dos Navegantes pelas ruas da Comunidade.

20:00h Noite Mariana (Terço, Ladainha de Nossa Senhora e Consagração).

Animação: Coral RCC.

04.01.2017 Quarta Feira – Oração pelas Famílias

18:30h Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Francisca Maria dos Santos na Rua José Coelho nº76, em direção a Capela de Santa Cruz.

19:00h Adoração Eucarística até às 20:30h.

Animação: Grupo Segue-me

TRÍDUO DE LOUVOR

05.01.2017 Quinta-Feira

06:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:15h Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Maria Helena Leite Lira na Rua Dr. Joaquim Nabuco nº189, em direção a Capela de Santa Cruz.

18:30h Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h Celebração Eucarística.

Presidente da Celebração: Pe. Samuel Ventura

Animação Litúrgica: Coral Sagrada Família

NOITEIROS: Paróquia de Santa Luzia, Legião de Maria, Mãe Rainha, Confraria de São José, Vicentinos, Setor Juventude de Penedo, Terço da Misericórdia, Pastoral Catequética, Infância Missionária e Equipe da Missa com Crianças, Movimento Fé e Luz, Comunidades: Santa Cruz, São Miguel, Nossa Senhora de Fátima, Areal, São José, Santo Antônio e Irmandade do Santíssimo Sacramento.

06.01.2017 Sexta-Feira

06:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:15h Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Maria Lúcia Castro na Rua Campos Teixeira nº323, em direção a Capela de Santa Cruz.

18:30h Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h Celebração Eucarística.

Presidente da Celebração: Pe. Jackson Ribeiro do Nascimento

Animação Litúrgica: Grupo Ágape

NOITEIROS: Área Pastoral Nossa Senhora Auxiliadora, Casa do Bom Samaritano, CEB'S, Pastoral do Batismo, Grupos da Melhor Idade: Alegria de Viver e Penedo Novos Horizontes, Terço dos Homens, Apostolado da Oração, Comunidades: Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida, Vilas: Santa Clara, São Francisco, Primavera, Bairro Vitória, Marizeiro, Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística e OFS.

07.01.2017 Sábado

06:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e ORAÇÃO DO Ângelus.

18:15h Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhorita Altair Fontes na Rua Fernando Peixoto nº288, em direção a Capela de Santa Cruz.

18:30h Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h Celebração Eucarística.

Presidente da Celebração: Pe. Erick José Oliveira de Almeida

Animação Litúrgica: Coral Vox Populi

NOITEIROS: Paróquia São Francisco de Assis, ECC, Catecumenato, Prefeitura Municipal de Penedo, Câmara de Vereadores, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Capitania dos Portos, Marinha do Brasil, Tiro de Guerra, Bancários, Comerciantes, Funcionários Públicos e SINDSPEM.

21:30h Palco Central – Show com Nico Melodia e JS

08.01.2017 Domingo – Romaria do Bom Jesus dos Navegantes

06:00h Salva de Fogos e Celebração Eucarística

Presidente da Celebração: Frei Antônio Rodrigues, OFM

Animação Litúrgica: Coral Ministério Bom Jesus

09:00h Celebração Eucarística

Presidente da Celebração: Pe. Jackson Ribeiro do Nascimento

Animação Litúrgica: Grupo Divina Misericórdia e Kairós

10:30hs. Igreja São Gonçalo Garcia – Realização de Batizados

12:00h Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

15:00h Saída da Procissão Triunfal da Capela de Santa Cruz com o Andor do Glorioso Bom Jesus dos Navegantes, percorrendo as principais ruas da Comunidade em direção ao cais do Porto Rio São Francisco para realização da procissão Fluvial.

18:00h Capela de Santa Cruz – Celebração da Santa Missa Campal

Presidente da Celebração: Dom Valério Breda, SDB (Concelebrada com todos os Padres da Cidade) Animação Litúrgica: Movimento Segue-me

20:00h Palco Central – Show Religioso com a Banda Rosa de Saron.